

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Filosofia, Sociologia e Política**  
**Programa de Pós-Graduação em Sociologia**

**Dissertação**



**De terno, gravata e algemas: o *habitus* empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa**

**Sabrina Sampaio Rakow**

**Pelotas, 2023**

**Sabrina Sampaio Rakow**

**De terno, gravata e algemas: o *habitus* empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas.

**Orientador: Prof. Dr. Marcio Silva Rodrigues**

**Pelotas, 2023**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

R162d Rakow, Sabrina Sampaio

De terno, gravata e algemas : o habitus empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa / Sabrina Sampaio Rakow ; Marcio Silva Rodrigues, orientador. — Pelotas, 2023.

136 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Empresarização. 2. Literatura erótica. 3. Habitus empresarial. I. Rodrigues, Marcio Silva, orient. II. Título.


Sabrina Sampaio Rakow

De terno, gravata e algemas: o *habitus* empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23 de fevereiro de 2023


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 MARCIO SILVA RODRIGUES  
Data: 31/03/2023 14:31:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Marcio Silva Rodrigues (Orientador)


Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina

Documento assinado digitalmente  
 ELAINE DA SILVEIRA LEITE  
Data: 03/04/2023 10:27:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Elaine da Silveira Leite

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos

Documento assinado digitalmente  
 Helena Kuerten de Salles Uglione  
Data: 04/04/2023 10:21:40-0300  
CPF: \*\*\*.280.899-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof. Dra. Helena Kuerten de Salles Uglione

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina

## DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo aos meus pequenos  
afilhados. Vocês são o futuro!*

## AGRADECIMENTOS

É aqui que mostro os “bastidores” dessa produção. Aos que me conhecem fora das salas de aula, fora das reuniões de pesquisa e além da Sabrina pesquisadora, sabem o lado emotivo e sensível tão presentes nas minhas mais diversas personalidades. O processo de construção de uma dissertação e todas as etapas necessárias até conseguir o tão sonhado título de Mestra por vezes são bastante solitários. Na grande maioria do tempo, somos nós e a nossa pesquisa. Com algumas teorias, algumas hipóteses que por vezes parecem que nunca vão se consolidar ou que nunca farão sentido algum, mas aos poucos, elas tomam forma. Escolher as nossas pessoas é o mais próximo que chegamos de controlar o nosso próprio destino, porque independente do que aconteça, elas estarão ali, e eu escolhi muitas, que tornaram essa caminhada mais leve e tranquila.

Começo agradecendo à Tia Marizete e ao Tio Laudenir - meus pais - como são carinhosamente chamados por amigos, sobrinhos e, inclusive, por mim. Pelo coração grande para abrigar tanta gente querida por perto, por me ensinarem o valor das coisas, das pessoas e do estudo. Por tornarem essa caminhada possível. Essa conquista também é de vocês.

Ao Marcio, que com muito carinho e atenção, tornou este trabalho possível. Te tornastes um grande amigo ao longo dessa caminhada, obrigada por confiar em mim, por confiar na minha ideia, por me incentivar e por nunca largar a minha mão. O resultado desse trabalho é um reflexo do teu cuidado, das tuas leituras minuciosas, de cada correção, sugestão e ensinamento nesses dois anos. É uma honra ser tua orientanda, obrigada por tanto. À Larissa, por ouvir todos os meus áudios e sempre trazer contribuições tão importantes. Vocês foram impecáveis.

Ao João, meu melhor amigo, meu companheiro e meu amor! Obrigada por me manter sã, por lutar ao meu lado nas causas que acreditamos, por dividir os sorrisos e os choros e por ser o maior apoiador de cada ideia minha, por mais maluca que seja. Eu te admiro. Que continuemos sempre cuidando um do outro.

À minha madrinha, Nara, que sempre encontra um espacinho para ser um pouco minha mãe também e por vibrar a cada conquista minha. Também aos meus avós, que apesar de nunca entenderem muito bem o que eu estava fazendo, sempre se preocuparam em saber “como estava a escola”. Ao André, meu primo e parceiro de vida acadêmica, por sempre ter bons ouvidos e compartilhar experiências, eu torço demais por ti. À Anita, minha grande amiga, prima, comadre e psicóloga quando necessário, onde eu sempre encontro um abraço, uma palavra de

carinho e uma cama para dormir. Tu sempre foste essencial. A vocês, todo o meu amor e carinho.

Gustavo, Pedro, Roberta e Sophia, minhas eternas crianças e afilhados, que eu sempre possa acompanhar vocês. Que vocês cresçam um pouco mais devagar e, quando crescerem, continuemos bons amigos. A vida adulta as vezes é um perrengue, mas acontece muita coisa boa e vocês nunca vão estar sozinhos.

Às gurias: Tainá, Yasmin, Érica, Stefany, Keyt e Flávia. Eu gostaria de poder fazer um compilado de todos os áudios que trocamos nestes dois anos e incluir como anexo deste trabalho. Vocês participaram de tudo, compartilharam sorrisos, abraços, segredos, cafés da tarde, ligações por vídeo e algumas cervejas geladas. Vocês me inspiram o tempo todo!

Ao Vitor, meu colega de faculdade, de mestrado, de estágio docente e grande amigo. Eu perdi as contas de quantas mensagens te mandei pedindo ajuda, opinião ou, apenas, para usar as nossas conversas como um acervo pessoal onde depusitei aflições, dúvidas, ideias e alguns devaneios. Tu colaboraste para que esta caminhada fosse mais leve, mais divertida e menos solitária. A gente ainda se encontra por aí, em alguma sala de aula.

Às professoras Elaine e Helena que participaram da banca de qualificação e da defesa final desta Dissertação e à professora Monise, que apesar de não estar presente na defesa final, esteve na banca de qualificação. Pelo cuidado e atenção que tiveram com o meu trabalho, pelas palavras carinhosas e as contribuições tão importantes. Vocês são inspiradoras, obrigada!

Por fim, mas não menos importante, eu gostaria de agradecer imensamente, à Universidade Federal de Pelotas, na qual também fiz a minha graduação e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, sempre muito atenciosos e prestativos. Também agradeço à CAPES pela bolsa de pesquisa durante os dois anos de mestrado. Esta pesquisa, desenvolvida durante uma pandemia mundial e em um período tão difícil em que as Universidades sofrem com tantos cortes de orçamentos e com a desvalorização da ciência, também é uma demonstração de luta e resistência pelas Universidades públicas, para que gerações após a minha tenham acesso ao ensino gratuito e de qualidade que eu também tive. Que possamos cada vez mais ver pessoas de origem humilde tornando-se mestres e doutores.

Mais uma vez ressalto, que os que citei até aqui e que me conhecem por inteiro, sabem que estou terminando estes agradecimentos com lágrimas nos olhos. É um privilégio estar aqui, é um privilégio fazer parte disso. A todos vocês, o meu muito obrigada!

*Freedom! Freedom! I can't move  
Freedom, cut me loose!  
Singin', freedom! Freedom! Where are you?  
Cause I need freedom too!  
I break chains all by myself  
Won't let my freedom rot in hell  
Hey! I'ma keep running  
Cause a winner don't quit on themselves*

*Beyoncé*



## RESUMO

RAKOW, Sabrina Sampaio. De terno, gravata e algemas: o *habitus* empresarial na literatura erótica e a centralidade da ideia de empresa. Orientador: Marcio Silva Rodrigues. 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2023.

Partindo da centralidade da empresa no mundo e a influência dos discursos e práticas empresariais para qualquer forma de organizar, percebemos o quão comum e apreciado passou a ser a ideia de empresa e a força que ela pode ter nos mais diversos espaços e campos, reforçando a generalização da ideia de empresa e o próprio processo de empresarização do mundo (RODRIGUES E SILVA, 2019). Neste trabalho, realizamos o esforço de pensar o poder da empresa através de um novo olhar teórico, associando-o aos estudos de Pierre Bourdieu, a fim de compreendê-lo como um conjunto de símbolos (comportamentos, regras, gostos, características, opiniões, estética e valores), um *habitus* (BOURDIEU, 1989), que estipula uma determinada ordem, um processo cultural tipicamente moderno e intensificado pelo neoliberalismo, que estabelece a forma como nós estamos no mundo, como nos relacionamos e nos identificamos com o mundo. Através do processo de produção e consumo da literatura erótico-empresarial, um subcampo da literatura erótica, nos deparamos com um conjunto de símbolos que contribuem para consolidar um novo *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo. Este conjunto simbólico foi encontrado em dados coletados a partir de um universo fictício, composto por duas obras do referido nicho literário e os respectivos cenários, personagens e enredos e, também, um universo real, observado através da perspectiva de duas autoras do ramo e das respectivas consumidoras. Para além destas questões, os dados encontrados nos permitiram entender que o processo de empresarização, assim como o próprio *habitus* empresarial, que se apresenta através de instrumentos de divisão do trabalho, relações de dominação, de exploração, de consumo e de concorrência, ligados à ideia de igualdade, liberdade e progresso, principalmente econômico, se reforçam e recebem maior legitimidade quando associados às instâncias tradicionais de socialização, ultrapassando os aspectos racionais e chegando a um patamar transcendental, mantendo uma determinada ordem social e moral composta por comportamentos e valores que consolidam e sustentam um conjunto de posições sociais e as mais diversas formas de dominação presentes no mundo desde a antiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: Empresarização; Literatura Erótica; *Habitus* empresarial.

## ABSTRACT

RAKOW, Sabrina Sampaio. In suit, tie and cuffs: the corporate habitus in erotic literature and the centrality of the idea of business. Advisor: Marcio Silva Rodrigues. 136p. Dissertation (Master in Sociology) - Postgraduate Program in Sociology, Federal University of Pelotas. Pelotas, 2023.

Starting from the centrality of the company in the world and the influence of business discourses and practices for any form of organizing, we realize how common and appreciated the idea of business has become and the power it can have in the most diverse spaces and fields, reinforcing the generalization of the idea of business and the very process of entrepreneurialization of the world (RODRIGUES E SILVA, 2019). In this paper, we make the effort to think the power of the company through a new theoretical look, associating it with the studies of Pierre Bourdieu in order to understand it as a set of symbols (behaviors, rules, tastes, characteristics, opinions, aesthetics and values), a habitus (BOURDIEU, 1989), which stipulates a certain order, a cultural process typically modern and intensified by neoliberalism, which establishes the way we are in the world, how we relate and identify with the world. Through the process of production and consumption of erotic-enterprise literature, a subfield of erotic literature, we encounter a set of symbols that contribute to consolidate a new corporate habitus and, consequently, intensify the idea of enterprise in our world. This symbolic set was found in data collected from a fictional universe, composed of two works of the said literary niche and their respective scenarios, characters and plots, and also a real universe, observed through the perspective of two female authors of the industry and their respective consumers. Beyond these issues, the data found allowed us to understand that the process of entrepreneurialization, as well as the entrepreneurial habitus itself, which is presented through instruments of division of labor, relations of domination, exploitation, consumption and competition, linked to the idea of equality, freedom and progress, mainly economic, are reinforced and given greater legitimacy when associated with traditional instances of socialization, going beyond the rational aspects and reaching a transcendental level, maintaining a certain social and moral order composed of behaviors and values that consolidate and sustain a set of social positions and the most diverse forms of domination present in the world since antiquity.

**KEY WORDS:** Entrepreneurialization; Erotic Literature; Corporate Habitus.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Definição e detalhamento do habitus empresarial.....	52
Quadro 2. Obras selecionadas para coleta de dados.....	64
Quadro 3. Elementos analisados no processo de produção e consumo.....	68
Quadro 4. Lista dos 10 livros mais vendidos da loja Kindle da Amazon.....	72
Quadro 5. Definição do habitus empresarial após a análise.....	119

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BDSM – Bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e sadomasoquismo

CEO – Chief Executive Officer

KDP – Kindle Direct Publishing

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

1. Introdução	14
1.1 Objetivo Geral	20
1.2 Objetivos Específicos	21
1.3. Justificativa	21
2. Caminhos teóricos	30
2.1 O processo de empresarização	30
2.2 Contribuições teóricas de Pierre Bourdieu	37
2.3 A caracterização do <i>habitus</i> empresarial	43
3. Metodologia	56
3.1 Perguntas de pesquisa	56
3.2 Caracterização do tipo de estudo	57
3.3 A construção do <i>corpus</i> do trabalho	57
3.5 Análise dos dados	66
4. Análise do material coletado	69
4.1. Literatura erótico-empresarial? De onde veio essa ideia?	70
4.1.2. Os contos eróticos empresariais	83
4.2. A relação do processo de produção e consumo com o fenômeno da empresarização	112
Considerações finais	122
Referências	129

## 1. Introdução

“Qual é o problema de você ler um livro e ficar excitada? Se um homem compra uma *Playboy* ninguém fala nada” é a resposta dada por Juliana Dantas em uma entrevista, uma das autoras dos romances eróticos mais populares do país. Jéssica Macedo, de 24 anos, só em 2019 publicou 15 títulos eróticos, dois deles em primeiro lugar na lista de mais vendidos na plataforma Kindle. Mas o maior fenômeno do gênero do Brasil é Nana Pavoulih, que acumula 100 mil e-books vendidos e 90 mil cópias físicas, já publicou por grandes editoras como Rocco e Planeta, tem contrato com a plataforma de *audiobooks Storytel*<sup>1</sup> e vendeu direitos de suas obras para o cinema e para a TV Globo<sup>2</sup>.

Apesar da atual popularidade da literatura e de estar presente na cultura escrita desde a Antiguidade, o erotismo sofreu inúmeras represálias feitas por representantes políticos e religiosos de cada período histórico. Por ser considerado um assunto tabu, as mulheres foram as que mais sofreram com toda a censura moral, sendo excluídas do mercado editorial erótico, seja pela sua “fragilidade mental” termo atribuído às mulheres por médicos e religiosos, vistas como o “sexo frágil” e, por isso, suscetíveis ao encanto da narrativa, correndo o risco de esquecer das convenções sociais, ou então, pela predominância de elementos característicos dos “romances para homens” ou “romances para se ler com uma mão só”, tais como: temática sexual servindo de pano de fundo na narrativa; descrição de cenas de sexo; apologia as práticas sexuais (heterossexuais e homossexuais); entre outros (AZEVEDO, 2017).

Se considerarmos o significado dado à palavra “erotismo” no dicionário Michaelis, nos deparamos com “Tendência ao amor sensual” ou então “Indução ou tentativa de indução de sentimentos sexuais em obra de arte, mediante sugestão, simbolismo ou alusão” (EROTISMO, 2022), diferente do significado da palavra “pornografia”, que conforme encontrado no dicionário é “Qualquer coisa (arte, literatura etc.) que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena” (PORNOGRAFIA, 2022). Apesar de muitos autores tentarem diferenciar esses termos, para os fins deste trabalho, ora utilizaremos o termo erótico, ora o termo pornográfico, conforme a definição dada por Sarane Alexandrian:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnavais; o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. (ALEXANDRIAN, 1993, p.8)

<sup>1</sup> A Storytel é um dos maiores serviços de streaming de audiobooks e e-books com assinatura do mundo e oferece mais de 500.000 títulos para ouvir e ler, em escala global.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/01/02/literatura-erotica-perde-a-vergonha-e-se-consagra-como-genero-no-brasil.htm> acesso em: 24/01/2022

No Brasil colonial já existiam publicações de cunho pornográfico, no entanto é no período entre 1800 à 1920 que o gênero se consolida e populariza no país, criando a formação de uma cultura pornográfica. Em 1923, foi efetivado o decreto nº 4.473, o qual proibia a venda e exposição de publicações que ofendesse a moral pública e os bons costumes, fortemente influenciado pelo catolicismo português (AZEVEDO, 2017). No período entre 1964 à 1985, que corresponde à ditadura civil-militar, as vendas de livros eróticos explodem, sendo também, curiosamente, o período que o gênero sofre uma grande censura, sendo considerado como uma forma de prazer proibido. Conseqüentemente, as editoras e os autores tentavam burlar a censura e, no caso dos autores, destaca-se a manutenção do uso dos pseudônimos, que foram estabelecidos, principalmente, na época dos anos 1980, com a formação de um mercado editorial e cultura erótica, que enfrentava a censura moral e moldava e delimitava os contornos do gênero (MORAES; PASSOS, 2021).

Na década de 1990, a literatura erótica tem uma retomada, sendo predominantemente feita por mulheres ou pessoas que se apresentam como mulheres. A partir de 1994, os usuários podiam publicar informações em *weblogs*, posteriormente chamados de *blogs*, que poderiam servir como diários pessoais, para abordar diversos assuntos, entre eles, a literatura erótica, incentivando o fenômeno da auto publicação (MORAES; PASSOS, 2021).

Em maio de 2011, foi lançado o primeiro livro da saga “50 tons de cinza” que no ano de 2015 se tornaria filme e atingiria a marca de R\$ 1,5 bilhão em bilheteria global. Só aqui no Brasil, o filme rendeu pouco mais de R\$ 69 milhões, tornando-se o filme da categoria R (voltado para maiores de 17 anos) mais lucrativo da história da Universal, empresa produtora dos filmes, segundo a Revista Exame<sup>3</sup>. Basicamente, a temática do filme pensada para o público feminino, tem a proposta de apresentar um romance adulto, erótico, da jovem Anastácia Steele, que se apaixona pelo empresário Christian Grey, dois arquétipos muito definidos e clichês que passariam despercebidos se não fosse pelo gosto peculiar de Christian Grey por ser adepto do BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo). Os contos acontecem em três volumes – *Cinquenta tons de cinza*, *Cinquenta tons mais escuros* e *Cinquenta tons de liberdade*.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://exame.com/casual/50-tons-de-cinza-arrecada-mais-de-r-1-5-bilhao-em-bilheteria/> acesso em: 21/11/2021

Os livros da trilogia são um fenômeno, surgiram de uma *fan fiction*<sup>4</sup> da série de livros de *Crepúsculo* atingindo uma expressividade crescente na mídia. Segundo a Intrínseca<sup>5</sup>, editora dos livros, no ano de 2012, 13 livros eram vendidos a cada minuto no Brasil, ocupando as três primeiras posições em todas as listas de mais vendidos e somando 2.370.000 exemplares comercializados. Responsável por sucessivos recordes, a série, que já tem mais de 67 milhões de livros comercializados em 47 países, também acumula a marca de maior número de vendas de e-books no Brasil: desde seu lançamento, que foi simultâneo à versão impressa, a trilogia já contabiliza 53 mil livros digitais vendidos, segundo a editora.

Aparentemente sedimentado pela trilogia de 50 tons de cinza, percebemos o surgimento de uma nova onda de livros que chamaremos aqui de **literatura erótico-empresarial**. Apesar de ser ainda novo e desconhecido por muitos, tomou uma grande proporção nos últimos anos, incluindo títulos na lista dos 100 livros mais vendidos no site na loja Kindle da Amazon<sup>6</sup>. Qualquer um dos livros abordados aqui, parecem ser permeados de afeto, as mulheres que aparecem na trama dos livros buscam amor e romance e os encontram. Encontramos nos livros uma fantasia, de um homem poderoso, rico e bonito que daria tudo o que muitas Anastacias querem: uma noite no baile, vestidos, sapatos e roupas caras, jantares românticos e uma vida sexual incrível, uma belíssima história de contos de fadas (HOMEM, BASTOS E SANCHES, 2014). Assim, não apenas as personagens das histórias, mas as leitoras buscam encontrar o seu “Christian Grey” na realidade, levando muitas delas até mesmo ao divórcio<sup>7</sup>, por não encontrar ressonância com a realidade.

Diferente das demais literaturas eróticas que conhecemos, a literatura erótico-empresarial tem como personagem principal a figura do *Chief Executive Officer (CEO)*, do empresário ou do chefe. Diferente de qualquer outra representação, em qualquer outra literatura que evidencie o CEO de uma empresa, como por exemplo, na antiga e comum literatura gerencial, em que a figura do gestor sempre foi a de um messias, de alguém que conduz, que ensina, que serve de exemplo devido ao seu sucesso na carreira profissional, na literatura erótico-empresarial, o gestor é, além de tudo isso, objeto de desejo sexual.

---

<sup>4</sup> *Fan Fictions* (Ficções de Fãs) são histórias escritas por fãs de narrativas de ficção e publicadas online em blogs, sites e redes sociais.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2012/12/cinquenta-tons-de-cinza-vende-13-livros-por-minuto-no-brasil/> acesso em: 01/12/2021

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/digital-text/ref=zg\\_bs\\_pg\\_2?ie=UTF8&pg=2](https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/digital-text/ref=zg_bs_pg_2?ie=UTF8&pg=2) acessado em: 09 de outubro de 2021

<sup>7</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/tabloide/ultimas-noticias/tabloideanas/2012/11/13/homem-se-recusa-a-reproduzir-cenas-de-cinquenta-tons-de-cinza-e-provoca-divorcio.htm> acessado em: 02 de dezembro de 2021



No Brasil, desde os anos 1990 diversos autores vêm chamando a atenção para o crescimento de uma literatura não científica que, ao tomar a linguagem e a lógica empresarial para abordar situações cotidianas, contribui para ampliar a presença da ideia de empresa nos mais variados espaços. Um exemplo disso é a literatura de autoajuda, que com o passar do tempo, foi se voltando cada vez mais, a um modelo de autoajuda para negócios, com o propósito de apresentar soluções para os dilemas pessoais e emocionais dos profissionais de Administração. Fortemente influenciadas e disseminadas através da reputação dos *gurus*<sup>8</sup>, que foram chave para a construção do nicho de literatura de autoajuda (voltada para negócios), sendo considerados atores socialmente hábeis para estes novos campos emergirem (PICANÇO, 2013)

Apesar de receber algumas críticas quanto ao teor das histórias narradas nestes livros, muitos deles tornaram-se *best-sellers* dentro do campo de literatura de autoajuda. Alguns autores restringem estas literaturas ao *pop-management*<sup>9</sup>, nome dado por Wood Jr & Paula (2002a, 2002b, 2010) e Martelli (2006) aos primeiros livros e revistas de consumo rápido criados pela mídia de negócios, que faz parte da indústria do *management*, assim como as empresas de consultoria, os gurus empresariais e as escolas de negócios, responsáveis tanto pela difusão de novos paradigmas de gestão empresarial, quanto pelo desdobramento nos discursos de autoajuda (PICANÇO, 2013).

Tomando a centralidade da empresa no mundo e a influência dos discursos e práticas empresariais para qualquer forma de organizar, percebemos o quão comum e apreciado passou a ser a ideia de empresa e a força que ela pode ter nos mais diversos espaços, inclusive em livros, filmes ou seriados, por exemplo. No entanto, é muito comum que ao abordar as formas de organização, automaticamente, pensamos, e muitas vezes reduzimos a ideia de organização à de empresa. Fica ainda mais fácil confundir estes conceitos quando organizações não-empresariais, passam a adotar esses comportamentos, como o Estado, as universidades, hospitais ou escolas, por exemplo, servindo como modelo para a aplicação do comportamento empresarial nos mais diferentes contextos. Por esta razão, Rodrigues e Silva (2019), analisam a ideia da empresa no centro do mundo, ou seja, a forma como todos os processos de organizar, as visões de mundo, as identidades e as relações sociais são influenciadas pela forma empresa.

---

<sup>8</sup> Gurus são os escritores que, em geral, têm como uma de suas atividades principais a atividade de palestrante ou consultor organizacional. (PICANÇO, 2013, p. 52).

<sup>9</sup> O *pop-management*, que costuma ser facilmente representado com um “manual” de autoajuda de como aplicar o comportamento empresarial no seu cotidiano para atingir o sucesso, passou a disseminar leituras empresariais e que relacionam “fantasias de poder” com o contexto organizacional, conforme Wood Júnior e Paula (2002<sup>a</sup>, 2002<sup>b</sup>)

Esse fenômeno recebe o nome de processo de empresarização do mundo (RODRIGUES E SILVA, 2019).

A literatura erótico-empresarial parece ser um exemplo do referido processo. À primeira vista, ela possui propósito completamente diferente das antigas literaturas de negócios, já que se trata de um gênero literário voltado para histórias de ficção, com o intuito de atender aos desejos do público feminino, de forma majoritária. No entanto, ao contrário do que pensávamos inicialmente, notamos que esse novo nicho literário e essa “atualização” que vem acontecendo na literatura erótica, é tão influenciada pelo comportamento empresarial, quanto qualquer outra literatura. Isso tudo, parece reforçar a centralidade da ideia de empresa em nosso mundo, uma vez que ela parece ser capaz de alcançar até mesmo o nicho da literatura erótica, transformando os CEOs, os empresários ou os gestores, em figuras de desejo ou, até mesmo, de fetiche sexual e, para além disso, o espaço empresarial passou a ser o cenário das tramas de contos eróticos.

Essa “atualização” da literatura erótica parece ser um reflexo dos gostos e anseios da sociedade contemporânea, que ao mesmo tempo que tenta fugir de uma literatura voltada ao público masculino, como eram as primeiras literaturas eróticas que aparecem no Brasil, possuem um traço muito marcante e muito enraizado na sua forma de criação, no momento em que a empresa e o indivíduo de poder dentro dela passam a ser central nessas obras que parece remeter as atualizações proporcionadas por um cenário neoliberal. Se pensarmos a partir de uma perspectiva bourdieusiana a respeito do mundo da arte e, especialmente da literatura, veremos que:

[...] quase todas as obras trazem a marca do sistema de posições em relação às quais se define sua originalidade, e contêm indicações acerca do modo com que o autor pensou a novidade de seu empreendimento, ou seja, daquilo que o distinguiu, em seu entender, de seus contemporâneos e de seus antecessores. (BOURDIEU, 2007, p. 112)

Não só como uma forma de diferenciação, estas obras também podem ser a marca de um conjunto de influências que, tanto os indivíduos que produzem as obras quanto quem consome, tende a receber no seu processo de socialização. Tais características, segundo Bourdieu (1989), constituem um *habitus*, que consiste basicamente em um conjunto de valores, regras, gostos e opiniões que estão presentes em cada campo em que os agentes estão inseridos e que tendem a diferenciar os indivíduos em classes a partir do consumo e da apropriação de um conjunto de símbolos, que remetem a estas classes. Dessa forma, os gostos deixam de ser mera subjetividade dos indivíduos e passam a ser o reflexo de uma “objetividade interiorizada” (ORTIZ, 1983), fortemente presentes nas escolhas estéticas dos indivíduos, como na fala, no

comportamento, na forma de se vestir, nos bens que possuem ou, até mesmo, nas atividades de lazer que realizam.

Por esses motivos, a literatura erótico-empresarial será analisada aqui como um subcampo da literatura erótica diferente das demais literaturas de romance, eróticas ou pornográficas, principalmente por evidenciar a figura do sujeito empresarial, na grande maioria das suas histórias, criando a possibilidade de explicar, através do simbólico, o seu processo de produção e consumo. Além disso, um subcampo literário, aparentemente influenciado por um *habitus* empresarial generalizado que nos leva a compreender o processo de empresarização como uma forma de poder, um processo cultural tipicamente moderno e intensificado pelo neoliberalismo, que estabelece a forma como nós estamos no mundo, como nos relacionamos e nos identificamos com o mundo. Acima de tudo, um processo legítimo e amplamente reconhecido que se constitui e reproduz na própria estrutura dos mais diversos campos, dentre outros espaços, na literatura.

Pensar a literatura erótico-empresarial, como um subcampo da literatura aparentemente atingido por um *habitus* empresarial, significa pensar no conjunto de influências que essa literatura recebe, na sua aproximação com instituições sociais e no conjunto de símbolos presentes nela que remetem os gostos e valores da sociedade contemporânea. Se para Bourdieu (1989) toda a relação de comunicação é sempre uma relação de poder que depende do poder material ou simbólico dos agentes envolvidos nas relações, a leitura prévia de alguns resumos dessas obras sinaliza a presença marcante de relações de dominação, apesar dos diversos avanços em termos de conquistas de direitos das mulheres. O mote que sustenta boa parte dessas obras é aparentemente um reflexo das práticas empresariais, embora o discurso delas seja o oposto. Se por um lado, a ideia de empresa, por estar assentada em pressupostos liberais, carregue em si as noções de igualdade, liberdade e progresso (RODRIGUES, 2021), por outro, a existência desse nicho literário contribui para naturalizar práticas pré-modernas, tais como a manutenção de hierarquias, divisão de cargos e precisamente, a dominação masculina.

Partindo do contexto empresarial e dos estudos sobre organizações, as organizações formais, têm sido historicamente dominadas por homens, exceto nos cargos em que a função é dar apoio, servir, agradar, bajular e entreter. Como menciona Bourdieu, os postos de liderança, cargos de administradores e gestores sempre foram majoritariamente masculinos e a própria dominação masculina se reforça através dos instrumentos de divisão do trabalho, atividades atribuídas ao sexo masculino e ao feminino, a estrutura do espaço, o lugar de assembleias, reservados aos homens, enquanto a casa, por exemplo, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2020).

Após analisar os trabalhos existentes e refletir sobre essas mudanças presentes na literatura erótico-empresarial, surgiram muitas questões que levaram a desenvolver e dar continuidade nesta pesquisa. Em termos mercadológicos, esse nicho literário parece muito difundido e bastante amplo, se observarmos, por exemplo, a lista de mais vendidos da Amazon. Nela encontramos diversos títulos, que se enquadram nessa temática, facilmente disponibilizados e com um valor acessível de compra. Assim, o interesse desta pesquisa recai para a produção e o consumo desse novo mercado, ou seja, quem produz, quem consome, qual o público-alvo, quem se apropria, bem como observar a percepção das autoras e dos consumidores, sobre a ideia de empresa, a aproximação com tais estruturas e instituições sociais e o quanto este pode influenciar na construção e consumo das obras.

Analisaremos aqui, os traços empresariais, a linguagem, as falas, as representações, os cenários, ou seja, o conjunto de símbolos presentes nesse novo nicho e ao que eles remetem, como uma característica de diferenciação e de caracterização tanto de quem produz, quanto de quem consome, que se faz possível conhecer o mundo e as formas de dominação presentes nele. Um conjunto de símbolos, considerados instrumentos de integração social de conhecimento e de comunicação que tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social, e que contribuem para a ordem social, uma forma de poder simbólico, que só pode ser exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989). Dessa forma, este trabalho parte do seguinte questionamento: **Como o conjunto de símbolos presentes no subcampo da literatura erótico-empresarial contribui para consolidar o *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo?**

Com esta pergunta inicial, direcionamos esta pesquisa e definimos, nas próximas seções, o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearão este trabalho. Em seguida, desenvolvemos a justificativa da escolha do tema de pesquisa, a relevância e possíveis contribuições do trabalho para estudos organizacionais e para os estudos já realizados sobre o assunto e as lacunas de pesquisa encontradas.

## 1.1 Objetivo Geral

Com base no problema de pesquisa proposto, o objetivo geral fica definido como:

- Analisar como o conjunto de símbolos presentes no subcampo da literatura erótico-empresarial contribui para consolidar o *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo.

## 1.2 Objetivos Específicos

Considerando o objetivo apresentado, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar os aspectos simbólicos presentes no processo de produção da literatura erótico-empresarial;
- Analisar o processo de consumo da literatura erótico-empresarial e a aproximação que possuem com tais aspectos simbólicos;
- Discutir como os processos de produção e de consumo da referida literatura se relacionam com o processo de empresarização.

## 1.3. Justificativa

Não muito diferente da grande maioria dos trabalhos acadêmicos, a escolha deste tema também parte de uma inquietação bastante pessoal e que gera um desconforto muito grande na autora deste trabalho. Formada em Administração, pela Universidade Federal de Pelotas e após a experiência de trabalhar em algumas organizações, tanto públicas quanto privadas, percebe que a ideia de líder está, na grande maioria das vezes, associada a uma figura masculina e que o mundo corporativo, por mais que tenha uma aura pretensamente igualitária e um discurso liberal, principalmente quanto aos aspectos econômicos, incorpora e absorve estruturas históricas de dominação, não apenas de gênero, tendendo a reproduzir preconceitos e discriminações estruturais de cada sociedade.

Recentemente, no ano de 2018, em uma pesquisa realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>10</sup>, foram traçadas algumas tendências de emprego feminino, em que foi possível verificar, e confirmar, que as desigualdades sociais e, neste caso, desigualdades de gênero continuam muito presentes no mercado de trabalho. A pesquisa demonstra que em 2018, a taxa de participação feminina global no mercado de trabalho é 48,5 por cento, 26,5 pontos percentuais inferior ao dos homens.

---

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends-for-women2018/WCMS\\_619603/lang--es/index.htm](https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends-for-women2018/WCMS_619603/lang--es/index.htm) acesso em: 10/11/2021

Essas taxas tornam-se ainda mais alarmantes, se pensarmos no espaço ocupado por estas mulheres em cargos de liderança dentro das organizações. Na pesquisa realizada pela OIT em 2018, identificou-se que a quantidade de mulheres em postos de administradoras de empresas é quatro vezes menor que a dos homens. Um outro estudo feito pela Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>11</sup> no ano de 2020, que ao analisar 115 países diferentes, conclui que a diferença salarial média é de 14% e nas profissões dominadas por homens as diferenças salariais são ainda mais altas. Conforme a pesquisa, cerca de 73% de todos os gerentes são homens, bem como 77% dos trabalhadores artesanais e comerciais. Esses dois grupos representam as duas categorias onde as diferenças salariais entre os gêneros são maiores.

Desde o primeiro momento, ao pensar sobre estas questões e principalmente nestas desigualdades de gênero que são tão presentes no mundo corporativo, pensamos que esta pesquisa seria uma oportunidade para problematizar e analisar esse assunto. Acreditamos que boas pesquisas venham de assuntos que nos inquietem e que nos motivem a pesquisar para poder repensar sobre atitudes que são tomadas como naturais pela sociedade, principalmente por estarem tão enraizadas, quando na verdade, não deveriam ser. Foi ao começar a pensar no objeto de estudo desse trabalho e em como esse assunto poderia ser trabalhado, que coincidentemente nos deparamos com a literatura erótico-empresarial. O contato inicial com os livros, nos impressionaram e, inclusive, ao ler alguns resumos e comentários tornaram-se incômodos.

A literatura em questão pode ser bastante dura em alguns momentos por apresentar, dentro de cenários e discursos corporativos, comportamentos abusivos, discriminatórios e, até mesmo, violentos, ao mesmo tempo que, ela parece ser tão natural e com um número de publicações tão grande. Foi neste momento, que pensamos que há uma necessidade muito grande observar o que levou essa literatura a emergir dessa forma e como os papéis e discursos empresariais puderam mudar tanto em um período tão curto para se enquadrar nas histórias dos livros, reforçando desigualdades históricas. Encontramos desde entrevistas com as autoras de alguns destes livros dizendo que “As leitoras fantasiam com a segurança do CEO, com um homem protetor e carinhoso.”<sup>12</sup>, até mesmo, entrevista com um Filósofo famoso no Brasil citando esses livros, ao responder perguntas como “O que querem as mulheres?”<sup>13</sup>, o que tornou o tema ainda mais curioso, visto a aparente popularidade e naturalidade da referida literatura.

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2020/01/1700382> acesso em: 10/11/2021

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/19/livros-eroticos-com-personagens-ceos-fazem-sucesso-entre-mulheres-entenda.htm> acesso em: 04 de abril de 2022

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tt1CKiAKZyI> acesso em: 04 de abril de 2022

A compreensão e os estudos dentro do meio acadêmico sobre a literatura erótica, principalmente na área das ciências sociais, ainda são escassos, revelando uma certa falta de informação do tema bem como sua relevância para a área. A grande maioria dos estudos que envolvem o tema, no Brasil, estão concentrados na área de letras ou linguística, como é o caso do estudo de Azevedo (2017), que analisa as publicações de cunho erótico “voltada para homens”, e alguns autores que fizeram circular obras pornográficas em livros e jornais no Brasil de 1980, Moraes (2018; 2019; 2020) que traça um panorama sobre o mercado editorial erótico com o passar dos anos, principalmente no Brasil, considerando adaptações aos períodos históricos, as ligações com a contemporaneidade e os reflexos, Moraes e Passos (2020), observam a literatura erótica a partir do fenômeno da auto publicação e como este facilitou a inserção do nicho no mercado literário e Sousa (2009), que descreve a história das classificações filosóficas e bibliográficas atribuídas à literatura erótica. Estes trabalhos contribuíram aqui para traçar alguns dados históricos quanto às mudanças dessa literatura.

Na área das ciências sociais, Francklin (2015) observa as mudanças no panorama da literatura erótica, antes voltada apenas para o público masculino, iniciada na década de 2010, com o protagonismo da mulher na literatura erótica contemporânea. Marques (2019), investiga sobre o fenômeno editorial de 50 Tons de Cinza, a fim de compreender como estes *best-sellers* se comportam no mercado editorial e os seus impactos tanto na indústria como na cultura. Homem, Bastos e Sanches (2014), observam a trilogia de 50 Tons de Cinza a partir de três pontos de vista: da comunicação, da sociologia e da psicanálise. As autoras trazem reflexões sobre os livros enquanto produtos da cultura midiática e seus diálogos com os estudos de comunicação e cultura. Já Weege (2021), traz alguns avanços importantes sobre o tema, no entanto, a autora aborda exclusivamente a literatura erótica num contexto geral, sem aprofundar discussões sobre a evidência da empresa nas obras dos últimos anos e sem observar também o processo de produção e consumo dos livros.

Além disso, boa parte das análises literárias que aparentemente sofrem influência dos aspectos empresariais, se restringem ao *pop-management* (WOOD JR. & PAULA, 2002a, 2002B, 2010; MARTELLI, 2006; MCGEE, 2005, BARBATO E PATRÍCIO, 2018; MOTTA, CORÁ E MENDES, 2019; COSTA FILARDI E IRIGARAY, 2016; ITUASSU E TONELLI 2014;), à literatura voltada para investimentos (LEITE, 2011), à literatura de autoajuda (BOSCO, 2001) ou à literatura de autoajuda voltada para negócios (PICANÇO, 2013).

Em maior ou menor medida, todos eles buscaram suprir lacunas encontradas e avançar na discussão. No entanto, nenhum estudo se deteve a relação entre os símbolos que circulam no campo da literatura erótica, como por exemplo, as representações, as narrativas, os cenários ou

os personagens, e como eles podem estar ligados ao processo de empresarização. Ou seja, como podem estar fortemente atrelados à traços que remetem à estrutura da empresa como instituição, influenciando e motivando tanto a produção quanto o consumo desse material, que remete à uma das maiores potências que temos na sociedade contemporânea e que parece moldar espaços que nada têm de empresariais, tal como a própria literatura. Assim, a motivação para essa pesquisa, além de contribuir para a sociologia das organizações e trabalhos sobre empresarização, é observar, questionar e analisar, até onde os comportamentos, os valores e os gostos empresariais, estão enraizados.

A ideia de empresarização ou empresariamento, como por vezes é traduzida, já foi utilizada em diversas áreas de conhecimento e inclusive fora do Brasil. Rodrigues e Silva (2019) realizam um breve levantamento destes estudos encontrando, na área da educação os estudos de Neves (2001) com um olhar sob o processo de privatização de ensino, Harvey (2007) que analisa a governança de grandes centros urbanos que utilizam uma lógica empresarial e, também, o estudo de Vainer (2001) com uma análise do discurso do planejamento estratégico urbano, que transforma a cidade em mercadoria. Na área da administração pública, nos países anglo-saxônicos, alguns estudiosos têm usado a expressão *enterprising*, para discutir o processo de transformação que ocorreram na Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália e Holanda (RODRIGUES E SILVA, 2019)

Nos estudos organizacionais no Brasil, apesar das pesquisas sobre empresarização tenham tido início com a perspectiva de Andreu Solé e depois de Yves-Marie Abraham, atualmente existe um esforço para pensar o referido fenômeno a partir de outras perspectivas, em sua maioria foucaultianas.

Dentre os trabalhos realizados no Brasil, na área dos estudos organizacionais, iniciados nos anos 2000 e que utilizaram, essencialmente, os estudos de Solé, encontramos os estudos de três determinadas instituições: culturais, esportivas e religiosas. Serra (2005) e Gonçalves, Serra e Costa (2007) estudam o processo de empresarização dentro das igrejas evangélicas brasileiras, os trabalhos de Costa (2005) e Costa e Silva (2006), analisam a relação entre o processo de empresarização e os clubes de futebol catarinenses. O futebol também foi analisado nas discussões de Rodrigues (2006), Rodrigues e Silva (2006a, 2006b, 2009), enquanto Dourieux (2005) deteve-se na análise de clubes de voleibol brasileiros. Nas organizações culturais, o processo de empresarização foi observado por Tavares (2011), em um grupo circense gaúcho, e por Vargas e Rodrigues (2019) em um Centro de Tradições Gaúchas. Rodrigues, Silva e Dellagnelo (2014), sintetizam os estudos sobre organizações esportivas e culturais através de



quatro dimensões da empresarização, a orientação mercadológica, aspectos legais, linguagem e organização do trabalho.

Já um segundo conjunto de estudos, que se detêm aos estudos de Abraham (2006) e exploram os hábitos coletivos, maneiras de agir e pensar, se estendem para o estudo de organizações diferentes das que foram estudadas com o cabedal teórico de Solé. Dentre eles, encontramos os estudos de Araújo (2014) e Araújo e Silva (2016) sobre uma análise das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, o estudo sobre a mídia analisada por Rodrigues (2013) e a educação que foi abordada nos estudos de Rodrigues (2013), Barcelos e Rodrigues (2017), Badia (2017), Duquia, Franz, Barcellos e Rodrigues (2022), Rodrigues e Silva (2019), Franz e Rodrigues (2021) e Rodrigues (2021).

Posteriormente, a evolução dos estudos sobre o tema, levaram à inclusão de outros autores e novas abordagens teóricas, para enriquecer o assunto e superar lacunas. As contribuições de Jean Baudrillard são utilizadas nos trabalhos de Vargas e Rodrigues (2018), ao evidenciar características do processo de empresarização das internadas artísticas de três Centros de Tradições Gaúchas da 26ª Região Tradicionalista. À luz da teoria da empresarização, os autores enfatizam as relações de concorrência, com os estudos de Karl Polanyi, e as relações de consumo, a partir de Jean Baudrillard, decorrentes desse processo. Onofre et al. (2022), partindo das concepções de Abraham, e dos cinco modos de agir e pensar, mais especificamente, do mito fundador da escassez, associados também aos estudos de Baudrillard, analisa o consumo das cestas de alimentos orgânicos como uma atividade sistemática de manipulação de significados e de comunicação.

No estudo de Costa (2017), além de Solé e Abraham, a autora utilizou contribuições de Florestan Fernandes e Milton Santos para abordar o desenvolvimento do capitalismo dependente e pensar a discutir a noção de espaço, respectivamente. Dentre as contribuições dos autores, Florestan Fernandes tende a destacar a participação do Estado na aceleração da irrupção do capitalismo monopolista, corroborando para a sustentação do mito do progresso apontado por Abraham. Outra contribuição de Costa (2017), se dá ao incluir a abordagem elaborada por Milton Santos ao trabalho, para pensar e discutir a noção de espaço. A autora aproxima as teorias sobre espaço à teoria de empresarização, começando então a falar em “empresarização do espaço”, considerando a função da expansão da empresa como forma e como norma orientadora dos atuais processos de formação espacial.

Posteriormente, Borges e Rodrigues (2017), trazem a teoria da empresarização à luz de uma perspectiva foucaultiana, para pensar na atuação do Estado e a sua contribuição para o processo de empresarização do campo e da cultura em uma cidade gaúcha. A seguir, Franz,

Leite e Rodrigues (2020), também utilizam os estudos de Foucault e lançam um olhar para a universidade, a partir da análise do discurso da universidade empreendedora, fortemente influenciado pelo neoliberalismo. As contribuições foucaultianas nestes estudos estão relacionadas com a possibilidade de um olhar complementar para se pensar no fenômeno da empresarização, partindo da concepção deste processo como um fenômeno total (social, econômico e político, cultural etc.). A partir da utilização de Foucault, os autores encontram a possibilidade de operacionalizar a discussão e trabalhar em seus escritos os discursos, as tecnologias, as relações de poder, os sistemas de controle, entre outros.

Com o intuito de observar aspectos e implicações mais individuais ligados ao processo de empresarização, Arnoni (2022), levanta discussões que envolvem a formação do sujeito empresário de si, fornecendo base para o que o autor chama de “empresarização do eu”. Para isso, além dos estudos de Solé e Abraham e das perspectivas de Foucault, Cristhian Laval e Pierre Dardot, o autor inclui as contribuições de Nikolas Rose, para observar a forma como a trajetória, o cotidiano e o próprio *self* ou o “eu” dos músicos produtores de conteúdo digital é moldado ao longo do tempo por traços e valores como o empreendedorismo, o auto vender, a disciplina e a culpa pelo ócio.

Os estudos também levaram o Estado a ser central na discussão de Duquia, Franz, Barcellos e Rodrigues (2022), mas desta vez, sob o olhar teórico de Mark Considine, para observar à luz da teoria da empresarização, os processos de organização da pós-graduação no Brasil. Dentre as contribuições de Considine para avançar nos estudos, destaca-se a compreensão das formas internas de organização do Estado. Ao realizar um estudo em quatro diferentes países, Considine observa duas principais características presentes na governança corporativa fundidas às governanças de mercado, a qual ele chama de “governança empresarial”, que surge como uma tentativa de transformar toda a administração pública antes movida de maneira muito burocrática, em uma administração movida por estratégias e metas políticas, logo, o Estado acaba incorporando características presentes em organizações econômicas, misturando elementos do núcleo de empresas e tipos de mercado, que apresentam a centralidade das metas e a obtenção de resultado financeiros como principais objetivos.

Direcionando o foco do impacto do processo de empresarização sobre a administração pública, Borges, Barcelos e Rodrigues (2018), voltam suas pesquisas para a saúde pública brasileira, utilizando, além dos estudos iniciais de Solé (2008) e Abraham (2006), os estudos de Rodrigues (2013), que possuem uma perspectiva teórico-analítica que demonstram uma forte expansão da forma empresarial como um padrão universal, seja no âmbito privado ou público. Barcelos e Rodrigues (2017) também associam o processo de empresarização a autores do

âmbito das políticas públicas, para observar as práticas discursivas voltadas à educação superior entre 2003 à 2010.

A teoria da empresarização é associada também aos estudos de Karl Marx nos trabalhos de Tometchi (2019) e Tometchi e Silva (2018), que propõem uma revisão do assalariamento como uma característica típica do mundo-empresa. Segundo as autoras, é possível entender que o assalariamento amplia a relação de exploração do tempo de trabalho não pago, já que o próprio mundo-empresa é marcado pela desigualdade e pela exploração do trabalho.

Após observar os trabalhos já realizados, é possível perceber os avanços obtidos na teoria da empresarização bem como as contribuições de cada um dos autores para a área. Na maioria destes estudos é possível identificar um conjunto de características empresariais que estão constantemente presentes em espaços que não são considerados empresariais, além disso, é possível perceber os diversos esforços para suprir lacunas presentes nas abordagens iniciais sobre este fenômeno. Aqui o esforço é para, mais uma vez, produzir algo novo que, diferente dos trabalhos já apresentados aqui, aborde o processo de empresarização, não apenas como uma forma de discurso, ou como algo influente no comportamento do Estado ou então, como um processo que se perpetua nos espaços ou estruturas, mas sim, como um conjunto de comportamentos, regras, gostos, características, opiniões, estética e valores, conforme propõe Bourdieu (1989). Um conjunto de símbolos, que estipulam uma determinada ordem e o comportamento tanto dos agentes presentes não só dentro do campo, mas também fora dele, assim como o comportamento das mais diversas estruturas, que sustentam e conservam, através da produção e do consumo destes símbolos, o capital acumulado dos agentes dentro do campo e asseguram os interesses de uma classe dominante.

Passamos a pensar como a força da empresa como instituição e dos agentes em posições de poder dentro delas podem mudar até mesmo os alvos de fetiche sexual. A empresa e o pensamento empresarial parecem tomar uma proporção maior do que moldar o comportamento individual ou então de outras instituições, mas de uniformizar e homogeneizar os interesses e os valores dos agentes, o que nos permite pensar a empresa e o processo de empresarização como um fenômeno, um *habitus* empresarial, capaz de naturalizar discursos tão pouco modernos sobre possíveis relacionamentos, legitimando formas de violência presentes nas obras e de orientar e moldar relações de trabalho, familiares e pessoais, como um processo socializador dos indivíduos.

O que chamaremos aqui de *habitus* empresarial, composto por um conjunto simbólico que remetem à empresa, aparentemente presente não apenas no comportamento das estruturas ou instituições, mas também dos indivíduos, já apareceu em outros estudos, porém não da

mesma forma que será observado aqui. Para Chalita (2008), o termo *habitus* empresarial revela a incorporação progressiva de habilidades cognitivas necessárias para definir e viabilizar estratégias comerciais e competitivas para um conjunto de produtores, nos seus respectivos mercados, ou seja, a formação de um comportamento empresarial para se adequar ao mercado. De Clercq e Voronov (2009) observam o espírito empresarial como um processo profundamente enraizado socialmente ligado às posições dos empresários em estruturas de relação de poder.

Para Cuadra e Restrepo (2022), o *habitus* empresarial é entendido como um espaço de dominação eminentemente masculino, já que os homens detêm posições hierárquicas historicamente superiores as mulheres e é através desse *habitus*, assim como pelas palavras e postulados empresariais, que exercem seu poder para reproduzir incessantemente o predomínio masculino. Por último, Nascimento e Silva (2021) utilizam o termo *habitus* empreendedor, para se referir à introdução de estratégias formadoras na área do empreendedorismo dentro da Universidade Estadual da Paraíba, oriundas dos processos de globalização e do próprio neoliberalismo, privilegiando o mercado como eixo principal da relação universidade-sociedade.

Diferente dos estudos citados e, conseqüentemente, das concepções de *habitus* adotadas pelos autores, entendemos que o *habitus* empresarial como uma força socializadora, compreende um conjunto maior de valores e saberes não apenas relacionado à aspectos puramente mercadológicos, empreendedorísticos ou, até mesmo, resumido à determinadas posições de poder de determinados agentes. O *habitus* empresarial, entendido aqui como um produto da história, que recebe constantes influências políticas, econômicas e culturais, parece ser um conjunto do moderno e do clássico. Um conjunto de práticas e comportamentos fortemente influenciados por discursos liberais presentes no mundo corporativo e, ao mesmo tempo, a presença marcante e o não esquecimento de práticas pré-modernas, enraizadas e consolidadas por estruturas tradicionais de socialização, tais como a moral familiar e religiosa, a manutenção e importância do casamento como meio de produção e reprodução de bens simbólicos, assim como a hierarquia e a disciplina.

Por isso, pensamos em uma forma de tentar desnaturalizar algumas crenças que servem de suporte às estruturas de dominação, buscando superar lacunas entre teorizações baseadas na linguagem e pesquisas voltadas para uma exploração no papel da linguagem em práticas sociais contextualizadas (SALLES E DELLAGNELO, 2019). Encontramos aqui, um arcabouço importante para que possamos identificar, caracterizar e reforçar a existência e o *modus operandi* desse *habitus* empresarial: a literatura erótico-empresarial, que além de ser um nicho

ainda não analisado dentro da Sociologia, vai combinar a centralidade da empresa e o discurso empresarial presente na literatura e, ao mesmo tempo, um conjunto de valores e crenças que elevam o patamar do comportamento empresarial, ultrapassando aspectos racionais.

Portanto, a estrutura deste trabalho é da seguinte forma: No primeiro capítulo, além da problematização desenvolvida anteriormente, estão presentes os objetivos e a justificativa para a realização da presente pesquisa. O segundo capítulo está presente o referencial teórico do trabalho, que tem o objetivo de dar uma resposta teórica a pergunta inicial da pesquisa, por isso, na primeira seção apresentaremos um breve panorama sobre o fenômeno da empresarização na tentativa de apresentar os principais conceitos, a ideia de empresa e a forma como ela se dissemina. Na segunda seção, nos propomos a começar a desenvolver e pensar, pela primeira vez, no fenômeno da empresarização através do cabedal teórico de Pierre Bourdieu, realizando alguns apontamentos da teoria sobre campo, *habitus* e capital. A terceira seção, é dedicada a realizar uma síntese, em que o fenômeno da empresarização será diretamente associado e repensado através desta nova lente teórica. O terceiro capítulo, é dedicado ao desenvolvimento da escolha do método que foi utilizado para esta pesquisa, a fim de explicar como foi feita a coleta de dados, construção do *corpus* e análise dos dados, por exemplo.

No quarto capítulo, foram feitas as análises dos dados encontrados durante a pesquisa, este capítulo está dividido em três etapas: a primeira, dedica-se a dar um contexto, explicar e caracterizar o que nós estamos chamando de literatura erótica-empresarial, ou seja, o que é essa literatura, em que ela se diferencia das demais literaturas eróticas ou de romance e também é o momento em que começamos a apresentar e destacar alguns dos principais traços relacionados ao comportamento empresarial presente não apenas nos livros, mas também no processo de produção das autoras que atuam nesse ramo. A segunda etapa tem o principal objetivo de analisar os livros que foram selecionados no método para o *corpus* do trabalho, observando detalhes como os diálogos, os cenários e os personagens, mantendo uma aproximação constante com a percepção das consumidoras do nicho literário, através de comentários e avaliações. Por fim, a terceira e última etapa da análise dos dados consiste em uma tentativa de síntese e, ao mesmo tempo, de aproximação, de todo o conjunto simbólico que encontramos dentro do nicho da literatura erótico-empresarial, seja através do processo de produção ou de consumo, com o processo de empresarização. Para concluir, o último capítulo do trabalho é dedicado às considerações finais da pesquisa, momento em que fizemos algumas reflexões sobre o andamento dela, algumas conclusões, observações, dificuldades e sugestões de pesquisas futuras.

## 2. Caminhos teóricos

Dedicaremos este capítulo para abordar as perspectivas teóricas que serão utilizadas na construção desse trabalho e que servirão de resposta teórica para o questionamento inicial dessa pesquisa, que consiste em analisar como o conjunto de símbolos presentes no subcampo da literatura erótico-empresarial contribui para consolidar o *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo.

Apesar de partirmos dos estudos sobre empresarização e de algumas das pesquisas já realizadas e as respectivas lentes teóricas de cada uma delas, o objetivo principal aqui, será propor um novo olhar teórico para o fenômeno da empresarização. Portanto, a partir da segunda seção começaremos um primeiro contato com a teoria de Pierre Bourdieu, fazendo uma breve contextualização dos principais pontos teóricos do autor que nos possibilitarão observar e pensar este fenômeno da empresarização como um conjunto de símbolos que remetem e caracterizam um novo *habitus* empresarial. Na terceira seção, nos propomos a apresentar uma breve síntese sobre estes aspectos teóricos e realizamos as primeiras aproximações e reflexões sobre o processo de empresarização através do cabedal teórico de Bourdieu.

Acreditamos, como mencionado anteriormente, que além de ser uma perspectiva teórica ainda não utilizada para estudar este fenômeno, ela poderá ser de grande importância e relevância tanto como resposta a nossa dúvida inicial da pesquisa, como também poderá auxiliar, posteriormente, na caracterização do objeto de estudo, o subcampo da literatura erótico-empresarial, além de nos auxiliar a responder os objetivos específicos desta pesquisa.

### 2.1 O processo de empresarização

Se compararmos com as sociedades mais tradicionais, analisadas por Clastres (1974) por exemplo, a sua forma de organização e a sua forma de economia de subsistência utilizam uma considerável limitação de tempo dedicado ao que chamamos de trabalho e dispõem de todo o tempo necessário para aumentar a produção de seus bens materiais, e por isso, o autor questiona a necessidade de trabalhar e produzir sempre mais quando apenas três ou quatro horas por dia são suficientes para garantir as necessidades do grupo. Por isso, produzir excedentes, sem sobre trabalho, nas sociedades primitivas fica destinado para finalidades políticas, festividades ou visitas de estrangeiros, uma vez que “a atividade de produção é exatamente medida, delimitada pelas necessidades que têm de ser satisfeitas” (CLASTRES, 1974, p. 9).

Dumont (1997), explica que estamos separados das sociedades tradicionais pelo que ele chama de “revolução nos valores”, ou seja, enquanto nas sociedades tradicionais as relações entre os homens são altamente valorizadas, mais do que entre os homens e as coisas, nas sociedades modernas essa lógica se inverte, o autor vai caracterizar a ideologia das sociedades tradicionais como holistas e as sociedades modernas como individualistas. Nas sociedades tradicionais, as concepções entre riqueza imobiliária e mobiliária são muito distintas e nas sociedades modernas a riqueza mobiliária passa a adquirir plena autonomia, emergindo uma categoria autônoma e criando uma distinção entre o que chamamos de “política” e o que chamamos de “econômico”.

Segundo Laval e Dardot (2009), a palavra “mercado” ainda é a mesma do pensamento liberal, no entanto, o conceito que ela designa passou a ser outro, que difere totalmente do conceito proposto por Adam Smith ou pelos economistas neoclássicos. O mercado não é mais o lugar onde mercadorias circulam livremente, mas sim, um processo regulado que utiliza motivações psicológicas e competências específicas, ele não necessita de reguladores externos pois tem a sua própria dinâmica, logo, segundo os autores:

O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é *autoconstrutivo*. (LAVAL E DARDOT, 2009 p. 139)

Assim, o homem passa a ser conduzido pelo mercado, que constitui um processo de formação. E este mercado não vai apenas trocar os seus excedentes, mas vai empreender, logo, todo o indivíduo tem algo de empreendedorístico dentro dele. Os mais diversos campos, indivíduos e organizações passam a ser constantemente convidados a empreender. O comportamento empreendedor passar a servir de modelo para todas estas esferas que nada se confundem, ou não deveriam confundir, com empresas (LOACKER, 2013)

Essa forma de poder e de comportamento, intensificado pelo cenário neoliberal, revelam uma nova era do sujeito, que se distingue nas práticas discursivas e institucionais que constroem a figura do “homem-empresa” ou do “sujeito empresarial”, imerso em um cenário neoliberal totalmente competitivo. O homem moderno, segundo Laval e Dardot (2009), se dividiu em dois após o impulso da democracia política e do capitalismo, o primeiro é um cidadão dotado de direitos inalienáveis e o segundo é o homem econômico guiado por seus interesses, o homem como “fim” e o homem como “instrumento”.

A partir de então, um conjunto de técnicas contribuem para a formação desse novo sujeito, ou seja, não se trata mais das antigas formas de disciplina através da coerção e

adestramento de corpos, estamos falando agora de um governo que mantém a subjetividade inteiramente envolvida nas atividades que ele cumpre, e para isso, deve-se reconhecer a parte irreduzível do desejo que constitui este indivíduo, portanto:

A vontade de realização pessoal, o projeto que se quer levar a cabo, a motivação que anima o “colaborador” da empresa, enfim, o desejo com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder. O ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder; ele é o substituto dos dispositivos de direção das condutas. Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega. (LAVAL E DARDOT, 2009 p, 322)

O novo indivíduo é o homem que assume os comportamentos da empresa, é o homem da competição e do desempenho, o empreendedor de si é “feito para ganhar”, para ser “bem-sucedido” e este “esporte da competição” revela constantemente quem são os “heróis modernos”, os “deuses”, conforme explicam Laval e Dardot (2009). Estes modelos permitem naturalizar esse dever de bom desempenho, o cuidado com o corpo, o aprimoramento de si mesmo, a procura por sensações fortes, nos fazem lembrar quem sobrevive nesta “luta pela vida” em que não se trata mais de fazer o que sabe e consumir o necessário, exige-se que o novo sujeito produza “sempre mais” e goze “sempre mais”, intensificando a sua eficácia em todos os domínios da vida.

O comportamento da empresa está imbricado nas questões individuais, e os sujeitos passam a assumir estes comportamentos competitivos procurando constantemente maximizar o seu capital humano para se adequar ao mercado. Trabalhar é uma forma de realização de si mesmo e os objetivos da empresa passam a ser os objetivos do indivíduo, que passa a se ver como parte da empresa, como uma relação familiar, a qual ele precisa defender e fazer render bons frutos, o sucesso da empresa passa a ser o seu próprio sucesso. A noção de eficiência é cada vez mais utilizada, produzir mais com menos, e o indivíduo precisa se arriscar cada vez mais, assumir esse comportamento empreendedor, sempre disposto a inovar e viver na incerteza passa a ser um estado natural.

Este sujeito empreendedor não é um capitalista e nem um inovador schumpeteriano, ele é um ser dotado de espírito comercial, que procura qualquer oportunidade de lucro graças às informações e conhecimentos que ele tem e os outros não, logo, “O desequilíbrio econômico se deve à ignorância mútua dos participantes potenciais do mercado” (LAVAL E DARDOT, 2009, p, 146). Essa “revolução de valores” (DUMONT, 1997), que nos leva a adotar a empresa como modelo para qualquer forma de organizar, legitimando o seu poder e as suas formas de domínio, pode ser explicada e pensada através de um conjunto de símbolos.



Conforme Rose (1988), novas linguagens vão ser empregadas na construção e avaliação de nós mesmos, que vai consistir em uma linguagem fortemente empresarial e gerencial, e vai implicar na forma como nos comunicamos e como nos relacionamos com os nossos gerentes, filhos, família, colegas e amigos. Mesmo fora da instituição e mesmo fora do ambiente de trabalho, vamos assumir estas falas e comportamentos como algo natural. A ideia de pertencimento à instituição e de família é utilizada como um instrumento de poder, e automaticamente, assumimos os valores da empresa como valores morais para qualquer outro campo que nos relacionamos, inclusive no campo mais subjetivo de todos, o de nós mesmos, da nossa própria vida e do nosso cotidiano. Os valores e propósitos da empresa, passam a ser os nossos, inclusive quando estamos fora dela.

Vivemos em um mundo organizado por e para a empresa, nascemos, crescemos e morremos dentro de alguma empresa e essa, torna-se uma referência para qualquer forma de organizar, um mundo que Solé (2008), se propõe a chamar de “mundo-empresa”. A empresa parece tomar o lugar de instituições como o Estado ou a Igreja, que durante muito tempo foram instituições centrais no ocidente, provavelmente influenciado pelo avanço da modernidade e pela predominância de um ideário capitalista, implicando em uma nova configuração social, tornando-se referência para qualquer espaço, contribuindo cada vez mais para a generalização da ideia de empresa e expandindo o processo de empresarização (RODRIGUES E SILVA, 2019). Por isso, é muito comum atribuir à empresa um sentido glorioso, ou seja, a empresa é uma alma, um gás, na qual o marketing passa a ser o instrumento de controle social (DELEUZE, 1992), a empresa, assim como o trabalho como era explicado por Weber (2004b) são sinônimos de dignidade para os indivíduos, passando a ser vista como uma nova religião, um novo sistema de crença nos valores empresariais através de um domínio ideológico.

Os trabalhos iniciais sobre a teoria da empresarização partem da contextualização e da compreensão de dois autores que deram início ao pensamento acerca desse processo, portanto, tais trabalhos compreendem por “empresa” a definição dada por estes autores. Na visão de Solé (2008), a empresa é um conjunto de relações entre humanos, com o tempo e com o espaço, uma organização moderna e, diferente das demais organizações, possui características específicas, como contabilidade e sempre visam o lucro, passando a ser uma referência para qualquer forma de organizar. Uma força organizadora do mundo, que caracteriza a vida de seus habitantes, suas relações, seus sonhos e seus medos, considerando que o que comemos, bebemos, vestimos, a forma como nos deslocamos e os nossos lazeres, são produzidos por empresas.

Solé traz alguns aspectos centrais deste mundo-empresa, dentre eles a concepção de felicidade, definida como a melhor forma de viver que cada mundo delinea para si. Segundo o

autor, felicidade está em satisfazer as nossas necessidades e para isso, trabalhamos para ganhar dinheiro que nos permite comprar bens e mercadorias, que faz com que as nossas necessidades sejam satisfeitas, caso contrário, tendemos a viver constantemente frustrados e esta é a boa maneira de viver neste mundo e de manter o sistema em funcionamento, logo, a empresa passa a ser a principal produtora da nossa percepção de felicidade, assim como dos nossos desejos, frustrações, medos e sonhos (SOLÉ, 2008). O autor também destaca cinco manifestações principais e comuns, que são tomadas como naturais: a expansão geográfica da empresa, em cada país, a empresa ocupa cada vez mais de um número maior de atividades e de relações humanas, a empresa como modelo obrigatório para outras organizações e atividades humanas, o aumento do domínio da empresa sobre a vida dos seres humanos, o aumento do domínio das empresas sobre a vida humana fora da empresa (SOLÉ, 2008)

A partir do trabalho realizado por Solé, Yves-Marie Abraham (2006), ex-aluno de Solé, inspirado em Émile Durkheim, entende a necessidade de aprofundar estes estudos e compreender o que dá sustentação à empresa. O autor compreende a instituição como um conjunto de regras e procedimentos aceitos e sancionados pela sociedade, com o objetivo de manter a ordem e a coesão social, implicando em uma associação de cinco “modos de agir e pensar” (RODRIGUES E SILVA, 2019) que norteiam o comportamento empresarial e são consagradas pela tradição: o individualismo e a invenção da realidade econômica; o mito fundador da escassez; a noção de propriedade privada, apropriação e exploração pelo racionalismo, racionalidade e burocracia e; a inovação, o desenvolvimento e a ideologia do progresso.

Diante destas formas de compreender a empresa e o processo de empresarização, os autores passam a entender que o poder da empresa não emana apenas de si, mas sim de uma multiplicidade de correlações de forças inerentes ao domínio onde se exercem, constitutivas da sua organização (RODRIGUES e SILVA, 2019, p, 70). O referido processo, já foi utilizado para compreender os mais diversos objetos de estudos através das mais variadas lentes teóricas, como já demonstrado na justificativa desse trabalho. No entanto, em nenhum momento, esse processo foi pensando como um conjunto simbólico capaz de estabelecer uma determinada ordem, como capaz de estabelecer um processo de socialização, agindo simultaneamente em caráter tanto subjetivo como objetivo.

Para dar seguimento a esta discussão, uma vez que nos propomos a pensar na empresa como um conjunto de símbolos (valores, regras, opiniões etc.), torna-se imprescindível questionar e supor “o que é a empresa e quais as suas principais características?”. Talvez ainda não exista uma resposta que compreenda todos os infinitos aspectos e significados que esta

instituição pode nos apresentar, mas na tentativa de tornar mais claro e facilitar a continuidade deste estudo, resgataremos alguns pontos já citados anteriormente que impulsionarão e servirão de base para o entendimento de alguns pontos. Primeiramente, como já mencionado, entenderemos a empresa como instituição que reflete um conjunto de maneiras de pensar e agir típicos de uma determinada sociedade, conforme Abraham (2006). Segundo, essa concepção materializa algumas características centrais da sociedade moderna e estabelece determinados comportamentos além de estabelecer formas de relações sociais.

Por isso, retomaremos aqui os principais aspectos de cada uma destas cinco maneiras de agir e pensar e as diferentes relações sociais que elas podem desencadear, como forma de caracterizar alguns dos principais aspectos da empresa. Começando pelo individualismo e a invenção da realidade econômica, que se mostra muito presente no mundo ocidental moderno e parece transformar o sentido da palavra economia diferente das outras civilizações, passando a basear-se em um único motivo: o lucro, a concepção de riqueza, especialmente a imobiliária. Isso tende a refletir em um comportamento egoísta, de isolamento, solidão e ausência de integração entre os indivíduos, uma vez que fizemos da busca pelas necessidades individuais o grande negócio das nossas vidas.

Já o mito fundador da escassez parece tornar a escassez de recursos e a eficiência no uso dos mesmos a base da economia, já que a busca pelas necessidades ilimitadas é uma das maiores forças de ação dos indivíduos. Para Smith (1776), o homem é um ser perpetuamente insatisfeito com a sua condição e frustrado por natureza, para isso, o trabalho mantém os indivíduos focados em adquirir bens ilimitados, fazendo com que o sistema se mantenha. Segundo Sahlins (1978), desejar sem limites não é algo da natureza humana e sim da cultura ocidental moderna, e assim, o dinheiro torna-se o facilitador ou mediador destas necessidades e adquire papel central na sociedade moderna.

O racionalismo e dominação representam para Abraham (2006) a própria empresa capitalista, uma vez que essa é um dos mais perenes filhos do processo de racionalização proposto por Weber e a organização do trabalho é a característica principal do capitalismo moderno. Neste tipo de dominação, administrativa, impera a crença de que todo direito pode ser instituído de maneira racional e tanto quem manda quanto quem obedece o faz em respeito “ao direito”, além de ter princípios como o exercício contínuo das funções oficiais dentro de determinada competência, a hierarquia oficial, as regras, a qualificação profissional, a separação entre o quadro administrativo e os meios de produção e o princípio da documentação formal.

A propriedade privada, apropriação e exploração, muito associados a ideia de liberdade, igualdade e democracia, tende a se dar de maneira desigual, como demonstra Marx e Engels (1848), já que quando o homem se torna proprietário de algo, ele impede que outras pessoas usufruam dos benefícios deste. Por fim, a inovação, o desenvolvimento e o mito do progresso, que se tornou na sociedade moderna uma forma de crença, de ideologia, um elemento central à manutenção e distinção do sistema vigente e consolidado pela ideia de empresa. Solé (2008), reforça que o marketing nas empresas é uma área que se dedica à produção de insatisfação, já que o produtor inicia uma mudança econômica, produzindo algo novo e inovador, e os consumidores são educados por ele a querer coisas novas, conforme Schumpeter (1961).

Este conjunto de cinco modos de agir e pensar que caracterizam o comportamento empresarial, tendem a desencadear um conjunto de relações sociais que podem ser observados no comportamento dos indivíduos, a saber: relações impessoais, relações de trabalho ou funcionais, relações de dominação, relações de exploração ou assalariamento e relações concorrenciais.

As relações impessoais estão fortemente ligadas à dependência que liga os indivíduos, que não está relacionada ao outro propriamente dito, mas sim às coisas que ele possui ou produz (ABRAHAM, 2006). Relações de trabalho ou funcionais, estão ligadas às formas de divisão do trabalho, de funções e papéis de trabalho. As relações de dominação estão ligadas à forte racionalização do trabalho e ao modelo de dominação racional-legal, baseada na crenças nas leis, com uma clara separação entre funções administrativas e operacionais. As relações de exploração ou assalariamento que existe entre os indivíduos quando, conforme Marx (1867), apenas uma parcela burguesa passa a deter os meios de produção (terras, equipamentos, materiais etc.) e a outra parcela da população passa a vender sua força de trabalho. Por fim, as relações concorrenciais passam a acontecer quando o desenvolvimento econômico é impulsionado pelo progresso técnico e está intimamente ligado à geração de inovação, conforme Solé (2008), se o capitalismo é uma dinâmica permanente de mudanças é porque é baseado na empresa e a empresa é um processo perpétuo de criações e destruições.

Partindo destes cinco modos de agir e pensar e das respectivas relações sociais que eles desencadeiam nos indivíduos, começaremos a caracterizar o conjunto de símbolos que permeiam as empresas e que caracterizam esse comportamento empresarial. Apesar de considerarmos que podem existir outros, provavelmente muito influenciados pelas mudanças sociais do mundo moderno, que provavelmente se farão presentes no campo analisado nesta pesquisa, utilizaremos estes cinco primeiros como norteadores para pensar no processo de empresarialização como um fenômeno que atua simultaneamente nas estruturas, em caráter

objetivo e, nos agentes, de maneira subjetiva. Um processo que dissemina uma nova forma de socialização e de instituição, dos indivíduos e das estruturas como um processo legítimo e amplamente reconhecido, capaz de se reproduzir nos mais diversos campos, dentre outros espaços, na literatura, um conjunto simbólico que uniformiza os capitais de disputa que asseguram os interesses de uma classe de dominantes.

Ressaltamos, novamente, que esta abordagem teórica para pensar o processo de empresarização é algo novo e que nesse trabalho, tentaremos apresentar as primeiras aproximações e o primeiro contato com a teoria bourdieusiana, portanto, ainda são pressupostos iniciais e que serão testados através do levantamento de dados e das futuras análises desta pesquisa.

## **2.2 Contribuições teóricas de Pierre Bourdieu**

A Sociologia de Pierre Bourdieu parte do que ele chama de “conhecimento praxiológico”, ou seja, da polêmica central ente subjetivismo e objetivismo e assim, o autor tenta articular dialeticamente o ator social e a estrutura social (ORTIZ, 1983). Todavia, a problemática de Bourdieu também está no seio de uma teoria específica: o marxismo, quando este naturaliza a oposição entre correntes antagônicas como a “fenomenologia” e a “estruturalista”. Assim, do ponto de vista sociológico, a controvérsia entre objetivismo e subjetivismo se traduz pela oposição de dois clássicos: o primeiro, Émile Durkheim, que reifica a sociedade uma vez que a apreende como coisa, por isso, para o autor, o ser individual deve ser recalcado diante da coerção exercida pela consciência coletiva e, o segundo autor, Max Weber, que se assenta numa sociologia da compreensão e tem seu ponto de partida no sujeito. Para Weber não existe um “mundo objetivo”, a objetividade do social só pode ser apreendida através das ações individuais, conforme explica Ortiz (1983).

Todo o problema consiste em encontrar a mediação entre agente social e sociedade, homem e história. Além disso, a Sociologia de Bourdieu introduz, junto às relações de interações entre os agentes, a questão do poder. Por estas razões, precisamos nos questionar, como é possível que arranjos sociais, atravessados por relações de desigualdades e dominação, sejam reproduzidos com a cumplicidade prática entre dominantes e dominados e, neste momento, podemos relacionar como isso tende a acontecer no processo de empresarização, considerando a potência da empresa e do comportamento empresarial no mundo moderno. A

resposta à pergunta pode ser encontrada em três conceitos fundamentais de Bourdieu: *habitus*, campo e capital.

Bourdieu recupera a ideia escolástica de *habitus* como um *modus operandi*, que tende a conformar e orientar a ação. Partindo da explicação de uma premissa marxiana de que a sociedade por si só não se organiza e, ao mesmo tempo, de uma premissa weberiana, de que os indivíduos não mudam a sociedade sozinhos, o *habitus* parece ter surgido como uma forma de responder ao utilitarismo e a insuficiência de lidar com o essencialmente subjetivo. Bourdieu (1989), explica que o agir dos agentes está relacionado à sua socialização que assume formas corporificadas por meio do *habitus*, expresso nas atitudes, gostos, opiniões, habilidades, valores e disposições, assim, as ações de um agente são um *habitus* interiorizado (BOURDIEU, 1989).

A noção de *habitus* é ampliada pelo autor como um meio de romper com a dualidade do senso comum entre indivíduo e sociedade na intenção de captar a “interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (WACQUANT, 2007). Dessa forma, dentro de um espaço social, construído do modo que os agentes estão distribuídos em função das suas posições, os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas, ou princípios de diferenciação. Cada “classe” de posições corresponde a uma classe de *habitus* (gostos, opiniões, valores etc.), e este espaço de posições se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições.

[...] o *habitus* é uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade do senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de *disposições* duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do meio social existente. (WACQUANT, 2007, p. 36)

O *habitus* se sustenta através de “esquemas generativos” que antecedem e orientam a ação e estão na origem de outros “esquemas generativos” que presidem a apreensão do mundo enquanto conhecimento, portanto, o gosto não é visto como simples subjetividade, mas sim, como “objetividade interiorizada” que orientam e determinam a escolha estética (ORTIZ, 1983). Na medida em que os sistemas de classificação são engendrados pelas condições sociais e que a estrutura objetiva de distribuição dos bens materiais se dá de forma desigual toda escolha tende a reproduzir relações de dominação, portanto, a luta de classes pode ser lida através do estilo de vida das diferentes classes ou grupos sociais (ORTIZ, 1983).

Este espaço onde as posições dos agentes se encontram à priori fixadas, é denominado por Bourdieu como Campo. Para o autor, o campo seria o espaço de atuação do indivíduo na sociedade. Ou seja, o campo é um microcosmo social, com leis e regras específicas, ao mesmo

tempo que influenciado e relacionado com um espaço social mais amplo. O campo é um lugar de lutas entre os agentes que integram e que buscam manter determinadas posições, conforme Bourdieu (1989). O campo é um espaço de lutas entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão, assim, todo o ator age no interior de um campo socialmente predeterminado.

Existem tendências gerais que se aplicam a qualquer campo (BOURDIEU, 2008), tais como:

- 1) Objeto de luta comum: todos os campos têm capitais que são disputados por seus membros com vistas à movimentação e ocupação de posições de poder no jogo;
- 2) Exige a existência de pessoas para jogar o jogo: o estado de relações dos jogadores define a estrutura de um determinado campo, em que dominantes e dominados adotam estratégias de conservação ou de subversão da ordem simbólica com base nas suas posições;
- 3) Unidade manifestada por seus agentes contra todo o ataque que tende a denunciar os interesses reais do jogo: um tipo de corporativismo dos que estão jogando e seguindo as leis contra os que pretendem desrespeitar as leis e impor novos objetos de luta.

O campo tende a se particularizar como um espaço onde se manifestam relações de poder. Ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* que determina a posição dos agentes, o qual Bourdieu chama de capital simbólico. Assim, a estrutura do campo pode ser compreendida em dois polos: o polo de dominantes, que possuem o máximo de capital valorizado no campo e, o polo de dominados, com ausência deste capital. Temos o exemplo de um jovem que começa no campo científico e trabalha em suas pesquisas, ele não está apenas produzindo conhecimento, mas também investindo num capital cultural que irá posteriormente assegurar-lhe uma posição dominante no campo.

Esta divisão, explicada no parágrafo anterior, implica em uma divisão entre ortodoxia, em que o polo dominante tende a conservar o capital acumulado e heterodoxia, quando o polo dominado tende a desacreditar os detentores reais de um capital ilegítimo. Os agentes situados na ortodoxia devem secretar uma série de instituições e mecanismos que conservem a sua posição e o seu estatuto de dominação. Institui-se então, um processo de legitimação dos bens simbólicos ou estabelece um sistema de filtragem que determina quem deve ou não ascender na hierarquia cultural, de acordo com Ortiz (1983).

Ortodoxia e Heterodoxia, neste caso, embora antagônicas, participam dos mesmos pressupostos que ordenam o funcionamento do campo. Assim como os rituais, as crenças, elas

desempenham função de manutenção da ordem do campo social em que se manifestam. “Dominantes e dominados são necessariamente coniventes, adversários, cúmplices que, através do antagonismo delimitam o campo legítimo da discussão” (ORTIZ, 1983, p. 23).

O *habitus* tende a criar diferentes capitais, os principais capitais citados pelo autor são o capital cultural, o capital econômico e o capital social (BOURDIEU, 1989). Essas distinções propostas por Bourdieu, podem ser vistas em duas diferentes dimensões: na primeira delas considera-se o volume global de capital, ou seja, detentores de grandes volumes opõem-se ao menos providos de capital; na segunda dimensão, considera-se a estrutura do capital, ou seja, o peso relativo dos diferentes tipos de capital, por exemplo, a oposição entre os intelectuais e os empresários ou então entre os professores primários e os pequenos comerciantes. Essa proximidade entre as classes, aqui representadas apenas em um formato “virtual”, predispõe à aproximação e define a potencialidade de uma “classe provável”.

Entende-se que os capitais têm seu valor dentro dos limites de cada campo e só podem ser convertidos em outra espécie de capital em circunstâncias específicas e a posse destes capitais não é apenas objeto de luta interior dos campos, mas também a condição de entrada para eles. O capital econômico será sempre o de maior peso, podendo ser o fator de decisão de muitas lutas, porém, este capital pode ser considerado como autônomo e historicamente constituído, portanto, o autor tenta ocupar-se do que é esquecido pelos outros trabalhos, ou seja, com o capital simbólico que engloba o capital cultural e social (BOURDIEU, 1989).

O capital social, segundo o autor, permite explicar uma série de práticas, já que é considerado um conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento (BOURDIEU, 1989). Já o capital cultural se origina a partir de observações do autor referente ao desempenho escolar de diferentes membros de segmentos sociais diversos, pois o sucesso na formação escolar tende a estar fortemente ligado a uma interiorização de valores culturais dentro do âmbito familiar.

Dentro de cada campo, um conjunto de *habitus* e de capitais sociais propiciarão diferenciações entre os agentes, gerando diferentes classes e criando uma relação de dominado e dominante, momento em que o poder, ao atingir uma determinada eficácia simbólica, pode impor significações de mundo como legítimas. O poder simbólico assume um papel de mediador entre dois conceitos importantes definidos por Bourdieu, a *doxa* e a violência simbólica.

Por *doxa*, entende-se o momento em que um ponto de vista dos particulares, em posição de dominantes, passa a ser entendido como um ponto de vista universal (BOURDIEU, 1996). Um processo de socialização que assume um comportamento, que naturaliza as posições e as



torna senso comum, gerando uma distribuição desigual de capital simbólico e uma legitimação de cada produção, que naturalmente, resulta em violência simbólica, que se caracteriza por um processo histórico e dispensa qualquer contestação (ROSA E BRITO, 2009).

Esse tipo de violência se manifesta de maneira invisível, sutil e silenciosa nas relações sociais e resulta de uma dominação que está fortemente introduzida no *dóxico* das coisas, vividas como naturais e evidentes. As minorias tendem a assumir o papel de dominados de uma maneira natural e na medida em que adentram o campo social são forçadas as regras deste novo espaço e ao sofrer essa violência simbólica podem assumir dois comportamentos diferentes: a submissão (aceitação), interiorizando a *doxa* e alinhando-se com a lógica do campo ou a negação de toda a lógica do campo (ROSA E BRITO, 2009).

Para compreender o funcionamento do campo, deve-se entender que as relações de poder dentro dele reproduzem outras relações que lhe são externas. A análise de certas instituições em que circulam bens simbólicos, assim como o consumo destes bens confirma a posição dos atores dentro do campo em função do capital econômico e cultural (social) que dispõem.

Na obra “A reprodução” (1970) de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, os autores apontam a escola como uma instituição instrumentalizada em uma visão político/ideológica, com o objetivo de reproduzir as estruturas culturais padronizadas e consagradas na sociedade. Como um palco de disputas e relações de poder, a escola se instituiu como um microcosmo social e cultural dotado de regras com determinados capitais e valores legitimados, o que a configura como um campo. Dotada de autonomia, a escola também é um instrumento ideológico eficaz, que serve aos anseios da classe dominante. O indivíduo dentro do campo específico busca adequar seu modo de pensar, perceber e agir às exigências daquele campo, dessa forma, o *habitus* escolar se manifesta na escola constantemente reenquadrando os indivíduos dentro dos processos de classificação e reclassificação escolar (FAGUNDES, 2017).

Na escola, observa-se que os atores sociais não conseguem avaliar a adesão aos pressupostos dentro do campo que deve durar o bastante para produzir uma formação durável em que se estabelece. O próprio cenário da sala de aula está preparado com as carteiras dispostas em fileiras já que é um ato habitual, demonstrando as condições materiais e simbólicas típicas do *habitus* escolar. (FAGUNDES, 2017, p. 111)

Uma das características do campo, é o alcance do poder do que os indivíduos podem ou não fazer dentro dele. No caso do campo escolar, para além das regras, as características do campo foram associadas por Bourdieu ao conceito de capital cultural, que está relacionado à herança cultural da família, a fim de dar conta da desigualdade no desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais. Na posse desse capital cultural, os

estudantes de classes mais privilegiadas possuem mais chances de obter “sucesso escolar” do que aqueles que não detêm este capital, portanto, a eficácia escolar depende do capital cultural herdado e o sucesso escolar depende da sua proximidade com a cultura/comportamento exigido pela escola, conforme Fagundes (2017).

Um outro estudo sobre campo de poder e ação no âmbito da sociologia das organizações é o ensaio realizado por Maria Ceci A. Misoczky revisando as formulações de Bourdieu, com ênfase na concepção de campo social como configuração da distribuição desigual de diferentes tipos de capital (formas de poder). Segundo a autora, algumas das implicações da utilização de Bourdieu nos estudos organizacionais são: a ênfase de Bourdieu em que cada campo tem sua própria lógica, já que diferentes tipos de capital tendem a impor sua própria lógica, a ligação entre legitimidade e o que está em disputa em uma instituição sobrevivente é mais claramente definida através dos conceitos propostos pelo autor, logo, a noção de tipos de capital torna o conceito de legitimidade mais significativo, para Bourdieu a prática que é reconhecida como “técnica” é aquela que atingiu o status de ser considerada como fato, não sujeita a questionamentos e, que os campos estão sempre em fluxo ou abertos a mudanças, por que os tipos de capital e as posições dos agentes são constantemente contestadas (MISOCZKY, 2003).

Tais diferenciações, desigualdades e chances, ou não, de sucesso, estão presentes nos mais variados campos e podem ser observadas também no estudo de Ferreira (2007). A partir da posição dos agentes (sócios) integrantes das organizações cooperativas em relação aos grupos capitalistas, das disposições socialmente constituídas e o *habitus* de cada grupo que ao ser associado ao sistema de separação diferencial (detenção de capital econômico e cultural), orienta as tomadas de posição na condução das organizações, logo, elas não são movidas apenas por um interesse, mas também, por disposições socialmente adquiridas.

O sistema de disposições e diferenciações tende a se reproduzir também a partir da constituição de significados simbólicos que remetem à uma determinada classe, logo, a partir da formação da percepção, da apreciação e da ação (o *habitus*) que se travam as disputas entre os atores organizacionais atuantes nos mais variados campos, conforme observado por Brei (2007). Além disso, o conjunto de atores socialmente hábeis, detentores de um determinado capital simbólico que determina uma posição hierárquica, permitem explicar o processo de lutas que ocorrem no interior dos campos, cujos objetivos são a produção, reprodução e difusão de um tipo de conhecimento e de saber, que mais tem servido para cristalizar o pensamento dominante, para manter o sistema de posições e para impor princípios de classificação (SHIRAIISHI, 2007; PICANÇO, 2013; CHIARAMONTE, 2015).

A associação desses conhecimentos e saberes para a produção e reprodução de uma determinada *doxa*, tendem a receber maior legitimidade quando associados aos princípios de instâncias tradicionais de socialização. Este é o caso de uma configuração através da ética do familialismo, atuando como uma espécie de moralizador de indivíduos e famílias, podendo produzir uma mudança cultural que transforma práticas e percepções acerca do mundo em que vivemos, como uma reconversão de *habitus* (LEITE, 2011).

Se tratando de organizações, e das formas de poder e de violência que as circundam, as formas burocráticas das organizações, ainda predominantes no mundo organizacional, são reguladas por uma dinâmica baseada na padronização, na especialização das tarefas, por exemplo. É através da manutenção dessa dinâmica que elas reproduzem suas relações de forças, suas disputas por capital e, principalmente, as desigualdades sociais no interior destes campos. Ao reproduzir essa dinâmica, a organização tende a ressignificar suas regras e relações, normalmente, produzindo e consumindo símbolos, como forma de representar o mundo que lhe confere significado (ROSA E BRITO, 2009).

### **2.3 A caracterização do *habitus* empresarial**

O entendimento inicial que temos a respeito do conceito de *habitus*, de onde pretendemos partir para pensá-lo como um processo de socialização, após observar alguns dos estudos já realizados e as obras de Bourdieu, é que o *habitus* é uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica ou de um sistema de orientação, ora consciente ora inconsciente. E apesar de surgir da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre os comportamentos dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais, essa mesma noção de *habitus* adquire um alcance universal, tornando-se um instrumento conceitual que permite examinar a coerência das características mais diversas de indivíduos que se encontram em condições de existência parecidas ou idênticas, criando uma certa homogeneidade nos gostos e preferências (SETTOON, 2002).

O *habitus* fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação porque as nossas categorias de juízo de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares e, de individuação, porque cada pessoa ao ter uma trajetória e uma localização única no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Por isso, é simultaneamente estruturado, por meios sociais passados e estruturante de ações e representações presentes. (WACQUAND, 2007). Este *habitus* varia

não apenas com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e os modos, os prestígios (CASANOVA, 1995).

O fato do *habitus* ser considerado por Bourdieu um produto da história, ele é também considerado um sistema de disposições aberto, constantemente confrontado com novas experiências e afetado por elas, portanto é considerado durável, porém não imutável (CASANOVA, 1995). Assim, o *habitus* cria uma estrutura mental ou cognitiva que internaliza a ordem social, gerando – de maneira não mecânica – os comportamentos que são apropriados para a lógica objetiva do campo social, enquanto tolera algum espaço para a improvisação e a criatividade. Este *habitus* é inscrito e fortemente enraizado no corpo, nos gestos, na postura, a ação é orientada pelo jogo e não pela razão e os atores limitam espontaneamente suas escolhas de acordo com o seu *habitus*, conforme Sckell (2016).

Partindo de premissas weberianas, Bourdieu explica que as diferenças de classes entre os indivíduos de uma sociedade se dão por um processo que ele chama de estilização, fortemente ligada à produção e consumo de bens simbólicos que passa a transmutar estes bens em signos que podem ser desde a aquisição de um automóvel, da decoração de um apartamento ou até mesmo da escolha de uma escola para os filhos. Essas formas de distinguir grupos de níveis mais elevados de refinamento dos menos elevados, consistem em um conjunto de *habitus*, diferenciado a partir do vestuário ou da linguagem utilizada, por exemplo, que tende a desenhar um círculo mágico em torno do povo a que pertence. Durante muito tempo se falou a respeito do *habitus* ou da linguagem religiosa, como um conjunto simbólico capaz de se tornar um veículo de poder e de política, que cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo através da sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2007).

Em outras palavras, a religião contribuiu durante muito tempo para a imposição dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo na medida em que impõe um sistema de práticas e representações, a partir de um processo racionalizador e moralizador das práticas religiosas, fortemente marcado pela transferência da noção de pureza da ordem mágica para a ordem moral. Com a ajuda de instâncias objetivamente incumbidas para a produção reprodução, conservação e difusão dos bens de salvação religiosos, diferentes formações sociais podem ser distribuídas, como é o caso da Igreja, que passa a ser além de uma confraria sacerdotal, uma comunidade moral, formada por crentes da mesma fé.

Recuperando alguns conceitos apresentados na seção anterior, em que ressaltamos que o gosto (*habitus*) dos indivíduos tende a ser uma objetividade interiorizada de estruturas de poder em que indivíduos de classes altas, dotados de capitais simbólicos dentro destas

estruturas, vistas aqui como instituições, tendem a fazer um movimento de ortodoxia, como uma série de “rituais” para manter sua posição social, a religião assim como todo sistema simbólico, tende a cumprir uma função de distinção, através de um sistema de práticas e crenças que costuma ser designado como magia, tanto em religiões antigas como em religiões contemporâneas. Através de práticas ou crenças religiosas e sobretudo na produção, reprodução, difusão e consumo de bens de salvação, a religião passa não só a cumprir funções sociais, mas também, fornece aos indivíduos leigos, justificações de existir em uma posição social determinada, conforme explica Bourdieu (2007).

A manipulação destes aspectos simbólicos, por parte dos atores dominantes, além de contribuir para a formação de uma comunidade de significados, exerce também um papel de controle, tal qual é possível observar, por exemplo, no estudo realizado nas organizações militares. Conforme Rosa e Brito (2010), no contexto militar, as relações sociais são norteadas por duas categorias centrais: a hierarquia, que define quem manda e quem deve obedecer e a disciplina que assegura tal obediência. Para todos os cargos, existe um processo de socialização para a formação militar, no qual a pouca idade dos jovens que ingressam no campo é importante na medida em que a ação pedagógica incidirá sobre um jovem com estruturas mentais bastante frágeis para uma conversão de *habitus*, com o intuito de homogeneizar e padronizar os iniciantes, facilmente percebida e objetivada através da farda, do corte de cabelo, no comportamento e na postura, por exemplo.

Dessa forma, dentro da organização, esses comportamentos presentes possuem um fundo cultural, que define um tipo de subjetividade, o “espírito militar” que consiste em um conjunto de regras, valores e comportamentos compartilhados pelos militares, um espírito incorporado por aqueles que usam a farda e servem à instituição, mesmo que estejam fora dela. No caso de organizações industriais, militares e religiosas, em que persiste uma linha de consagração ou de estigmatização, em que por mais afeminado que um executivo homem seja, ele continua sendo homem, ou por mais masculinizada que seja uma mulher, ela continua sendo mulher. Ambos ocupam posições simbólicas que transcendem sua condição de profissional e os colocam em situação de consagração (para o homem) e estigmatização (para a mulher), conforme os ritos que são legitimados dentro do campo social (ROSA E BRITO, 2009).

Este fato se repete no caso de um executivo negro, que ao estar inserido em um contexto em que a maioria é branca tende a ser estigmatizado, o próprio preconceito racial tende a dividir os consagrados (brancos) e os estigmatizados (negros). A imagem de pessoas negras desde os discursos científicos que tentavam legitimar o branco como superior ou até mesmo através do mito da democracia racial, sempre foi muito inferior, o que significa interiorizar padrões de

pensamentos e ações impostas pela lógica dominante. Essa mesma situação, tende a acontecer com um executivo homossexual, por exemplo, que tende a ser estigmatizado por esta condição em uma empresa de maioria heteronormativa.

Em ambos os casos analisados por Rosa e Brito (2009), a *doxa*, cultura dominante legitimada e compartilhada pela maioria, opera uma ação pedagógica, exercida por uma autoridade pedagógica por meio de um trabalho pedagógico que pode ou não estar vinculado a um sistema de ensino. Portanto, o grau de violência vivido por aquele que sofre ação pedagógica será sempre mais doloroso quanto maior a sua proximidade com a *doxa*. Em outros termos, estar sujeito à violência simbólica, significa que todos os recém-chegados ao campo, que não detém capital simbólico, estão sujeitos a esta violência.

Conforme Bourdieu (2020), a própria divisão sexual está inscrita por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens, o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de “representação”, e em particular de todas as trocas de honra, das trocas de palavras, troca de mulheres, trocas de desafios e de mortes. Por outro lado, ela está inscrita nas disposições dos protagonistas da economia de bens simbólicos: as mulheres, que essa economia tende a reduzir a objeto de troca e os homens, a quem toda a ordem social, impõem adquirir a aptidão e a propensão de levar a sério todos os jogos assim constituídos como legítimo.

O “mundo dos homens” como já chamara Bourdieu, que é sem fraquezas, dos que tendem a serem chamados de “duros” porque assim o são com o seus sentimentos e sobretudo com os sentimentos dos outros, sejam estes homens assassinos, torturadores e chefes de todas as ditaduras e de todas as instituições “totais”, inclusive a própria empresa, com os novos padrões de uma luta que a hagiografia neoliberal exalta e, que facilmente, quando são submetidos a novas provas de coragem corporal, manifestam seu domínio atirando ao desemprego seus empregados excedentes e, normalmente, aos que não correspondem ou diferem de qualquer um destes comportamentos considerados viris. Nas palavras do autor “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente *relacional* construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (BOURDIEU, 2020, p. 92).

Estas formas de “coragem” são exigidas ou reconhecidas, principalmente, pelas forças armadas, polícias, corporações de “elite” ou mais banalmente, em certos coletivos de trabalho, que tendem a pressionar e recusar medidas de prudência e desafiar o perigo com exibições de bravura, para que assim não sejam remetidos à uma conduta tipicamente feminina, dos “fracos”,

dos “delicados”, das “mulherzinhas” (BOURDIEU, 2020). Qualquer um destes comportamentos que tendemos a reconhecer como coragem, tem suas raízes nas mais diversas formas de covardia, constantemente reforçados nas mais diversas esferas sociais.

O mundo do trabalho e, conseqüentemente, as instituições promotoras de trabalho, tende a estar repleto de pequenos grupos profissionais isolados, que funcionam como “quase-famílias” e incorporam os traços e os valores da instância familiar para suas formas de organizar, passando o chefe do serviço, quase sempre um homem, assim como a autoridade máxima na hierarquia familiar representada pela figura do pai, exerce uma autoridade paternalista, baseada no envolvimento afetivo ou na sedução. De maneira objetiva, esses signos hierárquicos se convertem em formas de divisão do trabalho tais como: o médico, a enfermeira, o chefe, a secretária. Assim como em todas as demais manifestações visíveis das diferenças entre os sexos, como o comportamento, vestimentas, penteados ou falas.

Conforme Bourdieu (2020), o trabalho de reprodução dessas diferentes formas de dominação ou de comportamento, esteve garantido até época recente por três instâncias principais: a Família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas agiam sobre as estruturas inconscientes. Para o autor, a Família teve, sem dúvidas, o principal papel na reprodução da dominação e da visão masculina, já que é nesta instância que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão. A Igreja, marcada pelo antifeminismo de um clero disposto a condenar todas as faltas femininas à decência e a reproduzir uma fala negativa sobre as mulheres e a sua feminilidade, além disso, ela impõe uma moral familiarista dominada pelos valores patriarcais e pelo dogma da inferioridade das mulheres.

Por fim, a Escola, que mesmo liberta da tutela da Igreja, persiste em transmitir os pressupostos da representação patriarcal e, sobretudo, talvez os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas. Seja entre as diferentes escolas e faculdades, entre as disciplinas consideradas “moles” e “duras”, entre as especialidades ou, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de *se* ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, contribuindo para traçar tanto os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo (BOURDIEU, 2020).

Na medida em que a sociedade avança, as principais instâncias socializadoras como a Família, a Escola e a Igreja vão dando espaço a outros meios de salvação, principalmente devido as disposições associadas às posições e a trajetórias sociais determinadas, ou seja, se durante muito tempo se falou a respeito de processos de socialização através de uma primeira socialização familiar, como um sistema gerador de práticas, distinções e sistemas estéticos dos

indivíduos, passando também por processos escolares e/ou religiosos, as alterações na estrutura e nos tipos familiares e a expansão do emprego feminino, que se associam a instrução pré-primária, bem como a exposição aos meios de comunicação de massa, revertem numa incorporação de disposições menos centradas no meio familiar. Assim como, a expansão da escolaridade e o adiamento da entrada na vida ativa, a formação permanente, a multiplicação de situações de subemprego e de desemprego em remos sociais, a mobilidade profissional e residencial, são alguns dos fatores que concorrem para uma eventual reconfiguração do *habitus* dos atores sociais (CASANOVA, 1995).

Cada vez mais podemos pensar em novas configurações do mundo social que contribuem para a construção de um novo *habitus*, de um novo sujeito social, que agora passa a ser influenciado não apenas pelas instâncias tradicionais de socialização – a Família, a Igreja e a Escola – mas sim, um *habitus* alinhado às pressões, às mudanças e as influências modernas, conforme Settoon (2002). As transformações institucionais do mundo moderno, com uma variedade crescente de instituições produtoras e promotoras de saberes, valores e comportamentos, podem levar o indivíduo a viver a experiência de construir reflexivamente parte do seu próprio destino, dando espaço para uma liberdade de ação dos indivíduos devido ao caráter transitório das relações, dos papéis e das instituições sociais.

Como já observado nos mais diversos estudos sobre empresarização, que manifestam a maneira que a *doxa* empresarial realiza um processo de socialização, tornando o comportamento empresarial natural, de maneira sutil e facilmente imperceptível na maioria das vezes, tornando-a senso comum, fazendo com que as ações dos diferentes agentes dos mais diversos campos assumam uma forma corporificada através deste *habitus* interiorizado, fortemente influenciado pela instituição empresa. Logo, se a família, os indivíduos, as escolas, as instituições religiosas e, até o próprio Estado, tendem a ser ver e se organizar como empresas, podemos pensar que o *habitus* empresarial atua de maneira generalizada, modificando e transformando simultaneamente tanto nos agentes como nas estruturas o processo de socialização e de formação.

Intensificado pelo neoliberalismo, o “espírito empresarial” ou “cultura empresarial”, passa a atingir o que Bourdieu chama de eficácia simbólica, que ao ser tomada como natural, passa a ser referência para os mais diversos espaços e agentes, na qual se valoriza cada vez mais o desempenho e o comportamento dos atores que foram feitos para serem bem-sucedidos. Nessa lógica, quanto mais bem-sucedido o indivíduo ou a instituição é, mais comportamentos empresariais eles incorporam, passando a ter destaque em qualquer campo.



Estas observações vão ao encontro dos objetivos de estudo deste trabalho, que se preocupa com as mudanças que vêm acontecendo dentro do subcampo da literatura com a emergência do novo nicho da literatura erótico-empresarial, que além de revelar a forte presença de discursos e termos empresariais tanto no título das histórias como na trama dos livros, confirma a forma como o *habitus* empresarial se mostra presente e fortemente influente nos mais diversos campos, fazendo com que também ajudem a sustentar estas práticas e os interesses desta classe.

Para além da literatura erótico-empresarial, o processo de empresarização parece ter causado o efeito de homogeneizar os campos, transformando os seus capitais de disputa sempre voltados para o comportamento e para a lógica empresarial. Ou seja, apesar de existirem os mais diversos campos, com diferentes nomes, desde a família, a igreja ou a escola, todos passam a incorporar o *habitus* empresarial e a instituição empresa como natural, como um mundo mágico e sedutor, passando a ter os mesmos objetos de disputa, os mesmos princípios éticos, moralizadores, as mesmas regras e os mesmos “bens de salvação” disputados e necessários para sobreviver e ascender dentro de qualquer campo tornando todos cada vez mais parecidos.

As regras do jogo que acontecem dentro de qualquer campo são as regras da empresa, é a cultura da empresa, que até mesmo quando os agentes discordam de algumas práticas pré-modernas presentes dentro da instituição, acabam reproduzindo-a nos outros espaços por estarem tão enraizadas na sua socialização. As próprias necessidades e preocupações do mundo moderno, como o desemprego, a informalidade altamente precarizada e a falta de oportunidades, levam os agentes a adotar os comportamentos empresariais como a solução para todos os problemas cotidianos de qualquer agente, sejam problemas sociais, familiares, financeiros, pessoais ou profissionais.

Dessa forma, podemos concluir que a empresa como uma instituição também é produtora de bens simbólicos, que homogeneizam comportamentos, regras e crenças, como uma resposta para os problemas de todos. Essa didática transforma a experiência individual em experiência coletiva. Se pensarmos no período em que estamos vivendo, em que a pandemia da Covid-19 (*Coronavirus Disease 2019*) provocada pelo vírus SARS-CoV-2, causou uma crise econômica, resultando no aumento do desemprego, pobreza e fome, fazendo com que uma parcela expressiva da população brasileira tenha sido atingida com os efeitos da crise que ampliou o desemprego, fazendo com que as pessoas passassem a migrar para a informalidade, adotando comportamento empresariais para “vender” os seus serviços como a única saída deste cenário, deixando de se ver como trabalhadores precarizados e passando a se ver como empreendedores ou seus próprios patrões. Qualquer incorporação de comportamento

empresarial, seja como uma forma de sobreviver à fome, a pobreza ou à miséria, ou como forma de organizar a vida pessoal ou familiar, é vista como uma forma de ascender socialmente, é vista como salvação, como resposta aos problemas sociais.

Em dias em que as preocupações e os medos da maioria da população giram em torno do trabalho, de ascender socialmente e obter condições básicas de bem-estar social, tão pouco atendidas pelo Estado e que passam a ser responsabilidades individuais, o trabalho, as empresas, o comportamento empresarial e os indivíduos que detêm poder dentro das empresas são vistos como exemplos a serem seguidos, como salvação. Tudo isso se dá, através da produção, do consumo - e da interiorização – de um conjunto de símbolos que remetem à instituição empresa, a própria *doxa* empresarial como visão de mundo central.

Para pensar e analisar estes símbolos reproduzidos dentro dos diferentes campos, essencialmente no subcampo da literatura erótico-empresarial, foi necessário caracterizar, de modo mais concreto, o que estamos chamando de *habitus* empresarial. Para isso, foi necessário entender e identificar no que consiste o *habitus* empresarial, quais as suas características, qual a sua forma, como se expressa, como se percebe, qual a sua ligação com as características da instituição empresa, para só então, perceber, como ele é capaz de agir e se fazer presente no comportamento individual e social dos agentes.

Retomando o entendimento de que para Bourdieu o *habitus* de uma sociedade é “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (WACQUANT, 2007) capaz de transformar os gostos e as escolhas dos agentes de mera subjetividade a uma “objetividade interiorizada”, precisamos pensar em dois movimentos que constituem um *habitus*: o das estruturas e o dos indivíduos, dos agentes.

Para iniciar essa compreensão, utilizaremos aqui, os gostos, valores e regras da empresa, instituição central não apenas neste trabalho, mas também no mundo e, posteriormente, a forma como estes comportamentos podem influenciar nos aspectos mais individuais, fazendo com que os agentes assumam e interiorizem os valores da estrutura, além disso, observar a forma como estes valores e regras são objetificados socialmente através da ação dos indivíduos. Por esta razão, os cinco modos de agir e pensar propostos por Abraham (2006), assim como as respectivas relações sociais que eles desencadeiam terão grande importância para o desenvolvimento deste trabalho, sendo os principais elementos que utilizaremos como base para a discussão aqui presente.

Da mesma forma, precisaremos pensar e fazer o movimento contrário e considerar, que assim como os indivíduos incorporam os valores da instituição e incorporam esse *habitus* no seu processo de socialização, a empresa, assim como a sua forma de organização, sua

constituição, os seus valores e regras, também são o resultado de um processo histórico de mudanças sociais, políticas e econômicas que, provavelmente, não foram previstas e nem pensadas nos cinco modos de agir e pensar de Abraham. Para isso, o cabedal teórico de Bourdieu poderá responder à uma série de comportamentos e valores que, provavelmente, são oriundos de outras instâncias socializadoras, a saber: a Família, a Igreja e a Escola.

Por estas razões, definimos e caracterizamos o *habitus* empresarial da seguinte forma:

Quadro 1. Definição e detalhamento do *habitus* empresarial

CATEGORIA	ELEMENTOS	DETALHAMENTO
<b>HABITUS EMPRESARIAL</b>	Relações impessoais	Observar as relações dos indivíduos, que refletem em um comportamento egoísta e individualista, ligada a tudo que o outro possui ou produz e marcadas pela importância do dinheiro
	Relações de exploração ou assalariamento	Divisão desigual dos bens de produção e/ou propriedade, venda de mão de obra, exploração de uma classe pela outra.
	Relações de trabalho ou funcionais	Analisar as formas de divisão de trabalho, de competências, funções e posições sociais
	Relações de dominação	Dominação racional-legal, baseada nas crenças nas leis e funções e separação entre funções administrativas e operacionais
	Relações concorrenciais	Observar as relações de mercado, formas de produção, ideologias e crenças que impulsionam o processo de consumo
	Heranças familiares, religiosas e escolares	Identificar as heranças de comportamentos e valores que mantém a ordem moral dos agentes, além de manter e acumular capital social

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A noção de *habitus* empresarial tal qual foi orquestrada e pensada para esse trabalho observa a empresa como um dispositivo de manutenção e legitimação de privilégios e posições sociais que se sustentam através de pressupostos e práticas que são inerentes ao modelo

empresarial, algumas mais perceptíveis, outras mais enraizadas. As relações aqui estabelecidas como elementos que caracterizam esse *habitus* empresarial, são oriundas dos modos de agir e pensar da empresa tornando-a predominante nas sociedades ocidentais modernas e sustentando um determinado modo de vida.

As relações sociais aqui escolhidas como principais elementos que caracterizam esse *habitus* empresarial, são em sua grande maioria, resgatadas dos estudos de Abraham (2006), que ressalta a forma como cada uma destas relações remete as diferentes formas de agir e pensar que caracterizam e marcam o comportamento empresarial. Ou seja, elas são uma forma de expressão desse modelo empresarial, através das relações entre os indivíduos dentro das organizações, ou que mesmo estando fora delas, foram sujeitos ou receberam determinada influência desse modelo em algum momento de suas vidas, reproduzindo-as para os mais diversos espaços e aspectos das suas vidas. Tais relações são talvez a maneira mais clara de observar através do indivíduo, a influência da instituição.

Quando são pensadas e observadas no meio empresarial e nos estudos iniciais sobre o tema, Abraham (2006), destaca o tom racional delas, ou seja, voltadas sempre para um determinado fim. As relações sociais assim se sustentam, porque são a forma mais legítima e o caminho a atingir os objetivos da empresa, mesmo quando os indivíduos estão fora dela. Elas permeiam não apenas os objetivos da empresa em um sentido material, mas também influenciam os aspectos mais subjetivos, quando os indivíduos passam a assumir os comportamentos da empresa para si, como a rotina, as falas, o relacionamento com os filhos, as relações matrimoniais, as crenças, os desejos e as aspirações.

Todos os aspectos da vida, mesmo que de maneira irracional, passam a ser dirigidos por tais relações. As relações impessoais, presentes nos mais diversos coletivos organizacionais, se observadas a partir de um olhar burocrático conforme proposto por Weber, são vistas como uma particularidade da sociedade de mercado, onde o indivíduo passa a ser um símbolo do empregado eficiente, que melhor se adapta às metas organizacionais. No entanto, essa relação entre os indivíduos também é produtora de conflitos, uma vez que o dinheiro passa a ser central nessas relações, ou seja, as relações se mantêm a partir do que o outro tem ou pode prover, a partir do consumo, tudo passa a ser objetificado, inclusive os próprios atores. A necessidade de consumir sempre mais, acumular sempre mais e ganhar cada vez mais dinheiro, na tentativa de satisfazer necessidades que são ilimitadas, resulta em um comportamento solitário, frio e egoísta dos indivíduos.

As relações de exploração ou de assalariamento, conforme foi proposto por Araújo e Silva (2003), é o resultado de um processo de apropriação e divisão desigual dos bens de

produção, da exploração do homem pelo homem, fazendo com que as pessoas sejam submetidas a um trabalho assalariado para sobreviver, conforme observado por Solé (2008). As relações de trabalho ou funcionais, fruto da divisão racional do trabalho, faz com que os indivíduos sejam constantemente agrupados pela função que executam e, também, reconhecidos por elas, como se tivessem papéis e posições pré-determinados.

As relações de dominação, presentes no mundo organizacional, é oriunda dos modelos de dominação propostos por Weber: dominação de caráter racional, tradicional e carismático. A dominação racional-legal é o modelo predominante e que inspira a burocracia como estrutura organizativa, mais característica e mais legítima, conforme destacado por Araújo e Silva (2003). Esta, por sua vez, dita a separação entre as funções administrativas e operacionais, a hierarquia, a disciplina e a obediência às leis e normas. Por fim, as relações concorrenciais, que remetem à busca pela satisfação de necessidades, que tanto os indivíduos como as empresas, concorrem sempre entre si (PARETO, 1996), buscando sempre maiores lucros e a valorização de bens e serviços que produzem.

Qualquer uma das relações sociais, que além de caracterizar a empresa como uma instituição que produz e reproduz valores e saberes, são caracterizadas e pensadas por um olhar puramente utilitarista e mercadológico. No entanto, quando estão presentes no comportamento de um indivíduo, percebe-se que são constantemente atravessadas por outros comportamentos e valores que ultrapassam tais aspectos. Ao nos depararmos com o objeto de estudo desta pesquisa, percebemos a influência e a presença de questões morais e religiosas, aparentemente oriundas de outras instâncias, que reforçam e sustentam, mesmo que inconscientemente, os valores da empresa como instituição central promotora de valores e saberes.

Já no título e no breve resumo de algumas obras do nicho literário, nos deparamos com símbolos como: a herança familiar (CEO retratado com herdeiro), a dominação masculina, para além da dominação racional-legal como propôs Abraham e Solé e a desigualdade de gênero, que parece ser a base muito sólida para qualquer um dos livros e para representar qualquer uma das relações de trabalho presente nas histórias. Apesar de entendermos que no decorrer das histórias e da análise do objeto de estudo, novos elementos poderão surgir, foi pela urgência desses três traços iniciais, que percebemos a necessidade de associar novos elementos para pensar o *habitus* empresarial, que ultrapasse estes aspectos racionais do comportamento empresarial e que seja capaz de explicar essa ordem moral que perpetua não apenas as histórias em questão, mas que dá legitimidade para o campo, garantindo a subsistência da empresa e dos modelos empresariais como referência para qualquer espaço.

Pensando nos traços que ainda poderemos encontrar ao decorrer da análise, incluímos no “Quadro 1” o elemento “Heranças familiares, religiosas e escolares”, de forma bem ampla, deixando espaço para futuras interpretações e possíveis caracterizações. Optamos por este elemento, pensando nos comportamentos e valores que, assim como da empresa, são oriundos de instituições que por muito foram as principais responsáveis pelo processo de produção e reprodução. Entendemos que a empresa como instituição, reproduz um conjunto de símbolos, tais como a hierarquia, a disciplina, a dominação, o assalariamento, a concorrência ou o consumo, por exemplo, capaz de ditar uma ordem na sociedade contemporânea. No entanto, a noção de *habitus*, por ser estruturante e estruturado ao mesmo tempo, passa por um constante processo de manutenção e incorporação de valores, ou seja, mesmo que as instâncias tradicionais tenham dado espaço a novas formas de pensar, elas não excluem valores que há tanto estão consolidados e enraizados socialmente e que se fazem presente na sociedade desde a antiguidade.

Tais relações, comportamentos e valores, serão observados e discutidos nos próximos capítulos à luz das teorias escolhidas. No próximo capítulo, discutiremos acerca do método de estudo escolhido para esta pesquisa.

### 3. Metodologia

Após a introdução ao tema, apresentação do objetivo geral e específico, justificativa da escolha do tema e o desenvolvimento do referencial teórico, traremos aqui informações e explicações de como a pesquisa foi realizada, a construção do *corpus* da pesquisa, o tipo de estudo e como foram analisados os dados. A escolha destes procedimentos nos pareceu a mais adequada para pensar na problematização inicial do trabalho que é analisar o conjunto de símbolos tais como, a divisão do trabalho, a hierarquia, as diferentes formas de dominação, o consumo, os papéis de trabalho, as heranças familiares e religiosa e a desigualdade de gênero, presentes na literatura erótico-empresarial e como eles contribuem para ampliar a ideia de empresa no centro do mundo.

Por isso, a metodologia foi estruturada da seguinte forma: primeiro retomamos as perguntas de pesquisa, para orientar o leitor e relembrar os objetivos propostos inicialmente; na segunda etapa caracterizamos o tipo de estudo; na terceira etapa, construímos o *corpus* do trabalho que foi analisado e; por último, como os dados encontrados nas etapas anteriores foram analisados.

#### 3.1 Perguntas de pesquisa

Retomamos aqui as questões centrais deste estudo, que levaram a adotar este percurso teórico e metodológico como o mais adequado para responder tanto ao objetivo geral quanto aos objetivos específicos da pesquisa e entender como o conjunto de símbolos presentes na literatura erótico-empresarial contribuem para ampliar a ideia de empresa em nosso mundo.

- Quais os aspectos simbólicos presentes no processo de produção da literatura erótico-empresarial?
- Como se dá o processo de consumo da literatura erótico-empresarial e a aproximação que possuem com tais aspectos simbólicos?
- Como os processos de produção e de consumo da referida literatura se relacionam com o processo de empresarização?



### 3.2 Caracterização do tipo de estudo

Vieira (2004), explica que em geral, a pesquisa qualitativa possui uma dimensão subjetiva maior e que, normalmente, oferece descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre os processos em contextos locais identificáveis, porém, isso não significa afirmar que as análises qualitativas são baseadas em meras especulações subjetivas, elas são embasadas nos conhecimentos teóricos empíricos que lhe permitem atribuir teor científico. Por essas razões, para responder aos objetivos desta pesquisa, utilizaremos uma abordagem predominantemente qualitativa, com o objetivo de conhecer significados, opiniões e percepções através dos objetos escolhidos para a análise e das suas relações de produção e consumo. Esse processo de pesquisa é mais flexível, permitindo a inserção de novas categorias de análise durante o processo de coleta dados.

Para que seja possível conhecer essa realidade, essa pesquisa possui um caráter descritivo, com o foco principal de conhecer o campo dessa pesquisa, os objetos de estudo, os agentes participantes do processo, e as suas características. Segundo Triviños (1987), esse tipo de estudo exige uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias, que orientarão a coleta e interpretação dos dados.

A pesquisa também é caracterizada como interpretativa, ou seja, através da análise dos dados e interpretação destes à luz da teoria apresentada, procura-se identificar processos de produção e consumo, partindo de uma série de hipóteses que tentam explicar os fenômenos que acontecem no cenário social estudado, conforme Triviños (1987). Através deste tipo de análise associada a outras teorias, é possível acrescentar ou trazer novos conhecimentos para a área do fenômeno.

### 3.3 A construção do *corpus* do trabalho

A literatura erótica comumente é vista como uma literatura menor, rápida e muito pouco observada pelos olhares acadêmicos, apesar de várias obras deste gênero tenham se tornado *best-sellers* e atingindo um público bastante significativo de leitores. Além de ter sido censurado durante muito tempo, o gênero literário já passou por diversas mudanças, tanto no seu conteúdo, como nas suas razões de existência ou ao público que se destina.

No começo, essa literatura funcionava como uma maneira de registrar as mais diversas formas de sexualidade presentes no mundo e costumava ser entretenimento eminentemente

dedicado aos homens. Também já foi considerada uma expressão de sátira e meio de provocação à Igreja e, atualmente, tem o papel de literatura comercial para as mulheres, sendo elas, na maioria das vezes, as autoras, as leitoras, as personagens e o próprio público-alvo (FRANCKLIN, 2015).

Muito diferente da literatura contemporânea, as primeiras literaturas brasileiras que incluíram o erotismo na sua construção, continham sátiras repletas de críticas sociais e o uso do erotismo para aproximar o corpo e o sexo como “O Boca de Inferno” de Gregório de Matos. O romance “Diva” de José de Alencar que além de representar de forma sexual membros como a mão e os pés, mencionava toques, carícias e gestos para simbolizar o erotismo, ou então Machado de Assis em “Dom Casmurro” que contempla a utilização do erotismo velado para explorar a relação entre Bentinho, Escobar e Capitu (WEEGE, 2021).

A literatura moderna sofreu atualizações, mudanças, provavelmente muito influenciadas pelo período em que vivemos, em que a maior potência que temos talvez seja a empresa e os atores que detêm o poder dentro dela. Surge então, a presença expressiva do CEO na literatura erótica, em livros como “O acordo com o CEO” de Lis Santos, “Desejada por um CEO” de Bruna Catein e “A governanta e o CEO: O arrogante e a inocente” de Marcelle Oliveira. Em média, após uma breve busca ao site da loja Kindle da Amazon, utilizando a palavra “CEO”, na categoria “erótico”, encontram-se mais de 400 títulos disponíveis.

Como já explicado antes, apesar dos demais autores e das pesquisas já realizadas sobre o tema não diferenciarem a literatura erótica da literatura pornográfica, após identificar a quantidade de obras que incluem a palavra CEO no seu título, sem considerar outros que envolvem a palavra empresário, gestor e a empresa e a estrutura empresarial como cenário das histórias, por exemplo, nos leva a pensar que estas obras são sim diferentes das demais. Por essa razão, passamos a entendê-las, para os fins desta pesquisa, como um subcampo da literatura erótica.

Se pesquisarmos dentro da classificação de “livros eróticos” a palavra “CEO”, no site da Amazon, encontramos mais de 400 títulos com uma média de 100 a 400 páginas cada, o que seria impossível de analisar, devido ao tempo para desenvolver esta pesquisa, ainda mais se tratando de um estudo qualitativo como este. Portanto o *corpus* deste trabalho trata-se de “[...] uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual ele irá trabalhar”, conforme destacam Bauer e Aarts (2002, p. 44) ao referenciar Barthes (1967).

Para tanto, inicialmente, optamos por analisar duas obras, de duas diferentes autoras, Jéssica Macedo e Juliana Dantas, ambas já citadas na introdução deste trabalho. Conforme as informações disponíveis no perfil das autoras no site da Amazon:

Jéssica Macedo é mineira, de 26 anos, e Under 30 da Forbes Brasil, a lista dos jovens mais promissores do país. Mora em Belo Horizonte, Minas Gerais. De dentro de seu apartamento, na companhia do marido e de três gatos, ela produz uma série de livros fantasia, romances de época e contemporâneos, e, principalmente, obras da literatura *hot*, um verdadeiro fenômeno editorial entre o público feminino, vendidas em um ritmo intenso nas plataformas digitais.

Autora *best seller* da Amazon, iniciou sua experiência no mundo da escrita aos nove anos e tornou-se autora aos 14, com o lançamento do seu primeiro livro “O Vale das Sombras”. Com mais de 100 obras publicadas, é escritora, editora, designer e roteirista. Ajudou a adaptar um dos seus romances “Eternamente Minha” para um longa-metragem lançado na plataforma Cinebrac. Hoje, Jéssica é o principal nome de um time de autores, a maioria mulheres, que compõem o catálogo do Grupo Editorial Portal, que ela fundou a partir das experiências vividas em outras editoras. (AMAZON, 2022)

Além de ser uma forma de se apresentar para as suas leitoras, a autora também compartilha na sua descrição a sua conta no *Instagram*, que talvez seja a segunda maior forma de divulgação dos livros. Também encontramos a descrição da autora Juliana Dantas, que segundo o que está disponível no site:

Apaixonada por livros, séries e viagens, a paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos. Estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui mais de 50 títulos na plataforma Kindle, além de livros publicados pela Editora Harper Collins - selo Harlequin, DBS Editora e Editora Pandorga. Em 2020, sua série Julie & Simon teve os direitos de adaptação para produção audiovisual contratados pela produtora Lupi. Com mais de 100 milhões de páginas lidas no Kindle, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos. Seus títulos sempre passam pelo ranking de mais vendidos da plataforma, além de já ter três deles na lista de mais vendidos da Veja. (AMAZON, 2022)

Uma série de fatores nos levou a escolher estas autoras para a análise e um deles foi a influência que elas têm dentro do nicho literário em questão e a quantidade de publicações. Dentre a imensa quantidade de obras existentes no nicho e, inclusive, nas listas dos livros mais vendidos que recebe atualizações a cada dia, percebemos alguns nomes de autoras que tendem a se repetir e aparecer com maior frequência, seja pela quantidade de obras publicadas ou pela popularidade de cada uma delas. Juliana Dantas e Jéssica Macedo estão entre as cinco autoras com o maior número de livros publicados no site da Amazon: Nana Pavoulih com mais de 40 títulos, D. A. Lemoyne com mais de 40 também, Juliana Dantas com mais de 50 títulos, Mari Sales com mais de 60 e Jéssica com mais de 100 títulos publicados.

Além disso, as cinco autoras em questão, também possuem um número significativo de seguidores no *Instagram*, rede social utilizada como meio de comunicação e divulgação das

obras, todas com mais de 20 mil seguidores, ficando atrás apenas de Nana Pavoulih com mais de 37 mil seguidores e de D. A. Lemoyne com mais de 35 mil seguidores. Contudo, um critério que foi decisivo para a escolha das autoras e também das obras que seriam analisadas durante pesquisa, para além do critério popularidade e número de publicações, foi o fato que dessas cinco autoras com o maior número de publicações e também de seguidores, Jéssica Macedo e Juliana Dantas possuem grupos no *Whatsapp*, abertos ao público em geral, que elas utilizam tanto como um meio de divulgação dos novos projetos como também para se comunicar com as leitoras, tornando o processo de produção das obras mais participativo, permitindo maior facilidade de acesso aos dados e informações sobre as autoras, as leitoras e sobre a construção das obras propriamente ditas.

Devido à quantidade de dados e ao limite de tempo para desenvolver esse trabalho, optamos por restringir a análise ao que foi encontrado a partir dessas duas autoras, das respectivas obras, ao conteúdo que foi coletado através de uma observação participante nos grupos do *Whatsapp*, além de entrevistas já existentes com as autoras e algumas reportagens. A participação nos grupos, que durou uma média de quatro meses, permitiu uma certa imersão no universo da literatura erótico-empresarial conhecido e vivido tanto por quem produz como por quem consome a literatura, possibilitando que entrássemos nesse mundo de maneira muito mais profunda, na tentativa de compreender como se dá o processo de produção e consumo das obras.

Como já citado anteriormente, o nicho da literatura erótico-empresarial é consumido e produzido por e para um público majoritariamente feminino ou, pelo menos, que se identifica e se sente representado pelo gênero feminino. Esse dado nos revela uma aparente “revolução” no nicho em questão, que antes existia pensado apenas para o público masculino e, agora, parece receber direta influência dos olhares e gostos femininos, resultando inclusive nessa mudança nos alvos de fetiche e nos personagens principais, que passam a buscar por um “príncipe encantado”. Além disso, nos deparamos com um público majoritariamente feminino, tanto de autoras como de leitoras, que por muito tempo sequer tiveram acesso a qualquer tipo de literatura, especialmente à literatura erótica pelo perigo de suceder aos “desejos da carne” e de sucumbir a ordem moral, também parece ser uma tentativa de superar uma série de “tabus” que tendiam a menosprezar e limitar os direitos das mulheres, que por tanto tempo foram sustentados e reproduzidos por instituições familiares e religiosas, a fim de manter um modelo de dominação masculina.

Esse público de autoras e consumidoras pode ser comprovado tanto ao observar a composição dos grupos de *Whatsapp* utilizados para esta análise, assim como nas avaliações disponíveis no site da Amazon. No grupo “Leitores da Jéssica”, dentre um universo de 254

participantes, excluindo um total de 15 participantes que não possuem foto de perfil ou não deixam o nome visível, permitindo a identificação, todas as participantes se apresentam como mulheres. Já no grupo “Juliana Dantas”, em um universo com 242 pessoas, excluindo o total de 38 participantes que não se identificaram no grupo, apenas um dos integrantes possui um nome masculino, representado aqui como Matheus, que em algumas vezes que interage no grupo se apresenta como autor iniciante no nicho da literatura erótico-empresarial. É bastante comum encontrar nestes grupos outras pessoas que também são autores e utilizam o espaço para divulgar algumas das suas obras e falar sobre o que estão escrevendo.

Através de algumas imagens, tanto de perfil como enviadas nos grupos assim como nas falas, interações e comentários, passamos a conhecer um pouco mais de cada uma destas leitoras. Um universo de mulheres, com vidas bem diferentes, porém, com um gosto, uma paixão literária, em comum. Nos deparamos com mulheres de todas as idades, casadas, solteiras, divorciadas, viúvas, escritoras, artistas, estudantes, donas de casa, desempregadas, mães, filhas e amigas.

Ao que parece, todas além de apreciarem o gosto pela leitura, especificamente a leitura erótica, possuem uma certa admiração pelas autoras e tentam acompanhar cada lançamento fazendo leituras coletivas dos livros e depois, trocando comentários nos grupos. As leitoras parecem escolher os livros pela autora que apreciam, pelo tema, pelos personagens ou por identificação e aproximação com o que estão lendo, além disso, existem outros aspectos que fazem com que as leitoras apreciem as obras e escolham os livros, algumas revelam ser uma forma de “fugir da realidade”, ir para um universo mágico e encantador que só existe nos livros.

Uma outra fonte de dados foram os comentários no site da Amazon a respeito dos livros que foram analisados aqui, que juntos somam quase 500 avaliações, apesar de algumas pessoas não se identificarem ou utilizarem apelidos, não encontramos nenhum comentário em que o leitor se descreva, utilize imagem de perfil ou utilize artigos que remetam ao gênero masculino ao realizar a avaliação e deixar o seu comentário a respeito do livro. Logo, podemos considerar que estamos falando de um público de consumidores expressivamente feminino ou como assim se consideram.

Durante a coleta de dados, interagimos nos grupos, reunindo algumas informações sobre as leitoras e, inclusive, citando a existência e o desenvolvimento dessa pesquisa, que utiliza o nicho literário em questão como objeto de análise. Algumas leitoras demonstraram interesse no estudo e se dispuseram a conversar em modo privado e de maneira anônima, para contar um pouco mais sobre as suas experiências pessoais com a literatura erótica. Tanto a participação nos grupos como essas conversas no modo privado com algumas das leitoras, aconteceram de

maneira bastante espontânea, criando a oportunidade de abrir um espaço em que as leitoras se sentiram seguras para relatar como se aproximaram e conheceram este nicho de literatura, o que sustenta o gosto pelos livros, se há alguma preferência por algum tema ou algum personagem, aproximações com as histórias e fazer algumas críticas tanto quanto ao teor dos livros quanto a algumas autoras do nicho.

Todas as participantes dos grupos, serão retratadas nesta pesquisa por nomes fictícios, preservando a identidade e a intimidade delas, no entanto gostaria de chamar a atenção para as seis leitoras que se dispuseram a conversar de maneira privada sobre suas experiências pessoais com a literatura. Elas serão retratadas aqui com os nomes fictícios de Flávia, Érica, Giovana, Soraia, Larissa e Aline. Estes nomes vão aparecer com maior frequência durante a análise, devido à quantidade de informações que elas disponibilizaram ao longo dessas conversas e, principalmente, por nos proporcionarem uma aproximação mais íntima, entregando informações que revelam a proximidade que elas possuem com os livros que consomem, principalmente quando se trata das relações familiares, matrimoniais e relações de trabalho.

As conversas aconteceram de maneira anônima e por decisão das leitoras, todas optaram por não revelar aspectos pessoais da sua vida, como por exemplo, idade ou estado civil. No entanto durante as conversas e, pelas fotos de perfil no *Whatsapp*, podemos observar que elas possuem idades variadas, algumas possuem filhos e são casadas, como por exemplo, Aline que menciona ser casada e ter dois filhos, Érica, através da foto de perfil e em algumas conversas nos grupos também indica ser casada e com filhos e Aline também menciona ser casada.

Estas seis leitoras também se dispuseram a explicar como conheceram o nicho em questão e a maioria revela ter sido entre os anos de 2007 e 2012, através do *Facebook* ou até mesmo através do *Orkut*, rede social atualmente desativada, Flávia e Érica já liam estes livros ditos de “Romances de banca”, Érica afirma que começou a ler estes livros aos 10 anos influenciada pela mãe, diferente de Giovana que começou a ler influenciada pela trilogia de 50 Tons de Cinza. Atualmente, todas utilizam a plataforma *Kindle* para suas leituras devido à facilidade, economia e a possibilidade de ler mais autoras brasileiras.

Conhecer um pouco mais de perto quem consome e por que consome, foi importante para o desenvolvimento da análise desse trabalho, por dois grandes motivos: o primeiro deles, foi verificar a aproximação das histórias fictícias com a realidade, ou seja, quem escreve o faz baseado em algo que conhece ou que já vivenciou, quem consome pode ou não vivenciar situações parecidas, o que reforça que o conjunto de símbolos que encontramos no campo, não existem apenas no mundo fictício como mera invenção, eles também estão no mundo real e tendem a aparecer nestas obras devido à influência direta de quem consome e produz. O segundo

motivo, foi a oportunidade de observar e entender um ponto importante para a legitimação e repercussão do *habitus* empresarial nos dias de hoje, que consiste na orquestração do desejo, do gosto, ou seja, a aceitação e reprodução de tais modelos, comportamentos e valores, apenas se mantém porque de alguma maneira, tanto as leitoras quanto as autoras, apreciam que eles se façam presentes não apenas na literatura, mas também no seu cotidiano.

Apesar dos grupos de *Whatsapp* terem sido uma fonte de dados importantíssima desse trabalho, o foco principal da coleta se debruça sob os dados secundários, pois é neles que encontramos os principais símbolos que vão caracterizar o que chamamos de *habitus* empresarial, é neles que toda a influência e percepção de quem consome e de quem produz vai se fazer presente. Portanto, tais dados foram coletados nos livros de cada uma das autoras selecionadas, dos diálogos presentes neles, na criação dos personagens, suas características físicas e comportamentais, a forma como são representados, inclusive nas imagens de capa, nas resenhas e sinopses dos livros, os cenários, as estruturas e os cargos, por exemplo. Esta etapa, foi uma tentativa de contextualizar essa literatura no período atual e de diferenciá-la das demais literaturas eróticas ou de romance, principalmente quando se trata dos objetivos dessa literatura, o público-alvo e o que ela se propõe a repassar ou representar, além de ser uma forma de coletar os símbolos presentes no subcampo, que remetem ao comportamento empresarial e que vão, posteriormente, responder ao que estamos chamando de *habitus* empresarial.

Dentre a extensa lista de livros destas autoras, nos propomos a dedicar maior atenção à duas obras, ambas escolhidas por dois critérios: livro que se enquadra no tema da literatura erótico-empresarial, ou seja, que tenha personagens ou cenários empresariais e, maior popularidade (avaliações e comentários). Estes critérios, como mencionado anteriormente, nos levaram aos seguintes livros: “Corações de Gelo - Parte I e II” de Juliana Dantas e “Dono do meu coração (Irmãos Vaughn Livro 1)” de Jéssica Macedo. A descrição, os apontamentos e observações destes livros serão feitos nas seções seguintes.

Das obras publicadas pelas autoras, as escolhas que fizemos se dão pela homogeneidade dos textos, já que ambos possuem histórias que acontecem em contextos empresariais e com papéis empresariais também e, pela relevância mais uma vez, já que escolhemos as obras com o maior número de avaliações, leituras, compras e comentários. As obras, assim como suas imagens de capa e características principais estão listadas a seguir:

CARACTERÍSTICAS	LIVROS	
IMAGEM DE CAPA		
TÍTULO	Dono do meu coração (Irmãos Vaughn Livro 1)	Corações de Gelo - Parte I e II
AUTORA	Jéssica Macedo	Juliana Dantas
DATA DA PUBLICAÇÃO	20 de outubro de 2021	14 de dezembro de 2021
PÁGINAS	353	399
PREÇO	6,99	2,99
NÚMERO DE CLASSIFICAÇÕES	4.746	2.400
CLASSIFICAÇÃO GLOBAL	4,5 de 5,0	4,7 de 5,0
NÚMERO DE COMENTÁRIOS	234	250

Quadro 2. Obras selecionadas para coleta de dados

Fonte: Elaborado pela autora.



Para complementar e enriquecer os dados retirados dos livros, também serão de grande importância as entrevistas, reportagens, anúncios e as próprias informações, comentários e avaliações presentes no site da Amazon sobre as autoras e sobre os livros. Uma entrevista que impulsionou a escolha desse objeto de estudo e nos ajudou a ter uma percepção um pouco mais ampla sobre a literatura em questão, foi a entrevista entre Thaís Oyama e Luiz Felipe Pondé, no canal do Youtube Linhas Cruzadas<sup>14</sup>, em que eles observam a emergência do nicho literário em questão e fazem breves comentários sobre quem está consumindo os livros e o que pode ou não justificar a aparente fama da literatura.

As entrevistas com Felipe Salli, Juliana Dantas e Leonardo Baruki, através do Podcast do PublishNews<sup>15</sup> e, com Jéssica Macedo no Podcast Editores Independentes<sup>16</sup> contribuíram para que entendêssemos como foi o começo da carreira dos autores que publicam de forma autônoma nas mais diversas plataformas *online* e para compreender como se dá o processo de divulgação dessas obras. Também para entender melhor o ponto de vista dos autores e o processo de criação e divulgação dos livros, a entrevista com as autoras Nana Pauvolih, Juliana Dantas e Jéssica Macedo no site da UOL<sup>17</sup> também foram de grande importância. Para compreender esse processo de produção e o trabalho das autoras, as conversas nos grupos de *Whatsapp* nos ajudaram bastante, considerando que ali as autoras falam abertamente sobre esse processo, de maneira mais informal.

Todos estes dados encontrados, enriqueceram a pesquisa e serviram de lente para analisar o ponto de vista das autoras e dos consumidores, suas interpretações, as aproximações com estruturas e instituições sociais e as possíveis identificações cenários e histórias presentes nos livros, que contribuíram tanto para entender o processo de produção como o processo de consumo. Além disso, serviram para caracterizar, através do conjunto simbólico encontrado, o que estamos chamando de *habitus* empresarial.

Retomamos aqui, a importância do Quadro 1, exposto na seção anterior, como o principal norteador para pensar esse *habitus* através dos dados que encontramos. Foi a partir do que coletamos, principalmente, nos dados secundários da pesquisa, os livros, tanto nos diálogos, contextos, cenários, mas principalmente, nos personagens das histórias, que identificamos a

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiICKiAKZyI> acesso em 10 de junho de 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0EiATxUwun59xpJ4kQ0Ew9?si=hTdYw7MOTeG-BucpleyxKg&nd=1> acesso em: 28 de julho de 2022

<sup>16</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0CXkB3MMlzz44bIX5XX5wq?si=NCHscqvKO1G9ULaoaPSSog> acesso em 10 de setembro de 2022

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/19/livros-eroticos-com-personagens-ceos-fazem-sucesso-entre-mulheres-entenda.htm> acesso em: 04 de abril de 2022

presença dos elementos que caracterizam o empresarial, principalmente, as relações sociais que foram ali elencadas. Da mesma forma, muitos destes elementos também se fizeram presentes no cotidiano das autoras e leitoras, o que talvez explique a presença deles nas histórias, já que estas recebem a influência direta dessas agentes. Observamos nos personagens dos livros, as relações sociais que eles mantêm, o que justifica e influencia essas ações e de onde elas surgem.

Foram através destes dados, que conseguimos observar como os personagens e os livros, carregam consigo uma série de comportamentos e valores que remetem aos elementos que caracterizam o *habitus* empresarial. Para cada comportamento, ação, desejo ou vontade dos personagens, percebemos que não são tomadas de forma espontânea, elas possuem um fundo de influência de instâncias socializadoras, que em algum momento nortearam o agir destes agentes. Essas instâncias são responsáveis pela produção e reprodução desses valores, que conforme a sociedade vai mudando e se atualizando, vão incorporando novos modelos alinhados às pressões do mundo moderno.

### **3.5 Análise dos dados**

Considerando a natureza descritiva do estudo, que conforme Triviños (1987), se caracteriza pelo desejo de conhecer e identificar traços característicos dos agentes, das suas ações, do meio em que atuam e das relações que existem entre estes agentes “o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e os fenômenos de determinada realidade.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 110). Dessa forma, os comportamentos, ações, atitudes, palavras relações e representações presentes nos livros serão descritas após a leitura ampla para que possam ser analisadas e compreendidas à luz das teorias apresentadas.

Após a leitura aprofundada dos livros selecionados, das sinopses, das entrevistas analisadas e conversas com as leitoras a partir dos grupos e a descrição dos dados encontrados, é feita uma análise interpretativa sobre os pontos mais relevantes e que se encontram em consonância com os conceitos anteriormente apresentados, na tentativa de promover um debate sobre o assunto e uma maior compreensão sobre o tema. Conforme Triviños (1987), esta análise interpretativa apoia-se em três aspectos fundamentais: nos resultados alcançados no estudo, na fundamentação teórica e na experiência pessoal do investigador. Assim, o relatório do estudo realizado é um corpo integrado destes aspectos.

Pensando nas perguntas de pesquisa iniciais e no que foi encontrado e pensado no referencial teórico deste trabalho, fica claro que o ponto chave desta pesquisa é pensar e refletir

acerca da produção e do consumo de todo um sistema de símbolos que remetem a um *habitus* conforme proposto por Bourdieu, considerado aqui como um *habitus* empresarial, que pode se fazer presente nos mais diversos campos, inclusive, dentro da própria literatura erótico-empresarial que é o foco deste trabalho e a partir do qual foi criado e proposto a construção do *corpus* de análise da pesquisa. Tanto o consumo quanto a produção desse conjunto de símbolos que representam o *habitus* empresarial, além de ser uma forma de comunicar os próprios valores, criações e processo de socialização, também podem representar um processo de diferenciação entre os indivíduos colocados a uma mesma posição (BOURDIEU, 2007).

Conforme já apontado por Triviños (1987), para que os resultados encontrados possuam valor científico, devem reunir algumas condições, como a coerência, a consistência, a originalidade e a objetivação, por um lado, constituindo aspectos do critério interno da verdade e, por outro, a intersubjetividade, o critério externo, com o propósito de apresentar contribuições científicas ao campo. Portanto, para que possamos interpretar os dados encontrados, a fim de cumprir com estes propósitos, os dados que remetem ao conjunto de símbolos, que caracterizam o *habitus* empresarial, serão considerados em duas partes importantes no processo de análise dessa pesquisa, o processo de “produção” e o processo de “consumo”. Conforme Bourdieu (2007), o próprio processo de estilização, que justifica as diferenças de classes entre os indivíduos de uma sociedade, está fortemente ligado ao processo de produção e consumo de bens simbólicos que passam a transmutar estes bens em signos. Por estas razões, estes processos serão pensados e observados da seguinte forma:

PROCESSO	O QUE SERÁ ANALISADO	OBJETIVOS
Produção	Quem escreve? Por que escreve? O que escreve?	Observar, por meio das autoras e dos textos, quem escreve, os motivos que as levam a escrever e o que ou a forma como escrevem.
Consumo	Quem lê? Por que lê? O que percebe quando lê?	Observar, através dos(as) leitores(as), quem consome esta literatura, por que consomem, quais as percepções e o que esperam.

Quadro 3. Elementos analisados no processo de produção e consumo  
Fonte: Elaborado pela autora.

Observar os processos de produção e consumo, tiveram grande importância para a análise dos dados, principalmente para caracterizar a literatura erótico-empresarial como uma literatura diferente das demais, pensar no público-alvo, no que se propõem a oferecer, as visões de quem produz, a influência que recebem das instâncias socializadoras e o tipo de escrita que remete diretamente no processo de consumo. Ou seja, o modelo de escrita dessas obras e a produção massiva que possuem, implica em um consumo rápido, urgente, sempre buscando mais livros. Além disso, quem consome tende a participar ativamente nos grupos de *Whatsapp*, sugerindo temas, personagens e papéis. Portanto, as percepções e os valores de quem consomem são igualmente importantes para esse trabalho.

A análise destas obras, bem como a observação dos seus contextos, discussões e apontamentos será feita nos capítulos seguintes.

#### 4. Análise do material coletado

Antes de partirmos para a análise do material coletado, cabe ressaltar, novamente, o objetivo principal desta pesquisa que nos levou até aqui, que consiste em analisar como o conjunto de símbolos presentes no subcampo da literatura erótico-empresarial contribui para consolidar o *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo.

Também ressaltamos que as informações que serão apresentadas aqui foram encontradas e estão disponíveis, em sua grande maioria, em meio eletrônico, os quais ao longo da pesquisa já foram mencionados, portanto, estão disponíveis para acesso de qualquer leitor interessado. Apesar da maioria dos dados serem públicos, as conversas feitas com as leitoras através do *Whatsapp*, assim como os dados coletados nestes grupos, são privadas e por questões éticas, as falas das participantes serão mantidas em sigilo, sendo representadas por nomes fictícios. Também salientamos, que por se tratar de temas e cenários muito parecidos, as consumidoras de um livro ou de uma autora especificamente não serão distinguidas de outras, já que muitas vezes, inclusive, fazem comentários acerca de autoras e obras que não foram citadas aqui. As falas e contribuições tanto das autoras como das consumidoras foram importantes para observar e construir o que estamos chamando de literatura erótico-empresarial, que engloba ambas as obras analisadas além de um vasto universo de outros livros com esta mesma temática.

Feitas estas considerações, este capítulo destina-se a análise dos dados coletados ao longo dessa pesquisa através de uma análise descritiva e interpretativa. Para isso, este capítulo está organizado da seguinte forma: a primeira seção, tem o objetivo de caracterizar e sintetizar o que é a literatura erótico-empresarial, como ela se apresenta, o que tem de diferente das outras literaturas de romance ou eróticas, quem são as autoras, como e porque escrevem, como é o processo de produção e qual o público que consome. Na segunda seção, como já mencionados no método do trabalho, nos propomos a analisar com maior profundidade os diálogos, os cenários, os personagens e o contexto de duas obras do nicho literário em questão, escolhidos por critérios de popularidade e maior número de avaliações, das duas autoras que dedicamos maior atenção durante toda a pesquisa. Em ambas as seções, o olhar e a percepção das leitoras foram essenciais para entender como elas influenciam e participam do processo de produção da referida literatura e para compreender as aproximações e identificações que elas possuem com as obras que analisamos, assim como com qualquer livro da literatura erótico-empresarial. As

duas primeiras seções da análise nos proporcionaram identificar e encontrar todo um conjunto simbólico que foram analisados na última seção da análise, que consiste em uma espécie de síntese em que os aspectos encontrados no processo de produção e de consumo foram observados e pensados a partir da lente teórica do processo de empresarização.

#### **4.1. Literatura erótico-empresarial? De onde veio essa ideia?**

Antes de iniciarmos qualquer discussão, cabe explicar o que nos levou a escolher este objeto de estudo e, principalmente, dar essa nomenclatura para esse nicho literário. Apesar de já ter citado esse nome e algumas das características durante vários momentos do trabalho, gostaríamos de ressaltar e esclarecer, que essa definição, foi uma das novidades da pesquisa, justamente para diferenciar o nicho literário das demais literaturas de romance, eróticas ou pornográficas, já que nenhum dos autores que pesquisam a respeito desse tema (WEEGE, 2021; MORAES 2018; 2019;2020; MORAES E PASSOS, 2020; AZEVEDO, 2017; SOUSA, 2009) fazem essa diferenciação, e todos consideram como um segmento ou parte da literatura de romance.

Partindo da ideia inicial do conceito de empresa e das principais características já destacadas por Solé e Abraham, além da forte generalização da ideia da mesma para os mais variados espaços que reforça o processo de empresarização (RODRIGUES E SILVA, 2019), como já foi observado no referencial teórico desse trabalho, passamos a observar nas obras aqui escolhidas, traços marcantes que remetem a esta instituição para o nicho literário. A presença desses traços que serão aos poucos apresentados no decorrer da análise, reforçam, mais uma vez, a influência que a ideia de empresa pode ter no nosso mundo, como instituição central promotora de saberes e valores.

Quando tomamos conhecimento do nicho literário, após identificar alguns livros no site da Amazon e nos depararmos com uma entrevista com o filósofo Felipe Pondé, que falava sobre esses livros e observa, que apesar de tantos avanços em discussões sobre os direitos das mulheres e inclusive, as próprias mudanças no cenário literário que passam a incluir muito mais leitoras e autoras mulheres, ainda é comum nos depararmos com contos como “Branca de Neve” ou “Cinderela”, ambas resgatadas e salvas por um Príncipe, porém com uma releitura, considerando os papéis e personagens a partir do mundo moderno, no caso desses livros resgatadas e salvas pelo CEO. De cara, no próprio título de boa parte dos livros encontramos esse personagem central, quando não havia a palavra CEO já no título dos livros, facilmente

encontrávamos esse personagem no decorrer dos contos e, de forma curiosa, sempre como um personagem romântico, hiper sexualizado, totalmente fora de qualquer contexto de outra literatura gerencial, de negócios ou até mesmo, fictícia.

Para além desse personagem central, também começamos a perceber, que muitas dessas histórias, aconteciam em contextos e cenários empresariais ou de trabalho, como por exemplo: O CEO e a babá, o CEO e a secretária, o CEO e a assistente ou, em outros casos, o CEO e a mãe dos seus filhos, que apesar de não ser uma relação de trabalho também demonstra uma forte divisão de tarefas e de papéis. Esta divisão não apenas de tarefas e de cargos, conforme será observado no decorrer de toda a análise, já foi observado por Solé (2008) e Abraham (2006) como uma característica marcante das organizações empresariais, para além disso, a forma como ela se apresenta nos livros, com uma forte divisão entre os cargos considerados femininos e cargos masculinos, também demonstram uma divisão sexual do trabalho, que reflete as diferentes formas de dominação masculina, através de instrumentos de divisão e racionalização do trabalho, atividades atribuídas ao sexo masculino e ao feminino, conforme já proposto por Bourdieu (2020).

Apesar dos mais diversos cenários, histórias e da existência de outros personagens, porém de forma menos expressiva (o caubói, o Sheik, o médico, o milionário, o mafioso), todas estas histórias possuem o contexto erótico ou de romance em comum. Após essas primeiras observações e dos primeiros contatos com a literatura em questão, pensamos em diferenciar essas literaturas que envolvam tanto o CEO, que aqui aparece como um objeto, a forma personificada da empresa ou da figura de poder dentro dela, quanto o cenário empresarial como algo diferente das outras literaturas de romance ou eróticas já que possuem esse traço muito marcante e que tende a se repetir na maioria dos livros, eis então a literatura erótico-empresarial.

Desde que começamos a analisar e pensar a respeito do assunto, observamos o crescimento e a popularidade desses livros na plataforma Kindle da Amazon, se observarmos hoje, entre os 100 mais vendidos da loja Kindle<sup>18</sup>, no mínimo 6 dos 10 primeiros mais vendidos se encaixam na categoria da literatura erótico-empresarial, conforme demonstramos a seguir:

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/bestsellers/digital-text/5475882011> Acesso em: 28 de julho de 2022

Quadro 4. Lista dos 10 livros mais vendidos da loja Kindle da Amazon

<b>Classificação</b>	<b>Título</b>	<b>Autora</b>
1º	O Acordo Ardiloso.	Mari Cardoso
2º	Arrogante Rendido: Série Deuses de Branco - Livro 1	D. A Lemoyne
3º	PROCRASTINAÇÃO: Guia científico sobre como parar de procrastinar (definitivamente)	Lilian Soares
4º	Contrato em Las Vegas: Uma comédia romântica cão e gato	Oliviai Uviplais
5º	A Filha Secreta do CEO	Bruna Catein
6º	A virgem que engravidei (Herdeiros da máfia Livro 6)	Jessica Macedo
7º	A Garota Exemplar e o Jogador Cretino	Bianca Pohndorf
8º	Irresistível Desejo: a tentação do viúvo	Lola Belluci
9º	Envenenados	Bruna Pallazzo
10º	A Filha do Inimigo do Mafioso: Livro 4 da Série Alfas da Máfia	D. A. Lemoyne

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Dos 10 primeiros livros encontrados na lista dos 100 mais vendidos da loja Kindle da Amazon, no mínimo 6 possuem cenários ou personagens empresariais em contextos românticos ou eróticos. Em “Acordo Ardiloso” o personagem masculino principal da história é Priest, empresário e presidente do clube Devil's Ride, uma boate de entretenimento adulto e pelo fato de ter crescido nas ruas, “foi criado para ser um homem letal e não esconder a natureza cruel” além de ser conhecido por ser um homem com quem não se deveria brincar. Já a única descrição da personagem feminina, Serena, presente na sinopse é de uma jovem “Estudiosa, educada,



muito gentil e adorável. Tão boa que podia ser considerada invisível. Era uma flor inocente no meio de um jardim podre de pessoas ambiciosas.”.

O segundo livro, “Arrogante Rendido” conta a estória do magnata Athanasios Pappakouris, que além de ser a maior autoridade mundial em neurocirurgia, é descrito como sexy, bilionário e reverenciado por onde quer que vá, apelidado pela comunidade médica como “Deus” e tem o mundo aos seus pés. Em “Contrato em Las Vegas”, a sinopse do livro deixa claro a relação de trabalho (chefia) entre os personagens:

[...]Maya García sonhou a vida inteira em ser uma cantora de sucesso, e é em um dos maiores cassinos de Las Vegas, o Lucky, que o sonho pode virar realidade. Mas quando conhece seu novo chefe arrogante, tudo se transforma em um pesadelo. *Um pesadelo picante.*

Como toda sorte pode ter seus revezes, o playboy Liam Graham precisa andar conforme as regras do pai para herdar seu império. E a condição do magnata não podia ser mais inusitada: para ganhar o cassino, Liam precisa colocar uma aliança no dedo de alguma mulher confiável. [...] (Contrato em Las Vegas: Uma comédia romântica cão e gato; Olivia Uviplais)

No livro “A filha Secreta do CEO”, o próprio título já expressa a figura de poder dentro da empresa como personagem principal. Quanto ao teor da estória, Jenny, uma mãe solo que fica desempregada, candidata-se a uma vaga de emprego para ser secretária do CEO da empresa, Bruce. No entanto, este CEO com o qual ela irá trabalhar é o pai de sua filha e quando ela o reencontra a paixão que ela nutriu vem à tona, “Será que Jenny vai conseguir trabalhar com o CEO gostoso sem se deixar abalar pelas emoções? Por quanto tempo ela vai guardar esse segredo?” (A Filha Secreta do CEO, Bruna Catein).

O livro “A virgem que engravidei” conta a estória de Sebastian Dauphin que está no auge da sua carreira e se consolida como diretor da crimes organizados da Interpol. Em “Irresistível Desejo: a tentação do viúvo” o CEO Hugo Maldonado perde a esposa e se torna um homem recluso, mal-humorado que se dedica apenas ao trabalho e à sua filha de 7 anos. Após se mudar para outra cidade e, apesar de “não planejar colocar uma mulher debaixo de seu teto”, aos pedidos da filha leva a professora favorita da menina junto a qual ele se apaixona ao decorrer da estória.

A lista é infinita e os termos associados as relações de trabalho ou até mesmo as tarefas se repetem: para os personagens masculinos o CEO, o empresário, o milionário ou o herdeiro, para as personagens femininas, a secretária, a funcionária, a babá, a mãe dos filhos. Em vários momentos, percebemos que a ideia do personagem CEO se confunde com a concepção original do termo, que basicamente consiste em um indivíduo que é o responsável máximo pela gestão e direção administrativa de uma empresa, logo, passamos a perceber que ela é utilizada para qualquer indivíduo de poder dentro do meio corporativo e, conseqüentemente, para o indivíduo

em posição de poder nos livros, seja ele um herdeiro, dono de uma empresa, chefe, gerente, investidor, sócio ou acionista. Todos passam a ser tratados como CEO, o que parece reforçar a generalização não apenas do cargo em questão, mas também da ideia de empresa, que muitas vezes se confunde com organizações não empresariais durante os livros, destacando ainda mais a forma como o comportamento e os conceitos empresariais se expandem e tornam-se referência para qualquer espaço ou indivíduo, reforçando o próprio processo de empresarização (RODRIGUES E SILVA, 2019).

Apesar de mudar alguns personagens ou alguns contextos, as histórias se repetem e nos levam a pensar, que talvez o maior símbolo ou personificação da instituição empresa, seja a figura de maior poder dentro dela, aqui representada pelo CEO que provavelmente é o indivíduo que mais incorpore o conjunto de comportamentos e valores que remetem à empresa. Este CEO retratado nos livros e nas imagens de capa, é a primeira “marca” que remete à ideia de empresa que encontramos nos livros, considerado que este não se trata de um mero personagem, mas sim de um cargo que passa a ser central nas histórias. Além disso, o indivíduo que ocupa esse cargo nos livros possui características muito marcantes, sempre representado como: Magro, alto, branco, heterossexual, sempre mais velho que a personagem feminina, raramente é uma pessoa com mais de 40 anos, cabelos sempre bem cortados e arrumados, normalmente veste terno e sapatos com cores mais escuras, tem traços mais sérios e é retratado como uma pessoa confiável e poderosa.

As características que encontramos em uma primeira análise dos livros mais vendidos da loja Kindle da Amazon, vão ao encontro com as características elencadas por Ituassu e Tonelli (2014) que são pertinentes a qualquer indivíduo de “sucesso”, assunto que tomou maior popularidade a partir da circulação da mídia de negócios nos anos 1990, passando a ser muito mais individual do que organizacional, cabendo ao indivíduo bem-sucedido, retratado como “super-homem” em algumas revistas, assumir posturas ousadas, ser ativo, versátil, intuitivo e otimista. Em troca de alguns sacrifícios, que a pessoa faria para atingir o sucesso, ela obteria como resultado a ascensão profissional, altos salários, empregabilidade, prestígio e poder. Para além das características físicas que encontramos e que muito se assemelham ao que fora apontado pelas autoras, elas também destacam algumas características psicológicas do bem-sucedido, que na grande maioria, são aspectos positivos, o bem-sucedido é alguém empreendedor, persistente, realizador e, também pode ser, ético, agressivo, criativo e comunicativo (ITUASSU E TONELLI, 2014)

A presença expressiva da figura do CEO nessas obras, assim como as relações de trabalho mantidas por ele, mesmo se tratando de uma literatura moderna, sinalizam a

predominância e a manutenção de uma concepção weberiana de dominação, tal qual Abraham (2006) observa a empresa como uma burocracia, onde o poder emana do cargo e não da pessoa que o ocupa. Tal modalidade de dominação que carrega os princípios do exercício contínuo das funções oficiais, autoridades institucionais, que se enquadra em um conjunto de regras e qualificações profissionais e tende a separar o quadro administrativo e os meios de administração e produção e o princípio da documentação formal. Essa forma de dominação não se faz presente apenas nas relações e comportamentos do CEO, mas em qualquer um dos livros em que as figuras de poder estão diretamente atreladas a um cargo, a uma posição social. Essas concepções parecem se fazer presentes em qualquer campo organizacional, como observado por Rosa e Brito (2009), reforçando através da divisão de tarefas, cargos e hierarquias, as relações de forças, as disputas por capital e, principalmente, as desigualdades sociais no interior destes campos.

Após essa breve introdução sobre o que entendemos por literatura erótico-empresarial e salientar um dos seus principais traços, surge um novo questionamento: quem produz esta literatura? Quem está nos bastidores e por que está produzindo? Estes pontos serão desenvolvidos a seguir através das autoras escolhidas para essa análise e das suas respectivas obras, já mencionadas no método do trabalho.

Quando observamos entrevistas e as falas das autoras dessas obras, é possível identificar que o que impulsionou esse nicho, além de fins profissionais e o gosto das autoras pelos livros, é também a oportunidade de proporcionar um nicho de literatura pensado para o público feminino, considerando que a maioria das produções de cunho erótico, seja em livros, filmes ou revistas, tende a ser voltada para o público masculino, pensada a partir dos desejos e vontades dos homens. Como já citado em outros momentos desse trabalho, as primeiras referências de literatura erótica no Brasil, são obras feitas para os homens, sendo um mercado que ignora os desejos e vontades do público feminino, além de ser um mercado que muito pouco admite obras escritas por mulheres. O surgimento de *50 Tons de Cinza*, que influenciou esse nicho literário, foi como “uma revolução”, “um divisor de águas”, conforme explica a autora Juliana Dantas em uma entrevista para a UOL “A gente estava acostumada a ler na surdina e de repente tinha mulher consumindo literatura erótica no metrô.” (DANTAS, 2021).

A autora Jéssica Macedo, em uma entrevista ao *Podcast Editores Independentes*, concorda que a literatura *hot*, ou literatura erótico-empresarial como chamamos aqui, “nasceu” a partir de *50 Tons de Cinza*, que apesar de não nomear o personagem central de CEO, ele possui todos os traços que remetem ao cargo em questão. Segundo a autora:

[...] Eu acho que o CEO, e isso foi algo que eu até comentei na entrevista no programa do Pondé, é uma versão moderna do Príncipe, é aquele cara que vai atender todas as suas necessidades, porque apesar de todos os avanços, eu não estou falando que foi ruim, muito pelo contrário, a mulher ainda tem essa necessidade de ser cuidada, de ser protegida. Sem contar que os avanços também trouxeram uma cobrança, além de ser a chefe da empresa, a mulher ainda é a dona de casa, a mulher ainda precisa cuidar dos filhos, então além dos trabalhos que ela já tinha, vieram outros. Ela se desdobra em várias tarefas, inclusive eu me coloco nisso, “a mulher moderna tá cansada”, e quando ela vai ler esse livro é meio que um sonho mesmo, é um cara que atende as necessidades dela melhor que ela mesma, ele entende o que ela precisa, o que ela necessita e vem com aquela coisa de “príncipe encantado” mesmo, e oferece toda a estrutura para ela. Por isso eu acho que esses livros vieram para ficar mesmo, justamente por essa ideia, de atender as necessidades femininas, que é o público forte da Amazon. (MACEDO, 2022)

A emergência da literatura erótico-empresarial, além de se apresentar como literatura pensada para as mulheres, apresenta um público de escritores majoritariamente feminino, ou pelo menos, escritoras que se “apresentam” como mulheres, considerando que o uso de pseudônimos ainda é bastante comum nas obras. Entretanto, tanto os pseudônimos como as fotos no perfil dos escritores disponível no site da Amazon, tendem a remeter a uma figura feminina. O uso dos pseudônimos talvez ainda esteja atrelado à censura, principalmente moral, contra quem escreve esses livros, principalmente se a autora for uma mulher, considerando que ainda existe muito preconceito tanto com quem escreve quanto com quem lê essas obras. A autora Juliana Dantas explica que na livraria onde trabalhava “[...] a estante do gênero era chamada de estante das ‘tiazinhas safadas’, ‘superpejorativo’. Isso foi até mandado em e-mail corporativo, a gerente ficou brava, não achou legal”. Se retornamos ao Quadro 4, veremos que entre os seis livros que se enquadram na literatura erótico-empresarial, todas as autoras se apresentam em suas descrições como mulheres, utilizando o artigo feminino “a” e palavras flexionadas no gênero feminino.

Para além dos pseudônimos, ainda é muito comum que muitas das capas, que normalmente contém imagens de cunho erótico ou sensual, revelando parte dos corpos dos personagens, também sofram censura tanto do próprio site da Amazon como de algumas editoras. Esta atitude é considerada pelas autoras como uma “evangelização nas capas dos livros”, passando a comparar os livros que tem capas diferentes e que não incluem imagens de cunho sensual a uma Bíblia. Um exemplo que as leitoras discutem no grupo é a capa do livro a seguir:

Figura 1. Livro da autora Brittainy Cherry que recebe críticas quanto à imagem de capa.



Fonte: Disponível no Site da Amazon<sup>19</sup>

Algumas leitoras, assim como Lucia questionam: “qual o problema de ter a outra capa na estante (capa que contém a imagem de um homem sem camisa)? É apenas um homem sem camisa, eles andam assim o tempo todo na vida”, a autora Juliana reforça: “não tenho nada contra livros com homens na capa (que justifique a censura que os livros recebem), contando que o homem seja bonito (risadas)”. No momento em que outras autoras passam a retirar as imagens sensuais das capas e passam a incluir outras artes para se adaptar ao mercado, as leitoras nitidamente reprovam não apenas a censura imposta aos livros quanto à adoção destas novas capas que muito pouco parecem refletir o conteúdo dos livros, por isso, Clarice protesta e reforça: Minha Bíblia é cinza!

Como já explicado anteriormente, essa literatura tomou uma proporção ainda maior com a chegada da autopublicação no mercado editorial. Enquanto os livros digitais ou e-books tiveram surgimento em 1971, com o projeto Gutenberg, essa prática teve início em 1994, com a ascensão e popularização da internet, quando os usuários começaram a publicar suas histórias em blogs. Esse novo mercado, abriu a possibilidade para autores independentes, que passaram a ter um menor custo de produção, maior lucratividade e maior alcance, conforme Moraes e Passos (2020).

Felipe Salli, autor de contos infantis e juvenis, também na entrevista ao *Podcast do Publishnews* conta que aos 17 anos escreveu seu primeiro livro e após enviar para mais de 30

<sup>19</sup>Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Brittainy-Cherry/e/B00EGE0UJM/ref=dp\\_byline\\_cont\\_pop\\_ebooks\\_1](https://www.amazon.com.br/Brittainy-Cherry/e/B00EGE0UJM/ref=dp_byline_cont_pop_ebooks_1) acesso em: 03 de novembro de 2022

editoras e todas negarem, descobriu a plataforma *Wattpad*<sup>20</sup>, e publicou seu livro lá sem nenhum custo. Em menos de três dias tinham mais de 10 mil leituras e 500 comentários, conforme o autor:

Eu “tô” tentando ser lido há tanto tempo e eu não conseguia, e agora tem toda essa gente lendo, comentando falando que gosta e tal, e aí eu comecei a levar aquilo profissionalmente, comecei a escrever toda semana e foi juntando gente, juntando gente. Hoje são dois milhões de leituras, e aí aquelas editoras que rejeitaram, vieram procurar, e eu rejeitei todas (risadas). (SALLI, 2019)

Juliana Dantas, nesta mesma entrevista, explica que assim como o Felipe também começou através do *Wattpad* publicando *fanfics*, que segundo a autora “era um *hobby*” e enquanto trabalhava em uma livraria na época apenas conhecia o mercado editorial tradicional (através de editoras) e apesar de existirem editoras menores o custo de publicação é muito grande considerando que não tem como saber o retorno que vai ter. Após muitas publicações através do *Wattpad* e obter maior alcance, algumas das leitoras das *fanfics* sugeriram que ela publicasse na Amazon já que não havia custo algum e foi assim que a autora foi construindo o seu público, segundo ela:

[...] você começa dando de graça o que você tem, para as pessoas te conhecerem e conhecerem seu trabalho. E depois eu fui pra Amazon em novembro de 2016 e o meu livro chegou no terceiro mais vendido, mas assim, com muita, muita divulgação. Eu lembro que na época eu não tinha dinheiro para investir e eu fiz uma revisão com uma amiga que era boa em língua portuguesa e fiz a capa profissionalmente, foi o que eu fiz pago. Claro que depois você vai se profissionalizando, aí você começa a fazer como se fosse uma editora, você manda para um preparador de texto, manda para um revisor, faz a capa... (DANTAS, 2019)

Em ambos os casos, é possível perceber que os autores optaram por este mercado pela facilidade de publicação, pelos baixos custos e maior alcance que eles podem ter. Juliana apesar de informar ter começado com estas publicações como um *hobby*, ambos os autores tomaram essa prática como uma profissão, passando inclusive a viver disso, conforme explica a autora:

E o interessante do Kindle é que é super fácil de colocar eu não precisei nem diagramar, só diagramei no Word mesmo, não precisei fazer diagramação profissional. Eles têm um e-book lá que te ensina como diagramar no Word e você pode até fazer a capa na Amazon que é ‘facinho’ e depois é só você divulgar. Hoje eu vivo, desde quando eu comecei, eu vivo da escrita, quatro meses depois, eu estava trabalhando em uma editora na época e eu saí do meu emprego, por que eu falei ‘dá pra eu viver de escrita’, mas assim, eu público sempre (risadas) eu público 27 dias, é uma produção industrial quase, por que são muitas autoras [...] (DANTAS, 2019)

Começamos a observar nas falas dos autores, a forma como automaticamente passaram a adotar alguns traços empresariais para uma escrita que antes era considerada como um *hobby*

<sup>20</sup> Rede social para leitores e autores, onde você pode ler histórias originais, interagir e até publicar seu próprio e-book. Disponível em: [https://www.wattpad.com/home?locale=pt\\_PT](https://www.wattpad.com/home?locale=pt_PT) acesso em: 22 de agosto de 2022

para eles. A necessidade de publicação em massa para atender à demanda de consumo, o aumento da concorrência neste mercado, que conseqüentemente leva à necessidade de divulgação dos livros, já que o número de livros nesta modalidade cresceu muito nos últimos anos, como reforça Juliana Dantas:

Hoje todo mundo faz isso, então a gente está, na verdade, buscando novos meios de se destacar, porque todos os autores têm a sua página, fazem propaganda e sobem *posts* patrocinados. Então só isso, é o que todo mundo já faz [...] acho que eu trabalho mais divulgando do que escrevendo. (DANTAS, 2019)

Este foi o caso da autora Jéssica Macedo, que afirma nas suas entrevistas que quando publicou o seu primeiro livro em 2010, achou que ele chegaria a todos os leitores e que seria fácil, no entanto não foi assim. Por esta razão, os autores passaram a recorrer cada vez mais aos grupos no *facebook*, páginas no *Instagram*, contas profissionais, blogs e grupos no *Whatsapp*, com o intuito de atender aos desejos do seu público, ter maior comunicação com quem lê e como uma forma de divulgação, principalmente. Além disso, a autora também reforça que se considera uma “autora profissional”, logo, ela não escreve apenas por nichos, a autora reforça que escreve sobre diferentes temas, conforme a procura dos seus leitores, seja uma literatura infantil, juvenil, fantasia ou livro erótico e, confessa que só começou a viver da escrita quando passou a ver seus livros como um produto, voltado diretamente para o mercado que consome e para o que os leitores estão procurando.

O que para muitas autoras, antes era um *hobby*, passa a ter nítidos traços empresariais já pensados por Solé (2008), quando aborda os conceitos do “mundo empresa”. Os termos “concorrência”, “metas”, o fato de produzir conforme as necessidades de quem consome e, conseqüentemente, enxergar seus leitores como clientes, assim como o foco no lucro e no menor custo de produção, diretamente ligado ao próprio conceito de eficiência e que nitidamente influencia na qualidade destas produções, o que pode ser observado através da escrita, muitas vezes bastante precária, como veremos posteriormente.

Considerando a quantidade de lançamentos das autoras, em média um livro por mês, as leitoras relatam que tendem a criar uma meta de livros para ler no ano ou, até mesmo, no mês, conforme Silvana “em média três a quatro livros por mês”. Sandra, por exemplo, diz ter lido uma média de 127 livros no ano de 2021, e que só em janeiro deste ano havia lido quase 27 livros “em média um livro por dia”, já Ana diz ter lido uma média de 60 no ano de 2021 enquanto Aline diz ter lido uma média de 84 livros. A prática da autopublicação, parece permitir uma publicação massiva de livros devido à facilidade de publicar *online*, Jéssica Macedo confirma que costuma publicar em média dois livros por mês e mais um conto que segundo ela é um compromisso que a autora assinou com a Amazon para o Programa de Leituras Rápidas,

o que resulta em uma média de 7 a 9 mil palavras por dia. Além disso, os livros tendem a ser de consumo rápido, em média de 100 a 400 páginas, contendo basicamente diálogos e citações diretas, tornando a leitura mais fluída, conforme veremos durante a análise de alguns trechos dos livros.

Também é comum nos depararmos com críticas por parte das leitoras a outras obras literárias com conteúdo mais extensos, como é o caso de livros clássicos. Conforme a fala da autora Juliana em uma de suas conversas no *Whastapp* com as leitoras, cada vez mais, o público jovem tem perdido o interesse por qualquer tipo de leitura o que provavelmente está atrelado ao fato de não receberem nenhum incentivo para criar esse hábito e ainda reforça: “Tirando a época da escola que ainda cismam em dar clássicos para os coitados dos estudantes lerem, sendo que eles mal sabem interpretação de texto. Aí todo mundo cresce achando que ler é chato”. As leitoras afirmam gostar dos livros da autora, devido ao fato dela não ser minuciosa com detalhes que são “desnecessários” na estória, como por exemplo, descrevendo cores, sentimentos, texturas ou ambientes, já que estas questões fazem com que “os ansiosos pulem a página”, conforme a fala da leitora Sandra.

Um outro fator que parece influenciar nessa produção em massa dos livros, é o fato de serem de valor extremamente acessíveis nas plataformas Kindle. Como citado pela própria autora Juliana, uma das formas de atrair clientes é oferecendo o seu produto de maneira gratuita, para que as leitoras possam conhecer cada produto e continuar comprando os demais materiais. Na maioria das vezes, os livros recém-lançados são gratuitos durante os primeiros dias de venda na plataforma e depois passam a custar em média de R\$ 1,00 a R\$10,00.

Veremos nas seções seguintes, que em qualquer um dos livros que foram analisados e que provavelmente em qualquer livro da literatura erótico-empresarial, a linguagem utilizada durante toda a estória, parece ser um reflexo dessa escrita rápida e massiva, o que também justifica a dificuldade de trazer estes contos para a dissertação de maneira que fique claro aqui para os leitores o que está nos livros. Os livros que escolhemos para a analisar aqui, possuem uma ordem cronológica um pouco confusa, ora falam de coisas do passado, ora de coisas do presente, o que torna um pouco difícil de compreender, além disso, a linguagem e a escrita das histórias são bastante informais, poderíamos dizer inclusive, que são precárias de vocabulário e de profundidade de conteúdo, não dando espaço para muita criatividade e facilitando a compreensão, como podemos ver nas passagens a seguir:

“Estou atraída por este cara.”

Finalmente confesso a mim mesma, dando nome ao que estou sentindo.

É assombroso.

É fascinante.

E tão “não eu” que me deixa tonta.



Nick se levanta de repente.

— Fique à vontade.

Ele não diz aonde vai, mas noto que se fecha em uma sala que parece um escritório. (Falas da personagem Kiara. Livro *Corações de Gelo*. P. 40)

Basicamente, os livros se resumem à diálogos entre os personagens, feitos através de citações diretas, que deixam bastante claro que, principalmente, a figura masculina, o CEO, é um homem moderno ou, até mesmo “descolado” talvez seria a palavra mais adequada, um homem da ação e não da reflexão, assim como as próprias histórias. Podemos observar isso no diálogo a seguir entre John, personagem do Livro “Dono do meu coração” com um de seus colegas de trabalho:

[...] James deu tapinhas nas minhas costas e me conduziu para a entrada, passamos pela catraca com o crachá dele e seguimos para o elevador indo para o andar onde ficava o escritório do presidente. — Como foi o seu tempo fora? — perguntou enquanto o elevador subia.

— Bom.

— Só bom?

— Quer que eu descreva o que fiz?

— É melhor do que só bom.

— Dá um tempo, James!

Ele fez uma careta e depois começou a rir.

— Engravidou umas estrangeiras por lá?

Revirei os olhos. (Diálogo entre o personagem John e seu irmão James. Livro *Dono do meu coração*. P. 45)

Os trechos aqui analisados e que comumente se repetem ao decorrer de ambos os livros, também permitem observar, que os diálogos que falam sobre a relação íntima e amorosa dos personagens são sempre muito mais “romantizadas” pela personagem feminina, no sentido de torná-la mais amorosa e afetuosa, enquanto nas falas dos personagens masculinos são muito mais objetificadas, com um vocabulário mais bruto, viril ou, na falta de uma palavra melhor, um vocabulário mais “canalha”.

Apesar desse tipo de leitura, rápida, escassa de detalhes e de grandes reflexões serem um forte reflexo dos gostos e interesses literários das pessoas, também reflete a forma como o interesse por livros mais longos e que exigem um raciocínio mais complexo passam a ser deixados de lado pelo fato de serem considerados difíceis. Essa dificuldade de compreensão e abstração do conteúdo de uma obra clássica parece estar muito ligado ao tipo de informação que consumimos, ou seja, tendemos a consumir aquilo que nos agrada, que se encaixa no pouco tempo livre que temos durante a semana, com aquilo que esteja mais palpável e mais próximo da nossa realidade, do nosso cotidiano.

Por estas razões, as autoras tendem a produzir e se adaptar constantemente ao mercado, e para isso, assumem o comportamento e os pressupostos da empresa, utilizam o marketing

como um instrumento de controle social, como já explicado por Deleuze (1992), e assim como observado por Brei (2007) transformam o significado básico do que estão oferecendo, um significado que está atrelado aos desejos e necessidades de quem consome e, conseqüentemente, que só faça sentido para quem consome, passando a ser algo único, inovador, diferente de qualquer coisa já existente no mercado.

Eis a importância da inovação, da diferenciação, de criar sempre algo, a criação de metas de publicações mensais, considerando a elevada concorrência no mercado literário que conseqüentemente educa os consumidores para querer sempre o novo. Além disso, os grupos de *Whatsapp* parecem funcionar como uma ferramenta de controle de demanda e o marketing, assim como nas empresas, passa a ser uma ferramenta indispensável para as autoras, com um único propósito: criar necessidades que parecem ilimitadas, assim como já fora observado por Solé (2008).

As leitoras, além de acompanharem e marcarem encontros em Feiras do Livro e Bienais pelo país inteiro com as autoras, marcam grupo de leituras e conversas semanais sobre os livros que foram lançados e as possíveis continuações de cada estória ou de um novo lançamento. As autoras participam ativamente nos grupos de *Whatsapp* e passam a ser próximas das leitoras, criando enquetes, votações e perguntando o que as leitoras gostariam de ler, ou seja, quem e como as leitoras gostariam que fossem as “mocinhas” da estória, os personagens principais, se terão filhos, família e qual a profissão do personagem masculino (CEO, policial, mafioso etc.).

As leitoras participam deste processo de decisão através dos grupos, sugerindo temas, personagens, cenários e, inclusive, uma vez por mês quando acontecem as leituras coletivas dos lançamentos as leitoras que deixarem uma avaliação sobre o livro no site da Amazon participam de sorteios para que sejam as “mocinhas” das histórias. A autora então cria um conto baseado nos gostos da grande ganhadora do sorteio e inventa uma personagem principal com o nome e as principais características (físicas e comportamentais) da leitora. Independente do teor das histórias, fazer parte deste processo de produção, ver o seu nome no livro como uma das personagens ou então na dedicatória que a autora escreve em cada um dos livros é um sonho para cada uma das leitoras. Elas querem estar ali, elas querem uma estória com um “feliz para sempre” em que elas, de alguma maneira, façam parte.

Observar quem e porque consome a literatura erótico-empresarial e, principalmente, identificar essa participação de quem consome no processo produtivo da referida literatura, nos revela muito mais do que apenas uma opção dentre tantas outras leituras que existem. O que leva estas consumidoras a optarem por esta literatura está ligado à um pressuposto crucial para Bourdieu (1989), o gosto, que deixa de ser considerado mera subjetividade, mas sim, uma

“objetividade interiorizada” que orienta e determina a escolha estética (ORTIZ, 1983). Entender que o agir dos agentes está intrinsecamente ligado à sua forma de socialização, expresso nas atitudes, gostos, opiniões, habilidades, valores e disposições é entender que as ações de um agente assumem formas corporificadas por meio de um *habitus* interiorizado (BOURDIEU, 1989).

Além disso, esse *habitus*, inscrito e fortemente enraizado no corpo, nos gestos, na postura e nas escolhas dos agentes, tende a orientar a ação dos agentes pelo jogo e não pela razão e os atores tendem espontaneamente a limitar suas escolhas de acordo com o seu *habitus* (SCKELL, 2016). A produção e o consumo de bens simbólicos que transmitem estes bens em signos, são também formas de distinguir grupos de níveis mais elevados de refinamentos menos elevados, gerando diferentes classes entre os indivíduos de uma sociedade através do processo de estilização (BOURDIEU, 1989).

Na seção seguinte, nos propomos a analisar as obras propriamente ditas, os livros escolhidos de cada uma das autoras, assim como a percepção das leitoras nos comentários deixados no site da Amazon e através dos diálogos feitos nos grupos de *Whatsapp*. O propósito, nessa próxima seção, consiste em identificar o conjunto de símbolos presentes em cada uma das obras, contribuindo para caracterizar esse *habitus* tão enraizado e tão presente na socialização dos indivíduos, que parece ditar as regras do jogo e fazer com que as leitoras optem por esses temas, mantendo os livros do nicho literário entre os mais vendidos da categoria Kindle, isto posto, associar e aproximar com o ponto de vista e as percepções das leitoras sobre cada um desses símbolos, à luz do referencial teórico.

#### **4.1.2. Os contos eróticos empresariais**

Como já apresentado no *corpus* deste trabalho, os livros para análise de dados foram escolhidos pelos critérios de popularidade e por se enquadrar no nicho da literatura erótico-empresarial. Tentaremos fazer aqui uma breve síntese dessas obras, com a finalidade de trazer apontamentos e traços que remetem ao que estamos chamando de *habitus* empresarial.

Curiosamente, apesar de ambos os livros possuírem narrativas e temas empresariais, nenhum deles possui as “palavras-chaves” no título (CEO ou empresário, por exemplo), o que talvez se justifique pela própria crítica que tanto as autoras como os consumidores fazem aos livros que possuem estas palavras no título já de cara, tornando a estória genérica. Segundo a leitora Cintia “Depois de 50 tons, toda essa galera aí com CEO virou moda. Todo mundo quer

ter caso com o dono de alguma empresa”. Matheus, também leitor inscrito no grupo do *Whatsapp*, reforça que “O problema não é ser de CEO. Eu adoro. Mas quando vejo ‘CEO’ ou ‘Virgem’ no título já perco a vontade de ler, acho tão genérico, tão bobo.”. Apesar dessas críticas quanto ao título, as histórias se repetem, e os leitores parecem aprovar a figura do CEO como alvo de desejo sexual nos livros, fazendo com que as narrativas sejam todas muito parecidas.

Este universo fictício e essa caracterização de cada um dos personagens, recebem direta influência tanto do cotidiano das autoras como das leitoras, considerando que estas participam ativamente do processo de produção, como vimos anteriormente. As leitoras que foram quando questionadas se tem algum tema ou personagem que preferem ou que faça com que elas escolham um determinado livro a maioria respondeu que prefere os enredos que contenham temas como virgindade, ou personagens como CEO, mafiosos ou valentões, conforme reforça a leitora Aline, as que não definiram um personagem específico, responderam que são atraídas pela sinopse dos livros, como o relato da leitora Larissa:

Quando eu comecei a ‘sapiar’ pelas autoras brasileiras, descobri cada preciosidade, cada uma com um jeitinho especial de escrever, cada estória maravilhosa e para todos os gostos. Para mim o *hot* vem com um plus das histórias, que faz a junção perfeita de tudo, mas nunca analiso somente essas cenas, tento sempre buscar o que tem por trás disso, pois sempre tem algo para nos fazer pensar e querer conhecer mais, o *hot* é cereja do bolo, para fazer com que a atenção seja voltada especificamente para o desfecho da estória, que sempre queremos que seja o ‘felizes para sempre’ né? (risadas). Eu não tenho modelo fixo para as histórias, eu vejo o livro, leio a sinopse e se me chamar a atenção, querer saber mais sobre os personagens, se eu ficar curiosa, acabo lendo. (Larissa, Leitora)

Algumas leitoras costumam pedir sugestões nos grupos, de livros que se encaixem na temática que elas apreciam, o que elas esperam encontrar nas histórias. Algumas, por exemplo, apreciam o que as autoras chamam de *age gap* ou “diferença de idade”, histórias em que os personagens principais tendem a ter no mínimo uma diferença de 10 anos de idade, sendo a personagem feminina com uma média de 17 a 25 anos e o personagem masculino, de 27 a 35 anos. Outra característica imprescindível para as leitoras, e isso inclui principalmente para os livros que são adaptados para filmes ou séries, é que os personagens sejam “bonitos”, ou seja, que sigam o padrão já descrito anteriormente.

Além dos critérios de beleza física, outros aspectos são relevantes, dentre elas a profissão que o personagem exerce, tais como o CEO, o advogado ou o policial, na maioria das vezes, ou então a forma como se apresenta, conforme a fala de Marcia: “Homens de camisa polo, calça jeans, sapatênis, gel no cabelo, homens de terno. Meu filho quando sai vai assim,

todo arrumadinho”. As formas de se vestir, revelam muito mais que um mero gosto estético, mas sim uma posição social, um cargo e um lugar na sociedade, vestir-se nesse padrão logo é associado a estar “arrumado” a estar “bonito”, e isso se confirma na fala de Maria que fala que “Os personagens surfistas, por exemplo, que se vestem com bermudas, com chinelos e sem camisa, esses vagabundos de praia, não fazem o meu tipo”.

Como já mencionado antes, algumas leitoras procuram fugir dos livros que possuam a palavra “CEO” no título, como é o caso de Andréia, que pede indicação de um livro “romântico, apaixonante, engraçado, que não tenha virgem, milionário arrogante e nem CEO que na verdade nem é CEO”. No entanto, dentre as sugestões trazidas pelas outras leitoras, encontramos alguns títulos como o Box de livros “Julie e Simon” também de Juliana Dantas, que apesar de não ter o termo CEO no título, relata a estória de Julie Harris que tenta conquistar o CEO da empresa em que trabalha, outra sugestão é o livro “Não se apaixone por mim” de L. C. Almeida, que conta estória de Mash, um *personal trainer* que passa a se envolver com uma de suas clientes ao assumir “[...] o desafio de ajudá-la a deixar de ser um desastre social e se transformar numa mulher segura e confiante” ou então “A hipótese do amor” de Ali Hazelwood, autora internacional, com a estória de uma aluna que se relaciona com o seu professor. Apesar de alguns livros sugeridos fugirem um pouco do contexto empresarial propriamente dito (CEO, empresa, chefe), as relações de dominação seguem presentes através dos cargos que cada personagem assume, ou seja, sempre envolvendo uma relação de trabalho ou profissional: prestador de algum serviço e cliente, aluna e professor.

O primeiro livro que escolhemos analisar é o livro “Dono do meu coração”, escrito por Jéssica Macedo, é o primeiro de uma saga com quatro livros, que contam a história da família Vaughn. A sinopse do livro, disponível no site da Amazon, descreve a estória da seguinte maneira:

Abandonei tudo após uma grande decepção, larguei a minha vida e todas as mordomias que vinham com a fortuna da família para salvar soldados no campo de guerra. Afastei-me, me isolei e me tornei um homem ainda mais frio do que já era.

Anos se passaram até que o meu pai me chamou de volta. Ele estava velho, precisava se aposentar e queria que eu assumisse os negócios da família. **Iria me tornar o CEO do hospital e voltar a exercer minha função como cirurgião cardiotorácico.** Porém, o passado que me fez partir era o mesmo que voltaria a me assombrar.

Cristal Castilho era tudo o que eu queria evitar, após o término, ela fez com que eu perdesse a fé nas pessoas e me fechasse para sempre. Desejava nunca mais vê-la até que ela entrou no hospital com um sério problema no coração, remexeu com o meu passado e fez com que a minha vida virasse de cabeça para baixo.

Eu a odiava, mas descobri que tínhamos uma filha juntos e que só sabia metade da história. Era o culpado de tudo o que aconteceu, cometi erros que poderiam ser irreparáveis ao confiar em quem não deveria, mas para poder me redimir, eu precisaria salvá-la. (MACEDO, 2021)

O segundo livro que analisaremos aqui, é de autoria de Juliana Dantas, “Corações de Gelo” que conta a história de uma patinadora artística famosa e o seu patrocinador, também herdeiro de uma empresa. Segundo a sinopse do livro:

Kiara Willians é conhecida dentro e fora das pistas de patinação como a princesa de gelo. Imbatível nas competições, a bela patinadora é famosa por suas medalhas olímpicas e por nunca entregar seu coração. O que ninguém sabe, é que por baixo do exterior perfeito, Kiara guarda um terrível segredo do passado que a tornou esquiava com os homens. Agora, prestes a iniciar as olimpíadas de inverno, Kiara tem que lidar com uma atração inesperada pelo empresário — e seu patrocinador — Nick De Santi. O viúvo Nick De Santi é um homem frio desde que perdeu a esposa há dois anos. Vivendo apenas para a filha, Mackenzie, ele é pego de surpresa pela forte atração pela patinadora artística, que ameaça derreter o gelo que reveste seu coração. Porém, ele esconde um segredo que pode mudar tudo. (DANTAS, 2021)

Apesar de parecerem romances bastante genéricos, alguns pontos das histórias merecem ser destacados e analisados com mais clareza e cuidado. Conforme a descrição do livro “Dono do meu coração”, John, personagem central, tem olhos verdes, cabelo loiro e um corpo bem definido, é neurocirurgião, filho do dono de um hospital e vem de uma linhagem de médicos na família, “herdeiro de uma das famílias mais ricas da cidade, um médico conceituado”. Conforme o trecho a seguir:

A minha família possuía uma mansão no bairro mais caro ao norte da cidade. Desde que meu bisavô havia fundado o hospital, o império dos Vaughn apenas ampliava. Nosso sangue era de médicos e eu não fugi à regra, dedicando a minha vida para salvar a de outras pessoas [...] (Fala do personagem John. Livro *Dono do meu coração*. P. 20)

Após uma decepção amorosa, John abandonou tudo, largou a vida que tinha e “todas as mordomias que vinham com a fortuna da família para salvar soldados no campo de guerra”. Apesar de ser considerado um ato heroico e corajoso, John se afasta de tudo e torna-se “um homem ainda mais frio do que já era”. Após alguns anos, seu pai, dono do hospital, que já está com certa idade e deseja se aposentar, o chama de volta para assumir os negócios da família e se tornar o CEO do hospital.

No Livro “Corações de Gelo” de Juliana Dantas, alguns desses traços se repetem durante a estória. Apesar da personagem principal ser a jovem Kiara, na imagem de capa do livro aparece apenas a foto de rosto de uma figura masculina, aparentemente, representando o

personagem Nick, que está em uma nevasca, vestindo um casaco com capuz que cobre os seus olhos, dando a ideia de mistério. A estória começa contando a trajetória de Kiara, a patinadora artística “mais talentosa do Canadá”, que começou a patinar desde criança e apesar de ser extremamente dedicada e apaixonada pelo que faz, sofre com a pressão imposta pela mãe, uma personagem muito rigorosa, que controla tudo na sua vida, desde a alimentação, roupa, imagem, para que Kiara seja sempre a melhor. Conforme a descrição da personagem Kiara:

Essa é Maude Williams, minha mãe, com suas roupas finas, postura altiva e olhar afiado no rosto tão parecido com o meu. Não há nenhum calor em seus olhos claros, assim como não me lembro de escutar alguma palavra calorosa vinda de seus lábios bem maquiados. (Fala da personagem Kiara. Livro Corações de gelo. P. 10)

A personagem que começou a patinar na infância, algo que fazia como um *hobby* e por mera diversão, passou a tornar esta arte como uma profissão ou, como a própria personagem relata:

Desejo ficar longe para sempre.  
 Não da patinação, que eu amo, concluo, quando chego perto do lago congelado e ponho meus patins, meus pés deslizando pelo gelo quase como se tivesse vontade própria. Mas queria que a patinação tivesse o mesmo gosto de quando eu patinava no lago congelado atrás de casa.  
 Como patino agora, apenas sentindo o vento nos meus cabelos, o frio cortar meu rosto e o barulho da lâmina sobre o gelo compondo a mais linda canção que aquece meu coração.  
 E não para a glória, dinheiro e fama.  
 Um dia, eu concordei com a minha mãe. Era tudo o que eu queria.  
 Ser a número um. A patinadora perfeita. Ganhar medalhas e aclamação.  
 Mas isso foi antes. (Fala da personagem Kiara. Livro Corações de gelo. P. 20)

Para se inserir cada vez mais no mundo dos negócios e alavancar na carreira, a mãe de Kiara, que também administra estas questões, passa a procurar patrocinadores para a filha e se deparam com o empresário Nick de Santi, que está interessado em lançar uma nova marca de roupas e acessórios para patinadores, inspirada na jovem Kiara. O empresário que assumiu a empresa fundada pelo pai, também participava de competições de motociclismo pelo mundo, sendo este o ramo da empresa e um *hobby* pessoal de Nick. Unindo uma paixão aos negócios da família “transformou a marca da empresa em uma marca mundial, desejada entre as maiores marcas, não só para motores, carros e motocicletas, mas também para esportes”. Seu novo investimento é uma tentativa de diversificar os negócios, investindo em linha de acessórios e roupas com a marca da empresa e, por esta razão, deseja contratar alguém do esporte, mas que também tenha maior influência com o público jovem. A mãe de Kiara, já muito interessada na proposta e disposta a qualquer coisa para a aumentar a fama da filha, fica muito impressionada com a atitude “louvável” de Nick de “assumir os negócios da família” e com toda a prosperidade

da empresa, logo, deposita toda a confiança no empresário e em momento algum cogita a ideia de negar qualquer uma de suas propostas.

Nesses primeiros momentos dos livros, podemos observar algumas questões que remetem também ao comportamento das próprias autoras das obras, principalmente no Livro 2, já que ambos os personagens tornam os seus prazeres pessoais, atividades que realizam por puro lazer em algo profissional. Seja a patinação feita pela personagem central, o motociclismo do personagem secundário ou, até mesmo, o gosto pela leitura como no caso das autoras, em um determinado momento tudo passa a assumir tons profissionais, incorporando as características empresariais para transformar esse *hobby* em algo lucrativo, que leve ao sucesso, “a glória, ao dinheiro e a fama” como retratado nas falas da personagem Kiara. O trabalho parece ser associado a características que são natas de cada indivíduo, uma vocação (WEBER, 2004b), e o indivíduo passa a ser movido graças ao mercado, assumindo tons empreendedorísticos para qualquer esfera social, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador (LAVAL E DARDOT, 2009).

Em um segundo momento, a partir das primeiras análises e primeiros dados encontrados, torna-se necessário destacar os traços físicos e comportamentais do CEO, que nas obras em questão não são diferentes do que encontramos na grande maioria dos demais livros da literatura erótico-empresarial, conforme fora apontado na seção anterior. No entanto, gostaríamos de trazer mais algumas características que estão presentes nestes contos, tais como os escritórios, vestimentas, decorações das figuras masculinas, assim como no outro livro, são sempre cores mais escuras, cinza, preto, ternos, sapatos e gravatas, como a personagem Kiara descreve a sala de Nick “É moderna em tons de branco, preto e cinza. Com fotos de motos em uma parede toda preta. Muito masculino. Muito Nick.” (Fala da personagem Kiara. Livro Corações de gelo. P. 134). Os personagens masculinos tendem a gostar de esportes mais radicais, dispostos a viver aventuras, assumir riscos e ter atitudes heroicas consideradas perigosas, enquanto as figuras femininas vestem sempre roupas, maquiagens mais coloridas, mas, ao mesmo tempo, discretas. No entanto, quando elas aparecem em alguma posição profissional ou de trabalho, ela automaticamente assume as características que remetem a ideia de líder, como podemos ver no trecho a seguir:

Maude está sempre linda. Seus cabelos estão escovados e brilhantes em um elegante corte até os ombros e hoje ela veste um terninho rosa-claro que combina com a maquiagem sutil.  
Lembro que teve uma época que sentia inveja de sua beleza e almejava ser como ela.



Mas nunca vou ser. Nem física, nem emocionalmente. Quer dizer, talvez eu e Maude sejamos parecidas um pouco. Maude está sempre no controle de suas emoções, sempre calculando o próximo passo com maestria, nunca deixando nada ao acaso. Ela planejou cada etapa da minha carreira e veja aonde chegamos. Nada atrapalha a ambição de Maude Williams. (Fala da personagem Kiara. Livro *Corações de gelo*. P. 65)

O trecho anterior deixa claro alguns cuidados e habilidades que uma mulher precisa assumir para ser considerada bem-sucedida e que tendem a remeter às mesmas características que são assumidas pelos personagens masculinos em posição de CEO. Além do poder financeiro e econômico, é necessário ter controle, sobre qualquer coisa. Controle emocional, controle sobre os próximos passos, escolhas e, conseqüentemente, controle sobre os outros. Estas características já foram destacadas por Solé e Pham (2003) como algo inerente a qualquer administrador de empresas, a necessidade de dominar o tempo, o outro, a natureza, o espaço e a técnica. Além das características profissionais e das habilidades das personagens para o trabalho que desempenham, para o público feminino a preocupação com a boa aparência, com a moda e boa apresentação não são dispensáveis, principalmente, na hora de realizar algum tipo de negociação, como podemos ver no seguinte trecho:

— Então podemos almoçar juntas e lhe conto sobre a proposta da De Santi.  
 — Não vai dar. Vou encontrar a Naomi.  
 — Tudo bem, mas não se atrase. E vista-se bem, por favor!  
 Reviro os olhos, Maude tem uma obsessão com a minha aparência que beira o ridículo. Mas me vi concordando porque aprendi através dos anos e inúmeras discussões infrutíferas que era o melhor a fazer. (Diálogo entre Kiara e sua mãe. Livro *Corações de gelo*. P. 56)

Qualquer um dos CEOs presentes nos livros, além de ser a figura de poder objetificada da instituição empresa, a imagem desta instituição através de um personagem, que nada tem de fictício, considerando que essa nomenclatura e esse cargo não são inventados, também carrega as definições e características de um indivíduo essencialmente racional. Isto é, frio, calculista, da ação e não da reflexão, que não admite qualquer tipo de emoção ou sentimento, tal qual a concepção do *homo economicus*, já descrito como modelo de gestor nas escolas clássicas de Administração. Caso esse papel seja ocupado por uma personagem feminina, ela tende a incorporar os mesmos comportamentos, associados à ideia e a concepção de comportamento ideal para o cargo em questão ou, até mesmo, para qualquer atividade profissional e que devem ser estimulados desde a infância, mesmo que não esteja em posição de CEO, como no caso da personagem Maude, que assume os compromissos como administradora da carreira profissional da filha. Como já observado por Laval e Dardot (2009), estes modelos que refletem tanto aos objetivos da empresa, do homem da competição e do desempenho, permitem naturalizar o dever do bom desempenho, do cuidado com o corpo, aprimoramento de si, a procura por sensações

fortes, exigindo que o novo indivíduo produza “sempre mais” e goze “sempre mais”, intensificando a sua eficácia em todos os domínios da vida.

Além de ser racional, esse personagem potencializa outra maneira de agir e pensar tipicamente empresarial: o individualismo (ABRAHAM, 2006; RODRIGUES E SILVA, 2019). Nas histórias, o comportamento do CEO é recorrentemente retratado como egoísta e solitário e, ao mesmo tempo, flexível e , fato que também reflete nas relações que este personagem mantém com os demais personagens dos livros que tendem a ser relações impessoais, ou seja, baseadas no que o outro tem ou pode prover seja no caso das personagens femininas, que são vistas como provedoras de filhos, casamentos e inclusive estabilidade emocional, já que são descritas como capazes de “colocar este CEO na linha”; ou com outros personagens masculinos, que possuem sempre relações de trabalho, homens capazes de prover benefícios financeiros.

Qualquer um dos traços citados anteriormente, revelam uma das formas de agir e pensar que remetem ao comportamento empresarial. A competitividade e a concorrência não só são incentivadas o tempo todo na estória, como são tomados como naturais, como algo positivo, seja nos ambientes corporativos, na vida profissional ou até mesmo pessoal, ao ponto de impedir que a personagem tenha amigos ou vida social, nas palavras da mãe de Kiara: “você não tem amigos, tem concorrentes”. Para conquistar o seu “lugar ao sol” ou, neste caso, o seu lugar ao pódio, é necessário que se tenha muita dedicação, que seja sempre melhor que os outros, a preocupação com a carreira profissional não é apenas um luxo ou um sonho, mas uma obrigação e, com a personagem do livro, fica claro que esta obrigação começa já na infância, conforme o seguinte trecho:

Há quase vinte anos para ser mais exata, quando minha mãe me viu deslizando pelo lago no fundo da nossa casa e fazendo piruetas que ninguém tinha me ensinado, mas que eu já fazia com graça, e decidiu que eu ia ser uma patinadora profissional. Meu pai achou um absurdo levar uma menina que tinha menos de quatro anos para treinar, mas mamãe estava convencida de que eu seria uma futura medalhista e este foi o estopim para que ela fizesse nossas malas e nos mudássemos da cidade pequena que vivíamos, e onde papai era professor, para Vancouver. Com aquela idade, não entendi que nossa pequena aventura era, na verdade, o divórcio dos meus pais. Na semana seguinte que chegamos a Vancouver, eu estava matriculada em uma aula de patinação. (Fala da personagem Kiara. Livro Corações de gelo. P. 11)

É possível perceber aqui, a preocupação em otimizar o capital humano preparando a filha desde jovem, para que esteja apta ao que o mercado procura. A necessidade de gerir os filhos desde pequenos, com o aprimoramento de qualquer habilidade já pensadas para o sucesso futuro. Nas falas da mãe de Kiara, este comportamento também se faz presente:

[...] Só estou nervosa e sob muita pressão.

— A pressão faz bem pra crescer. Você tem que se dedicar agora. Tem apenas mais alguns anos como patinadora competitiva. Não pode desperdiçar seus melhores anos com distrações!

Quantas vezes eu escutei aquela mesma frase?

Quando tinha 13 anos e queria ir a uma festinha do pijama com as amigas e ouvia um não.

Quando um garoto me convidou pra sair com 14 e não tive permissão.

Quando queria só dormir e descansar, mesmo estando com uma gripe forte e fui obrigada a treinar.

Ou tantas outras vezes. Coisas bobas sem importância, permitido a todos e que eu era impedida. Ou situações sérias às quais deixei a decisão nas mãos de Maude e agora era tarde. (Fala da personagem Kiara. Livro *Corações de gelo*. P. 56)

Essa cultura de educar e preparar os filhos desde a infância para o mundo do trabalho, como uma forma de gestão familiar e otimização de capital humano se faz presente também no cotidiano das leitoras, como podemos observar na fala da leitora Simone, que traz uma sugestão de livro infantil para o grupo de *Whatsapp*, conforme a leitora:

Meninas, quem tiver filhos, enteados ou crianças por perto e quiser uma ótima dica de presente por menos de R\$10,00, você pode despertar o interesse por cuidar do “dindin” e futuro desde “pitoco”. Já garanti o meu, porque além de ser do Maurício de Souza, que eu amo, ensinar o Jorginho a cuidar das finanças é algo que fazemos desde que ele começou a reconhecer os números. (Simone, leitora)

O livro que a leitora se refere é um livro da Turma da Mônica, um *best-seller*, que já foi o primeiro mais vendido na categoria de Humor Infantil e Infantojuvenil, escrito por Mauricio de Sousa e Thiago Nigro, o Primo Rico, famoso nos canais do *Youtube* pelas suas dicas sobre investimentos. A síntese a respectiva capa do livro disponíveis no site da Amazon são as seguintes:

Os best-sellers Mauricio de Sousa e Thiago Nigro, o Primo Rico, unem-se para uma difícil empreitada: ensinar aos pequenos como lidar com dinheiro. O que significa ter dinheiro? Para que serve? Como alguém consegue ganhar dinheiro? Dá para comprar uma mesma coisa gastando menos? O livro começa com uma curta história em quadrinhos, que apresenta diversas possibilidades de usar o dinheiro. Depois disso, em páginas de texto com algumas ilustrações, Thiago usa uma linguagem simples e divertida para ensinar a turminha como o dinheiro é importante não só para comprar brinquedos, roupas e comida, mas também para realizar grandes sonhos, como fazer uma viagem ou mesmo um curso de medicina. O leitor é incentivado a questionar e refletir sobre diversos assuntos ligados ao uso do dinheiro, como comportamento consumista, inflação, juros e compra por impulso. (AMAZON, 2022)

Figura 2. Imagem de capa do livro “Como cuidar do seu dinheiro”



Fonte: Disponível no site da Amazon <sup>21</sup>

Ao continuar a leitura e a respectiva análise dos livros em questão, nos deparamos com algumas questões ligadas à vida profissional e pessoal das personagens femininas. Cristal, personagem feminina do livro “Dono do meu coração”, apesar de não receber muitas descrições físicas no livro, através da imagem da capa e de algumas falas dos personagens, podemos perceber que ela é uma mulher branca, magra, cabelos castanhos e lisos, Cristal é mãe “solteira” (palavra utilizada no livro) e, apesar de não estar explícito, alguns trechos da estória levam a entender que é bem mais nova que John. Filha de imigrantes latinos, residindo em um bairro pobre, a personagem que não teve condições de cursar uma faculdade, devido aos altos custos com mensalidades e também pelo fato de “nunca ter destaque o suficiente na escola para conseguir uma bolsa”, é recepcionista de um prédio comercial, que segundo ela “era de longe um dos melhores empregos que poderia conseguir e estava contente com ele”, já que proporcionava um salário razoável para conseguir criar a filha, além de receber ajuda de uma rede de apoio que inclui os pais e alguns amigos.

É possível encontrar trechos, em que a jovem se distancia e por vezes se considera inferior ao se comparar com John, por exemplo, quando diz que John era “completamente

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Como-cuidar-do-seu-dinheiro/dp/6555110600/ref=sr\\_1\\_1?crid=378YQJ5BFUIWA&keywords=como+cuidar+do+seu+dinheiro+turma+a+da+monica&qid=1671629700&s=books&sprefix=como+cuidar%2Cstripbooks%2C419&sr=1-1](https://www.amazon.com.br/Como-cuidar-do-seu-dinheiro/dp/6555110600/ref=sr_1_1?crid=378YQJ5BFUIWA&keywords=como+cuidar+do+seu+dinheiro+turma+a+da+monica&qid=1671629700&s=books&sprefix=como+cuidar%2Cstripbooks%2C419&sr=1-1) acesso em: 21 de dezembro de 2022

inalcançável” para ela, quando questiona “qual outra chance teria de passar uma noite com um homem como aquele”, ou então, no trecho a seguir:

Sempre soube que era muito diferente deles, não tinha nascido em uma mansão, muito menos carregava um diploma médico, na verdade, nunca nem tinha pisado na faculdade para fazer alguma coisa. Precisei começar a trabalhar cedo para ajudar os meus pais que não tinham os milhares de dólares por ano que custavam uma graduação. Apesar de estarmos em patamares muito distintos, havia me esforçado ao máximo para criar a minha filha e me orgulhava da mulher que eu fora nos últimos anos. (Fala da personagem Cristal. Livro *Dono do meu coração*. P. 233)

No trecho anterior, podemos perceber que apesar das autoras serem brasileiras, elas tendem a escrever e criar seus contos a partir de cenários que não são brasileiros, utilizando termos como “milhares de dólares” ou até mesmo citando as cidades em que os personagens vivem. No livro “Corações de gelo” a história acontece no Canadá e no livro “Dono do meu coração” a personagem Cristal ressalta viver e trabalhar na cidade de Chicago, ambas nos Estados Unidos da América.

Dentro do ambiente de trabalho, é possível perceber algumas diferenças, como por exemplo: John vem de uma linhagem de médicos, passa a ser o CEO do hospital que é da família, tem outros três irmãos, todos médicos também, os colegas de trabalho, que também são médicos, administradores ou acionistas, são sempre descritos como figuras masculinas e, normalmente, amigos de longa data de John, tendo apenas uma figura feminina no seu ambiente de trabalho que ocupa o cargo de assistente. Já Cristal, como já citado, trabalha como recepcionista, um emprego que como ela mesmo ressalta não oferece altos salários, sua colega de trabalho, também recepcionista, é uma mulher negra e todas as vezes que a personagem fala sobre seu trabalho na recepção, ela cita estar atendendo homens, representados como pessoas importantes que “merecem um atendimento melhor”, algo que é comum em qualquer relação comercial ou de negócios, como observado também na fala de John com sua assistente:

Grace entrou na sala e se aproximou da minha mesa, colocando algumas pastas diante de mim.

— Esses são os documentos que o senhor precisa assinar até o fim da tarde. O principal deles é sobre a reforma da ala pediátrica. O setor precisa de pintura nova e troca de algumas tubulações hidráulicas.

— Certo. — Puxei as pastas para mais perto e comecei a analisar os documentos.

— Pretendia marcar um almoço com um acionista do hospital...

— Algum assunto em específico? — Nem deixei que ela terminasse a frase.

— Uma possível doação para a ala da oncologia.

— Então devo bajular o homem?

— Um pouquinho.

(Fala de John com a secretária Grace. Livro *Dono do meu coração*. P 132)

No livro “Corações de gelo”, os colegas de trabalho de Nick, que estão em cargos mais altos e posições privilegiadas, também são personagens masculinos, que são amigos de longa data de Nick o dono da empresa, como podemos ver a seguir:

— Sim, eu e Nick somos amigos de adolescência.

Hum, de repente encaro Matt Balvin com olhos mais atentos. Até ali, ele era apenas um executivo da De Santi, não imaginei que fosse amigo de longa data de Nick. (Diálogo entre Kiara e Matt, colega de trabalho de Nick. Livro Corações de gelo. P 103)

Apesar de ser um nicho literário voltado para o público feminino, os personagens principais nas histórias tendem a ser sempre figuras masculinas e em posições de prestígio. A leitora Soraia, atribui essa manutenção dos personagens masculinos nestas respectivas posições ao fato de serem “bem-sucedidos” e por isso, tendem a passar “segurança emocional e psicológica para as personagens que são seu par romântico”. Soraia também diz acreditar que muitas leitoras sonham em viver um relacionamento assim, como nos livros em que os homens normalmente pertencem a famílias tradicionais, são “bem-criados” e apesar do dinheiro ser um fator que também atrai as personagens mulheres, a maioria se sente atraída pelo conjunto “beleza e caráter”. O fato das mulheres ainda estarem do lado mais prejudicado e sofrerem com as desigualdades salariais e trabalhistas, parece fazer com que se sintam mais inseguras e busquem, até mesmo nos livros, pessoas capazes de proporcionar maior estabilidade e segurança ou, nas palavras de Bourdieu (2020), buscar “salvação” e devido à visão de mundo que possuem e que tende a ser natural, atribuem essas características às figuras masculinas, provavelmente influenciadas pelas figuras de poder oriundas de uma herança familiar patriarcal que elas têm na vida real: o pai, o marido, o chefe.

Aline afirma que encontrar estes personagens nos livros reflete muito o modelo de sociedade que vivemos hoje, segundo a leitora “[...] as mulheres saíram para o mercado de trabalho, porém ainda dependem dos homens. Podemos tudo, mas ainda estamos presas”. A leitora Flávia também salienta:

Apesar de todo o movimento no qual as mulheres lutem por igualdades, na sociedade atual ainda impera o ideal de que os homens sejam o sexo forte, as mulheres mesmo que sejam retratadas como fortes acabam sendo arrebatadas por essa sociedade machista, onde os homens têm uma visão de que as mulheres, apesar de serem bem-sucedidas, sempre acabam em um romance com um homem com ideias retrógradadas. (Flávia, leitora)

Considerando que as relações de poder tendem a se dar por uma relação simbólica muito atrelada ao cargo que se ocupa, isso também se faz presente nestas histórias e, em todas elas, a figura feminina tende a estar no polo dominado, no lugar de vítima, do lado mais frágil da relação, sempre necessitando de ajuda ou cuidados, o que é alvo de algumas críticas feitas por

algumas das leitoras através do site da Amazon, este é o caso da avaliação de Marina no Site. Conforme a leitora o livro em questão é “Mais do mesmo. Homem rico, garota pobre e virgem, sofrem o livro todo e ficam juntos no final. O clichê que funciona mesmo não tendo nada emocionante ou surpreendente, indico o livro para uma leitura agradável e sem expectativas” (Marina, leitora de Jéssica Macedo). O comentário da leitora Sara sobre o mesmo livro faz observações parecidas:

[...] Como assim depois de tantas humilhações, o cara só conversa com o irmão, o irmão conta tudo e com um beijo a mocinha já se entrega e esquece tudo?  
Os problemas foram resolvidos em 3 páginas, rápido demais...ficou vazio...sem emoção...  
Que tortura essa mocinha fraca, que não sabe falar não, foi humilhada, ficou 5 anos criando a filha sozinha, achando que tinha sido "abusada", mas esqueceu tudo isso tão rápido assim, só com o beijo, que logo foi direcionado a sexo?  
Desculpa, mas não dá para engolir mais personagens assim... (Sara, leitora)

As leitoras revelam que sentem falta de encontrar mais personagens mulheres como protagonistas e que apreciariam mulheres em posições de poder, algumas delas não desassociaram a ideia de poder a ideia de um cargo, como no caso de Larissa, que diz que gostaria de ver uma mulher como CEO de uma das histórias. No entanto, apesar de todas reforçarem apreciar personagens femininas como protagonistas a resposta de Flávia nos chamou atenção ao destacar o seguinte:

Independentemente de ter mais personagens femininas, as leitoras continuariam preferindo homens dominadores, que no início são desprezados por sua arrogância, mas que se rendem ao amor. Apesar de estarmos no século XXI, esse tipo de leitura é o que vende e o que as mulheres no geral gostam. (Flávia, Leitora)

Neste comentário, podemos observar dois traços marcantes: o primeiro, é a forma como esse nicho literário, apesar de receber críticas e as vezes tratar de assuntos que nem as leitoras nem as autoras concordam, necessita constantemente se adaptar ao mercado, ao que é “vendável” e, conseqüentemente, ao que “dá lucro” e é aceito pela maioria do público. O segundo ponto é que em um país com uma cultura patriarcal e machista como o Brasil e, principalmente, em um nicho literário que durante tanto tempo foi pensado para o público masculino, tirar a virilidade e a masculinidade dos personagens homens seria motivo não apenas de estranhamento como de não aceitação por parte dos consumidores, independente de quem sejam. Assim como retirar das figuras masculinas os cargos mais altos, o poder de escolha, o poder de fala e o privilégio do perdão, que são historicamente tão consolidados na nossa sociedade. As relações de trabalho, dominação, exploração e individualismo, permanecem independente dos papéis, dos personagens ou das histórias.

O ponto central aqui, é que não importa se existam críticas ou comentários positivos sobre os livros, não importa se as leitoras tentam “fugir” da temática empresarial ou de trabalho, não importam quais sejam os gostos de cada uma delas. Há um padrão. E mesmo quando elas tentam fugir ou criticar este padrão, elas acabam voltando para ele novamente. O fato deste padrão existir, homens como dominantes, mulheres como submissas, homens em cargos altos, mulheres dependentes de ajuda, homens que merecem o perdão e mulheres que não podem falhar, demonstra uma realidade dura na qual tanto as autoras como as leitoras se encontram completamente imersas, uma realidade que não permite espaço para histórias e papéis diferentes destes, uma realidade em que caso os papéis sejam invertidos eles provavelmente não serão aceitos, como a própria leitora Marcia ressaltava em uma das conversas no *Whastapp*: “Juro que não entendo. Gostam de mulher forte só na teoria”.

Estas oposições e controvérsias apresentadas nos parágrafos anteriores, reforça o que Bourdieu (1989) já indicava como uma divisão entre ortodoxia, em que o polo dominante tende a conservar o seu capital acumulado e, heterodoxia, quando o polo dominado tende a desacreditar os detentores reais de um capital ilegítimo. Embora sejam antagônicas, elas compartilham dos mesmos pressupostos que ordenam o funcionamento do campo, ou seja, independentemente de serem coniventes ou adversários, tendem a desempenhar o mesmo papel de um ritual ou uma crença, com a finalidade de manter a ordem do campo social em que se manifestam.

Os dominados contribuem muitas vezes para sua própria dominação, até mesmo contra a sua vontade, aceitando tacitamente, os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de “emoções corporais”, tais como vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa, ou de “paixões” e “sentimentos” como amor, admiração, respeito, entre tantas outras maneiras de se submeter, mesmo de má vontade ou até “contra a vontade”, ao juízo dominante (BOURDIEU, 2020). O ponto de vista dos particulares em posição de dominantes tende a ser vistos como ponto de vista universal, tomando-o para o processo de socialização como um comportamento natural, naturalizando as posições e as tornando senso comum. Uma forma de poder simbólico, que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989).

O fato dessa realidade se fazer presente também no universo literário, demonstra uma certa naturalização e aceitação do cenário em que as mulheres se encontram, e como as próprias leitoras reforçam, uma obra que demonstre algo diferente disso, provavelmente não terá o mesmo alcance do que um livro em que as posições sociais já consolidadas se mantenham. Além disso, é a prova de como este processo de socialização atua nos indivíduos e,



concorrentemente, nas estruturas, que preservam e incorporam estes valores para que sejam as regras do jogo, sendo este o reflexo de qualquer organização, seja ela familiar, empresarial, religiosa, escolar ou estatal.

A forma como os personagens são criados e se apresentam nas histórias, parece um reflexo de uma clara divisão racional do trabalho, como já vimos anteriormente, através de cargos e posições sociais bem definidas, associada a uma divisão sexual do trabalho que é percebida em qualquer um destes livros, homens em cargos altos e mulheres em cargos de assistência, homens no meio público e mulheres no âmbito privado (casa, cuidadoras, serviços hospitalares). Como já destacado no referencial teórico desse trabalho, o mundo do trabalho e da maioria das instituições, inclusive a empresa como uma das promotoras do trabalho, tendem a estar repletos de grupos de trabalho que funcionam como “quase famílias” e que tendem a se organizar baseado na hierarquia familiar, representada pela figura do pai.

Percebemos na literatura erótico-empresarial, apesar de ser um nicho literário que se preocupa com o fictício, com o mundo da imaginação e, principalmente com a sensualidade e o erotismo, que os valores familiares e as suas mais diversas formas de dominação persistem em todas as histórias. A importância do casamento, peça central para a manutenção da economia dos bens simbólicos, sempre presente no “final feliz” de qualquer um dos livros, a manutenção da visão ultraconservadora que mantém a família patriarcal como princípio e modelo da ordem social e da ordem moral, fundamentada na preeminência absoluta dos homens em relação às mulheres, dos adultos sobre as crianças e na identificação da moralidade com a força, com a coragem e com o domínio do corpo (BOURDIEU, 2020).

Esses valores, quando associados a estas divisões de tarefas e cargos também disseminados através do comportamento empresarial e da forma de se ver e organizar influenciados pela instituição empresa, parecem servir como uma forma de manutenção da ordem e, principalmente, das posições de poder, que revelam a existência de um conjunto de capitais valorizados no campo e que tendem a ser decisivos para identificar os agentes que ocupam estas posições e, conseqüentemente, preservam a acumulação destes capitais, dentre eles, talvez o mais relevante e que mais aparece durante as histórias, é a predominância de um capital econômico.

Durante toda a estória é nítida a importância do dinheiro como uma peça-chave de disputa dentro dos campos, como um meio para determinar posições sociais, para conseguir atendimentos privilegiados, mais rápidos e com maior qualidade, além de ser um símbolo de status quando privilegia e proporciona uma série de escolhas estéticas ligadas à vestuário, moradia, alimentação, saúde e estudos, como podemos ver no trecho a seguir:

John deu as instruções para o motorista que dirigiu para não muito longe dali nos deixando diante de um restaurante sofisticado. Eu não estava surpresa, não era a primeira vez que ele me levava a um local como aquele. Enquanto namorávamos há cinco anos, por várias vezes ele me fizera aproveitar parte do seu mundo e tudo o que o dinheiro da sua família poderia oferecer. (Fala da personagem Cristal. Livro *Dono do meu coração*. P. 249)

Além disso, quem detêm estes recursos econômicos e financeiros tende a ser retratado como alguém confiável, bem-sucedido, que merece ou necessita de maior atenção, que deve ser bem tratado ou, até mesmo, bajulado, palavra que é utilizada no livro relacionada ao atendimento com os acionistas ou “clientes importantes”. O capital econômico herdado pelos agentes dentro dos campos, adquire um papel central, tornando-se um facilitador ou mediador de qualquer relação entre os indivíduos, revelando mais uma das formas de agir e pensar empresariais, o mito fundador da escassez (ABRAHAM, 2006), que torna o dinheiro, adquirido através do trabalho, uma peça-chave para suprir necessidades que se parecem ilimitadas. Essa distribuição desigual tanto de capital como dos meios de produção, acumulada e repassada entre os agentes em posição de poder nos campos, tendem a estimular relações de exploração assim como relações de impessoalidade, baseadas sempre no que o outro pode prover a fim de satisfazer uma necessidade de consumo, onde o dinheiro tende a ser o principal facilitador.

A preservação não apenas do capital econômico, mas também a imagem de outras figuras masculinas, associada à ideia de imortalidade, vistos como heróis, também se reforçam em vários momentos do livro, principalmente pela sucessão e herança familiar, sempre de pai para filho, presentes em frases como:

Seguimos até a sala de jantar da mansão, que parecia exatamente a mesma após cinco anos. Até o velho quadro do avô do John continuava sobre a lareira, olhando para todos como se estivesse vigiando cada um dos nossos passos. O pioneiro médico da família que havia fundado o hospital e deixado um legado que se estenderia aos netos. (Fala de Cristal. Livro *Dono do meu coração*. P. 231)

Nitidamente, é tradicional e comum que os cargos altos e idolatrados sejam sempre das figuras masculinas e repassados para os filhos homens. No livro “*Corações de gelo*”, a herança e sucessão familiar da empresa para o filho, que passa a assumir os negócios da família também se faz presente, os colegas de trabalho de Nick, que estão em altos cargos na empresa, são homens, amigos de longa data do dono da empresa. As atitudes de Nick são vistas como puro heroísmo, assim como na outra estória, seja ao assumir os negócios da família ou o cuidado com a filha pequena, sendo o único responsável por ela, enquanto a personagem feminina da estória, novamente, é mais nova do que o personagem masculino, o que causa maior atração por parte da personagem, já que ela o vê como “um homem experiente, que sabe o que quer”.

Toda essa divisão do trabalho, tarefas, cargos e posições sociais aqui nas histórias, parecem ser uma convergência entre conceitos clássicos de divisão do trabalho (SOLÉ, 2008; ABRAHAM, 2006; RODRIGUES E SILVA, 2019), oriundos de uma herança da organização racional do trabalho, com uma divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2020), que reforça não apenas as diferenças de cargos, mas também justifica a predominância de homens em posições de poder e mulheres em posições de submissas. A divisão entre feminino e masculino, que implica em uma forma de dominação, que tem origem nas primeiras instâncias de socialização, a Família, a Escola e a Igreja, sendo a “moral familiar” uma das principais influências para essa divisão, principalmente no trabalho, por ser a primeira instância em que essa divisão acontece.

Esse “mundo dos homens” como é chamado por Bourdieu (2020), que é sem fraquezas e que exige diferentes formas de coragem, exigidas ou reconhecidas principalmente pelas forças armadas, polícias, corporações de “elite” ou em coletivos de trabalho, tendem a recusar medidas de prudência e desafiar o perigo com exibições de bravura, para que não sejam remetidos a uma conduta tipicamente feminina. A divisão sexual do trabalho está inscrita por um lado, na divisão de tarefas produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho, assim como na divisão do trabalho e manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens, o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de “representação” e, por outro lado, também está inscrita nas disposições dos protagonistas da economia de bens simbólicos, que tende a reduzir as mulheres a meros objetos de trocas e de consumo dos homens.

Existem fatores de mudança social que têm contribuído para que estas formas de dominação não sejam mais impostas como algo que é indiscutível. O trabalho crítico do movimento feminista, o aumento do acesso das mulheres à instrução e, conseqüentemente, à independência econômica, a transformação das estruturas familiares e o acesso das jovens ao ensino secundário e superior, aumentando também suas participações intelectuais, na administração ou nas diferentes formas de vendas de serviços simbólicos, jornalismo, televisão, internet, relações públicas e, até mesmo, no próprio campo editorial como vimos aqui. Porém, essas mudanças ocultam e por vezes mascaram as desigualdades que persistem entre os diferentes níveis de escolaridade e entre as carreiras possíveis oriundos dessa dominação, colocando constantemente as mulheres em estado de dependência simbólica, fazendo com que existam sempre primeiro para alguma coisa, para alguém e pelo olhar dos outros, como objetos receptivos, atraentes e disponíveis (BOURDIEU, 2020).

Qualquer uma dessas desigualdades pode ser vista nas diferenças entre as atitudes e comportamentos dos personagens masculinos e femininos, assim como a desigualdade de oportunidades. Enquanto a figura masculina da estória faz “o que quer e o que gosta” a figura

feminina faz “o que dá, o que foi possível” ou, até mesmo, “o que foi imposto”. O trabalho da personagem feminina no livro “Dono do meu coração”, não foi algo que ela escolheu, ela também sofre a falta de oportunidade de continuar com os estudos e os cuidados e criação da filha foi algo que lhe foi imposto a fazer sozinha, devido ao abandono do genitor. Já a figura masculina, tem a opção de escolher a profissão e, a possibilidade de mudar de emprego ou de área, devido à uma série de privilégios, como estudar em boas escolas, herdar bons cargos de trabalho e possuir recursos financeiros que possibilitam uma melhor qualidade de vida, oriundos de herança familiar, além disso, qualquer uma destas escolhas, é ressaltado no livro como um ato heroico, seja salvando pessoas em um campo de guerra, tornando-se CEO de um hospital, de uma empresa ou, até mesmo, ao assumir a responsabilidade e os cuidados com os filhos.

Assim como é retratado em vários momentos nas histórias, as leitoras também tendem a se deparar com dificuldades na vida profissional, principalmente quando esta necessita ser conciliada com a maternidade. Esse parece ser o caso da leitora Érica que divide com as colegas do grupo do *Whatsapp*, que foi dispensada do seu trabalho pelo seu chefe durante a licença maternidade. Outras leitoras também contam suas histórias ao lerem o relato de Érica. Vitória relata ter passado pela mesma situação, seus empregadores só esperaram terminar os 6 meses de estabilidade e então procederam com a demissão de Vitória. Marta se solidariza com as colegas e confirma ter passado pela mesma situação e após 11 dias do nascimento da sua filha, os seus empregadores, aos quais ela prestava serviços há mais de 20 anos, pediram ao esposo de Marta que lhe avisasse sobre a sua demissão.

Estas injustiças e dificuldades enfrentadas por qualquer uma das mulheres aqui citadas, tendem a serem justificadas através de um discurso moral e esperançoso. Essas mulheres que compartilham histórias de vida tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão parecidas, parecem tentar ressignificar estas injustiças, desigualdades e dificuldades que sofrem, como uma maneira de dar conta desta realidade tão dura e difícil. Transformam o espaço que até então tinha o objetivo de abordar apenas assuntos literários, em uma rede de apoio. Para essas leitoras, provavelmente para a maioria, essas injustiças e desigualdades, apesar de serem tão presentes tanto na realidade de cada uma delas quanto na vida fictícia presente nos livros que elas consomem, acontecem por um motivo maior, por um propósito maior

Marta justifica sua demissão ilegal com o fato de que possa ser uma oportunidade de encontrar algo melhor e, conforta as demais leitoras com a seguinte frase: “Mas fiquem calmas, tudo acontece por um motivo. Uma porta se fecha, mas Deus abre uma janela que traz muito mais benefícios e felicidade”. Várias outras leitoras do grupo trazem palavras de consolo e

solidariedade reforçando que “é uma oportunidade de encontrar algo melhor” ou que “Deus está cuidando de tudo”. Nos livros, esses cenários se repetem, já que em vários momentos a maternidade é apresentada como um “problema” ou como “o fim da carreira”. Maternidade e carreira profissional são mutuamente excludentes para as personagens, como podemos observar no seguinte trecho:

- E agora veja só! Tyler provavelmente não vai mais competir.
- [...]
- E aquela menina, Diana Colombo, parece que também não.
- Ela vai ter o bebê. — Eu fixo o olhar na figura da minha mãe atrás de mim. Ela se vira devagar me encarando com seus olhos frios.
- Ela é uma tola.
- Ela é corajosa...
- Corajosa? Acabar com a carreira assim?
- Ela ainda pode voltar depois que tiver o bebê.
- Não seja ingênu! Diana tem 28 anos. Acabou para ela. Ainda mais agora que abandonou o parceiro há pouco tempo das competições olímpicas. (Diálogo entre Kiara e Maude. Livro *Corações de gelo*. P. 161)

Em contrapartida, a paternidade, como retratado no Livro “Corações de gelo”, se tornam atos gloriosos, diferente de quando exercido pela personagem feminina que é visto como mera “obrigação”. O que revela também uma forma de compaixão e maior compreensão com os personagens masculinos, sempre passíveis de perdão, de anistia, seja qual for o motivo que o levou a cometer qualquer ato, por mais injusto que pareça, sendo facilmente justificadas tanto pelos personagens como pelas leitoras.

A autora Juliana Dantas em uma das conversas no *Whatsapp* com as leitoras, confirma em sua fala que é muito difícil fazer protagonistas femininas falhas, considerando que as leitoras têm menos empatia por elas. Se for o protagonista masculino cometendo algum erro as leitoras normalmente têm muito mais chance de aceitar e justificar os erros, inclusive, utilizando as qualidades profissionais do personagem, como no comentário da leitora Carla ao se referir à um personagem “Ele foi ‘babaca’ sim (no relacionamento com a personagem feminina), mas é um cara exigente com o seu trabalho, não bebe quando está trabalhando e é muito profissional”.

Apesar das leitoras reconhecerem que existe uma relação de dominação e criticarem o fato de as personagens femininas estarem sempre em posição de submissa nas histórias, é comum encontrarmos muito mais críticas às personagens mulheres do que aos personagens homens. São os casos dos comentários a seguir feitos no site da Amazon sobre o livro de Juliana Dantas: “Kiara é uma mulher com maturidade adolescente”; “Maude é a verdadeira mãe louca obsessiva de atleta”; “[...] uma garota medrosa e chorona porque é isso que a personagem principal é”; “Me deu vontade de entrar dentro do livro para bater na Maude”. Além dos

comentários citados, no grupo de *Whatsapp* encontramos o tempo todo falas das leitoras para se referir as personagens de outros livros como imaturas, inseguras, ingênuas, fúteis, interesseiras ou arrogantes.

Nas avaliações sobre o livro de Juliana Dantas, é muito comum encontrar uma série de críticas às personagens femininas, apesar das relações entre a figura masculina e a feminina serem muito parecidas com a de qualquer um dos livros aqui já citados, nestas avaliações encontramos estas críticas feitas com relação ao relacionamento materno da personagem principal do livro. Podemos observar isso na avaliação de uma cliente Kindle, que não se identificou, mas fez a seguinte observação “Achei a mocinha sofrida, dominada pela mãe e vazia, não vi química no casal. O mocinho parecia que estava manipulando a mocinha o tempo todo”. O comentário de Simone e Monica também revelam estes aspectos:

[...]Amei que a mocinha fosse patinadora, mas não se engane, esse livro não é apenas sobre a atração entre um patrocinador e sua patrocinada. É sobre dores, como elas afetam e moldam. Como podem ser sufocantes. A mocinha carrega um peso que dói até em nós, a mãe é tóxica, autoritária, se impõe com tanta frequência que nos dá um misto de pena e raiva da Kiara por permitir [...]. (Simone, Leitora)

[...]A mãe da Kiara me irritou bastante, muito controladora, mesquinha, manipuladora, uma pessoa extremamente difícil e que não tem limites quando quer impor suas decisões acima da filha. Também fiquei com um pouco de raiva da Kiara por não impor suas vontades, mas compreendi que às vezes é extremamente difícil a gente debater ou expor como nos sentimos em determinada situação [...]. (Monica, Leitora)

Apesar dos papéis principais das histórias, tanto o masculino como o feminino, serem tão parecidos, as críticas ainda são a minoria dos comentários. Em média, a cada 10 comentários que encontramos, um deles abordava alguma crítica quanto aos papéis e ao contexto das histórias, o restante tende a conter elogios tanto à estória quanto à autora. Além disso, apesar de algumas leitoras se mostrarem insatisfeitas com a forma como a personagem feminina é retratada nas histórias, outras leitoras tendem a fazer comentários positivos sobre o personagem masculino. A avaliação de Ingrid sobre o livro de Jéssica Macedo demonstra isso, a leitora escreve que “O John realmente é o Príncipe que todas as mulheres sonham, mas foi imaturo de fugir e não conversar com a Cristal!”. Assim como o comentário de Valéria “John um homem honrado, correto, apaixonado, envolvido pela maldade de pessoas que o normal seria nos amar, mas infelizmente as coisas nem sempre funcionam assim. Seu erro foi deixar se levar e fazer julgamento precipitado.”.

Toda essa rivalidade com as personagens femininas está presente tanto na percepção das leitoras, quanto nas próprias histórias. No livro “Corações de gelo”, essa rivalidade também se

faz presente, principalmente na disputa por sucesso, cargos e carreiras. A maior adversária de Kiara é outra mulher, com uma idade próxima a sua e que também está elevando sua carreira profissional, em vários momentos da estória, a relação entre as adversárias é retratada com extrema competição e palavras hostis, dando a ideia de rivalidade, como se mulheres precisassem sempre disputar muito mais para chegar ao sucesso, o que muitas vezes é uma realidade na vida de tantas mulheres considerando que os cargos e espaços de “sucesso” tendem a ser herdados por figuras masculinas. Este é o caso do trecho a seguir:

— Seu *triple salchow* estava horrível.

A voz de gelo chega até mim, assim que alcançamos a mureta que circunda a pista e o sorriso desaparece do meu rosto enquanto pego o protetor de lâminas da mão de unhas bem-feitas.

[...]

— Mãe, era só uma apresentação boba!

— Há dois meses das Olimpíadas, não podemos admitir erros, Kiara!

[...]

— Não se preocupe, Maude.

Uma patinadora usando rosa pink que ofusca meus olhos passa por nós retirando a proteção de plástico de suas lâminas.

— Se a princesinha de gelo não for perfeita, eu serei no seu lugar.

[...]

Alana Percy é minha concorrente desde que tínhamos 12 anos e competimos pela primeira vez. (Diálogo entre Kiara, Maude e Alana. Livro *Corações de Gelo*. P. 9)

Para além das injustiças e dificuldades encontradas pelas mulheres no mundo corporativo e na esfera profissional, uma outra consequência da manutenção das mais diversas posições de poder, é que eles implicam em um conjunto de violências, sejam elas simbólicas, ou no caso das histórias, físicas, morais e até mesmo sexuais. Cenas de violência estão presentes no livro “Dono do meu coração”, como quando Cristal relata o que ocorreu no seu relacionamento com John, como podemos observar no trecho a seguir:

Ainda me lembrava como se houvesse acontecido no dia anterior o momento em que o irmão caçula do John entrou na recepção do prédio no fim do expediente. Ele me chamou para tomar um drinque no mesmo bar onde John e eu havíamos nos conhecidos, disse que era uma oportunidade de saber mais de mim e das minhas intenções em fazer parte da família.

Eu amava o meu namorado e tudo o que eu queria era que os parentes dele também gostassem de mim, por mais que tivéssemos origens completamente distintas. Antes tivesse seguido a minha intuição e recusado o convite.

Lembro-me de termos sentado numa mesa perto da entrada e de ter tomado um drinque, depois disso só de acordar em um quarto que não reconhecia. As paredes tinham uma decoração abstrata e um tanto sombria. A persiana estava fechada e eu me virei, deparando-me com um homem deitado ao meu lado na cama. Por mais que os corpos fossem parecidos, soube de imediato que não era o meu John. (Fala da personagem Cristal. Livro *Dono do meu coração*. P. 83)

Durante anos, a personagem acreditou ter sido estuprada pelo irmão do namorado, o que teria causado a separação do casal e uma série de intrigas na família, que durante boa parte da

estória se refere à personagem com um vocabulário hostil, enfurecido, culpando-a por todo o sofrimento que causou à John, conforme o trecho a seguir:

- Você e o seu irmão precisam superar isso. - Minha mãe tocou em uma parte delicada que era melhor que continuasse evitando,
- Ah, claro! - Bufei.
- O Jason disse que foi ela quem deu em cima dele. Você deveria saber como são essas mulheres, elas ficam deslumbradas com tudo...
- Mãe, para! - interrompi-a antes que a conversa tomasse um rumo que me deixasse ainda mais irritado.
- Querido..
- Teve um bom motivo para eu ter ido embora.
- Essa mulher estragou a nossa família. - Ela cerrou os dentes.
- Não aja como se o Jason fosse um santo nessa história. Independente do que a Cristal possa ter feito. Não tem carne fraca que justifique as atitudes do meu irmão.
- Já passou. Essa mulher não faz mais parte da vida de vocês.
- Já passou...- resmunguei em resposta tentando me convencer daquilo. (Diálogo entre John e sua Mãe. Livro *Dono do meu coração*. P. 59)

No livro “Corações de gelo”, essas violências também se fazem presentes, quando Kiara revela ter sido estuprada aos 17 anos pelo pai de seu antigo parceiro de patinação, que também era o seu treinador, conforme o trecho do livro:

- Andrey Ivanov é um dos maiores patinadores artísticos de todos os tempos. Ganhou muitas medalhas pela Rússia. Quando se aposentou, veio para o Canadá e se casou com uma canadense, a mãe de Dimitri. Eles se divorciaram quando Dimitri ainda era pequeno. Eu comecei a treinar com Dimitri com 14 anos. Minha mãe ficou radiante, afinal, Andrey era o melhor. Ele era muito rígido, mas não diferente de muitos treinadores. Eu e Dimitri seguimos todas as regras, ambos queríamos ser os melhores. Só que enquanto íamos crescendo, meus sentimentos foram mudando. Eu não podia sair ou ter encontros, minha mãe não deixava, acho que foi normal eu me apaixonar por Dimitri que era o garoto mais próximo de mim. Mas Dimitri também estava mudando. Ele era legal, mas às vezes se rebelava. Ficava intratável. Tinha um humor terrível. Um dia, estávamos treinando à noite no centro e ele estava em um desses dias. Andrey havia se ausentado por um momento e eu caí na besteira de beijar Dimitri. Ele riu de mim, eu fiquei brava e humilhada e acho que xinguei ele de menino mimado e falei algumas besteiras, para irritá-lo porque estava me sentindo mal. Então, começamos a brigar e ele me bateu. Me deu um tapa, eu caí no gelo, apavorada. Andrey apareceu. Dimitri estava me olhando também assustado, como se arrependido. Andrey pediu que ele fosse embora.
- “Eu corri para o vestiário, assustada, tirei meus patins e estava me trocando quando Andrey apareceu. Eu estava de calcinha e sutiã, chorando. Ele entrou e me abraçou. Por um momento, não vi problema algum porque estava nervosa. Acho que ele queria apenas me consolar. Até hoje eu não sei se ele queria apenas isso mesmo, mas... perdeu o controle.”
- [...]
- Eu tentei me afastar incomodada, mas ele não deixou. Ele sussurrava que estava tudo bem... senti que ele estava excitado e quando percebi o que estava rolando era tarde demais. Ele era mais forte do que eu, me empurrou contra a pia, rasgou minha calcinha e... me violentou. — Minha voz é só um sussurro. (Fala da personagem Kiara. Livro *Corações de gelo*. P. 285)

O resultado desse estupro, além de desencadear problemas emocionais e psicológicos à jovem, foi uma gravidez indesejada, que por decisão da mãe, foi impedida de interromper a



gravidez ou tomar qualquer outra providência para não “chamar a atenção” e manter as aparências para preservar a imagem de seu treinador. Após o nascimento, a criança foi deixada para a adoção para que Kiara pudesse continuar com os treinos e para que a maternidade não atrapalhasse sua carreira profissional. Quando a personagem questiona a falta de atitude por parte da mãe, para denunciar o ocorrido, a resposta que recebe é que foi uma tentativa de “evitar o escândalo”, já que denunciar um “cara rico” não iria levar a nada, elas ainda seriam desacreditadas e não iria mudar o que havia acontecido, conforme o trecho a seguir:

- A culpa é minha? Não tenho culpa se Andrey Ivanov abusou de você.
- Não, não tem, mas a maneira que lidou com o ocorrido não foi certa!
- Eu fiz o melhor! O que eu podia fazer?
- Você podia tê-lo denunciado!
- E o escândalo? Acha que ia mudar o que aconteceu? Ele já tinha feito o mal, agora só nos restava passar por cima disso e continuar! É assim que nós fazemos, Kiara! Assim é o mundo!
- O que quer dizer?
- Eu também já fui abusada.
- O quê?
- Você acha que foi a única a sofrer isso? Vai ficar surpresa se perceber que a maioria de nós, mulheres, já passou por alguma situação assim! (Diálogo entre Kiara e sua mãe, Maude. Livro *Corações de Gelo*. P.381)

A forma como a violência sexual das personagens de ambos os livros foram retratadas nas histórias, apesar de ser algo muito difícil de pensar ou falar e durante a leitura do livro sentirmos angústia pela forma como estas questões são abordadas, acabam retratando a realidade de tantas mulheres, o abuso por parte de um homem, que é retratado como alguém de confiança, que recebe as características já citadas anteriormente que remetem à ideia de um indivíduo de “sucesso”, sendo ele no livro “Dono do meu coração” um membro da família e no livro “Corações de gelo” o treinador da personagem. A impunidade, ou melhor, a crença na impunidade, por parte do abusador, de saber que apesar de ter um comportamento e uma atitude repulsiva e, inclusive, criminosa, passará despercebida, serão esquecidas, serão silenciadas, pelo medo, pela vergonha e pela falta de suporte das vítimas em denunciar. Um conjunto de estruturas, instituições, comportamentos que tendem a legitimar estas ações, proteger a imagem e a reputação da figura masculina que está em posição de poder, mesmo tendo praticado um ato tão cruel.

Infelizmente, a possibilidade de conhecermos alguma mulher que já tenha passado por alguma situação parecida é grande ou, esta mulher pode ser qualquer uma de nós, leitoras deste trabalho. Ao longo da coleta de dados, fomos percebendo que qualquer um dos relacionamentos abusivos, das tantas formas de violência sejam elas físicas, morais ou sexuais, nos mais diversos ambientes e espaços, tanto nas relações profissionais, amorosas ou familiares, as injustiças e

disparidades sociais, salariais e de condições dignas de vida, a luta injusta e desproporcional por empregos ou o abandono parental são muito mais do que mera ficção. Estas histórias são reais. Elas acontecem o tempo todo, basta analisarmos qualquer noticiário ou qualquer banco de dados, elas são a própria marca da nossa história. E com as leitoras da literatura erótico-empresarial, elas não são diferentes.

As seis leitoras que conversaram conosco fora dos grupos de *Whatsapp*, de maneira privada, relataram que em algum momento já se identificaram com alguma personagem dos livros que leram. Flávia relata que ao ter contato com estas leituras, percebeu que já havia sofrido abuso psicológico com o ex-marido, a leitora ainda reforça “não que essas leituras tenham despertado ‘gatilhos’ em mim, mas como dizem: a vida imita a arte e a arte imita a vida”. Érica também compartilha um breve relato:

Teve um livro da Jéssica em que a personagem principal vivia em um relacionamento abusivo, porém ela acreditava que era a culpada pela relação não evoluir. Me identifiquei com esta personagem, pois uma pessoa próxima a mim também viveu um relacionamento abusivo. Não houve agressão física, porém a moral e a psicológica eram muito praticadas. Demorou bastante tempo para ela enxergar a verdade de que ela era a vítima e não o contrário. (Érica, leitora)

Aline revela ter tido dificuldades para concluir uma de suas leituras que continha trechos sobre estupro, já que sua irmã passou por um relacionamento abusivo e por muito pouco, não sofreu violência física. Além disso a leitora também afirma que já se identificou com tantos outros personagens devido à diferença de idade, já que ela é casada com um homem 12 anos mais velho e essa diferença de idade tende a ser algo bastante comum nos livros, assim como virgindade e a primeira relação sexual da personagem mulher.

Durante a coleta de dados dessa pesquisa, nos deparamos com muitas críticas a este nicho literário e principalmente críticas aos livros que abordam temas de violência. Normalmente, as críticas são feitas quanto ao teor das histórias, como é o caso de uma série de tuites sobre a autora internacional Colleen Hoover, que é bastante famosa entre os grupos de leitoras e autoras que apreciam o nicho literário. A autora vem recebendo uma série de críticas nas redes sociais pela aparente “falta de responsabilidade” ao tratar de assuntos “problemáticos” nos seus livros e por “romantizar” assuntos como traição e relacionamentos abusivos. Estas críticas, apesar de serem relativizadas por alguns leitores nos grupos que concordam que “Os livros da Colleen Hoover são meio problemáticos mesmo” como é o caso da leitora Roberta, de maneira geral, elas tendem a ser vistas como “mimimi” ou frescura de adolescente, e normalmente são desconsideradas pela maioria das leitoras.

A própria autora Juliana Dantas reage a uma destas críticas com a seguinte resposta “Tudo é problemático. É a palavra da moda. A galera quer só livro politicamente correto.”. Além disso, a autora salienta que estas críticas feitas aos livros nas redes sociais é uma censura à liberdade do autor de escrever o que quiser, “Quem não gostar que não leia. O leitor é livre para falar ‘não gostei’ e pronto. Mas dizer ‘não deveria escrever isso e aquilo’ é o cúmulo”. As críticas normalmente são vistas pelas autoras e pelas leitoras, como pensamento de adolescentes que ainda não “viveram o suficiente” para saber como a vida real é, e o leitor Matheus reforça “É o nosso mundo.”. Para os leitores, os livros são “espelhos da realidade” como é dito pela autora Juliana, e para eles a vida real nunca é perfeita e nem “politicamente correta” o tempo todo. O comentário da leitora Cintia reforça isso:

A galera hoje vive em uma bolha e ainda acha que o autor deve escrever dentro da sua bolha. A realidade é bem diferente, a experiência de um não é a mesma da outra e ponto. O autor pode escrever o que quiser dentro da realidade que ele quiser representar. Não acho a Colleen Hoover problemática, acho ela realista, tem realidades que são bonitas, as tem as feias também, onde a pessoa não faz terapia, onde as pessoas traem e contar a história da traição sob o ponto de vista de quem traiu não é romantizar, é falar sobre diferentes pontos, não só daquele que você defende como correto. Coisa chata o povo querendo ditar tudo. (Cintia, leitora)

Como é reforçado pela autora Juliana “A autora não criou a traição, ela só mostra que existe.”. Passamos a observar um processo de identificação e aproximação tanto das leitoras como das autoras com as histórias, ou seja, quem escreve, escreve o que vê, o que já vivenciou, o que percebe ao seu redor e quem lê, tende a se identificar, já vivenciou alguma situação parecida ou, no mínimo, conhece alguém que já passou por alguma destas situações. Este parece o caso da leitora Fernanda que traz o seguinte relato:

Eu descobri que tinha 6 irmãos no dia do velório do ‘safado’ do meu pai. E sou bem mais nova que eles. Ele era casado e tinha um caso com a minha mãe. Minha avó falava que toda menina sonha em se casar com um homem igual ao pai, eu dizia que se eu casasse com alguém parecido com o meu eu estaria ferrada (risadas). (Fernanda, leitora)

Solange, também leitora, se solidariza com a colega e relata. “Eu tenho 7 irmãos, a maioria com mães diferentes da minha. O meu pai namorava a minha mãe e a minha madrastra ao mesmo tempo (que tinha 13 anos na época!!). Elas acreditavam em tudo que ele falava. Eu e a minha irmã temos meses de diferença. Foi uma confusão danada!”. A leitora Luiza, que também passou por uma situação parecida, faz o seguinte comentário:

Infelizmente na minha família tem um grande cafajeste, meu ‘papito’. Vocês acreditam que eu descobri que tenho uma irmã da mesma idade que a minha e só fiquei sabendo disso aos 24 anos de idade. O meu pai tem um agravante: ele é Policial Militar (PM) reformado. Muitos deles têm uma mulher em cada cidade em que trabalham. (Luiza, leitora)

Solange, ao ler o relato de Luiza, concorda e reforça que também já ouviu falar sobre esta atitude que parece ser comum entre os Policiais Militares. Fernanda, que já havia relatado a história que tinha com a figura paterna, repudia a fala das colegas:

Não é comum nada, é safadeza! Meu marido é PM, quando começamos a namorar, minha nossa senhora, ele me tinha e mais quatro namoradas: Viviane, Marta, Priscila, Angélica e eu. Eu dei sorte, fui a primeira namorada ‘oficial’ do meu marido, ele só tinha umas paqueras, mas se der boabeira ele ainda tem umas por aí. (Fernanda, Leitora)

Amanda, leitora do grupo, ao se deparar com o relato de Fernanda, complementa “Eu era Sargento da PM, também sou filha de PM, irmã de PM, ex-esposa de PM, então tenho conhecimento de causa. Fui traída, minha mãe e minhas cunhadas, todas, sem exceção, também foram. Tem ‘Maria batalhão’ que não pode ver uma farda”. Fernanda concorda com a afirmação da colega e comenta “Tem mesmo. Meu marido me dizia que nem precisava ‘dar em cima’, elas que ‘vem se oferecendo’”, a leitora Amanda concorda e enfatiza “Nossa eu via cada mulher doida no batalhão, de fazer escândalo mesmo.”. Por fim a leitora Tatiana conclui “O pai da minha amiga sempre diz: Não se envolva com bandido e nem com policial, porque eles se acham, traem e batem na mulher. Foi assim com a minha mãe.”.

Apesar das mais diversas formas de violência sofrida pela maioria das leitoras, as mesmas respostas utilizadas por elas para justificar as injustiças no mundo profissional, também são utilizadas por elas para dar sentido aos abusos que acontecem no relacionamento entre os personagens dos livros, como podemos observar na avaliação no Site da Amazon de Olívia “Que livro incrível, com uma história linda entre Cristal e John que apesar das mentiras que os separaram o amor verdadeiro deles acabou vencendo no final” ou então, no comentário de Valéria “[...] esperança, amor e união, que devemos sempre ser fortes para nunca deixar que a inveja, mentiras e maldades nos destruam, essas são as mensagens que essa história triste e a mesmo tempo linda me passou.”

A leitora Beatriz também ressalta “Nunca sabemos o que o destino nos reserva. As vezes os caminhos mais difíceis e espinhosos, são o meio de nós nos fortalecermos e encontrarmos a nossa paz, a vida que sonhamos ter, encontramos a coragem de lutarmos pelo que acreditamos.”. Dessa forma, percebemos que estas crenças servem de justificativa para as adversidades, para

dificuldades, desigualdades e violências, já que para as leitoras “O amor é maior que tudo” e este tudo suporta e “é o remédio para curar qualquer coisa”.

O final dos livros também reforça e mantém o “felizes para sempre” como qualquer conto de fadas, ao qual estamos acostumados a encontrar nos livros de romance, sejam eles livros adultos ou juvenis. No livro “Dono do meu coração”, Cristal perdoa o personagem John, por todos os problemas que tiveram, pelo tempo que passou distante da filha e o casal passa a viver junto no apartamento de John e o livro se encerra com o casamento de Cristal e John, conforme as falas do personagem:

Eu já tinha sonhado com aquele momento e por um bom tempo imaginado que ele nunca iria acontecer, mas finalmente eu tomara a Cristal como esposa e a faria minha para sempre. Nem toda a armação, inveja e rebeldia do meu irmão poderia mais ficar entre a gente.

Poderíamos ter feito o casamento no jardim da mansão Vaughn, como era o costume, mas justamente para evitar que isso acontecesse, escolhi o salão de um hotel. Assim, tinha a certeza de que conseguiria manter o Jason longe da nossa felicidade.

A minha cabeça estava latejando e não era por causa da noite anterior, porque a despedida de solteiro que o Eric havia me proporcionado fora bem discreta. Ficamos horas jogando sinuca no bar do Julius e eu havia maneirado na cerveja, enquanto perdia de lavada para o meu melhor amigo, mas o que costumavam dizer, azar no jogo, sorte no amor.

Parado diante do altar montado no fundo do salão, com todos os convidados olhando para mim, ajeitei a minha gravata, sentindo-me um pouco ansioso. Aquele era o início do meu felizes para sempre e eu não poderia estar mais aflito. (Fala do personagem John. Livro *Dono do meu coração*. P. 282)

Percebemos nestes últimos trechos do livro, o que também encontramos nas falas das leitoras, que parecem dar um significado divino aos relacionamentos e, principalmente, ao casamento, capaz de suportar qualquer problema, sendo uma instituição que deve ser preservada. Durante estes trechos finais do livro, a personagem Cristal também se refere ao personagem John como o seu “Príncipe encantado”, assim como as leitoras tendem a perceber estes personagens, um salvador ou um herói. No livro “Corações de gelo”, o final se repete, proporcionando o tão sonhado final feliz entre os personagens. O livro termina com a personagem Kiara descobrindo que sua filha havia sido adotada pelo seu patrocinador, Nick, que procurou pela patinadora com a intenção de contar a ela toda a verdade, conforme o trecho a seguir:

Penso em Kiara e em como ela parecia devastada ontem quando conversamos.

Eu havia mantido contato com Christian, o tempo inteiro naquelas semanas desde que ela descobriu sobre Mackenzie.

Sabia que ela ficaria abalada e também com raiva de mim.

Afinal, eu me aproximei dela com falsos pretextos e ainda por cima, nos envolvemos sem que eu conseguisse evitar. E então, era tarde demais para voltar atrás, eu só podia lamentar ter omitido que era o pai adotivo de sua filha.

Tomei a decisão de não revelar a verdade, pelo menos enquanto estivesse neste momento tão crucial. Não queria jogar uma bomba dessas quando ela precisava estar concentrada nas Olimpíadas. E também não poderia ficar com ela enquanto não passava de um mentiroso.

Terminar com ela naquele jantar foi horrível porque percebi que não queria afastá-la. Que em vez disso queria dizer que sim, eu estava me apaixonando por ela, queria levá-la para minha cama e a manter lá, assim, como permitir que fizesse parte da minha vida, mesmo ainda não sabendo como poderia dar certo. (Fala do personagem Nick. Livro Corações de gelo. P. 340)

Apesar da decepção da personagem Kiara com Nick, por não ter falado a verdade, pelo amor que sentem um pelo outro, Kiara escolhe conhecer a filha, os três ficam juntos ao final da história e constroem uma família. Mais uma vez, o livro se encerra com o perdão da personagem feminina com o personagem masculino, um “felizes para sempre”, a manutenção da família e do casamento entre os personagens.

O ponto crucial, que tentamos demonstrar nesta etapa da análise, é que estes livros são muito mais do que ficção. O que as leitoras consomem é o ideal de real. A “vida perfeita” ou o “romance perfeito” com um final feliz com a família dos sonhos, apesar de todas as adversidades possíveis, é um desejo destas leitoras. Além disso, percebemos aqui, que o conjunto de símbolos que são tão presentes na literatura erótico-empresarial e que foram destacados na parte da produção são tão próximos da vida de qualquer uma destas mulheres.

Por vários momentos nos depararmos com comportamentos que estão nos livros e no cotidiano das leitoras, que reforçam alguns instrumentos de dominação há tanto já consolidados socialmente. A indissolubilidade do casamento, sendo essa uma das maiores estratégias de comercialização de bens simbólicos, além das estratégias de fecundidade, estratégias econômicas, todas revestidas e mascaradas com suas formas contratuais, porém com um único objetivo, a manutenção dos interesses e do capital de uma parcela dominante da sociedade. Assim, através da manutenção de uma moral tanto familiar como religiosa, que justifica qualquer violência como vimos anteriormente, estes instrumentos de dominação se mantêm, assim como as estratégias de reprodução de uma determinada ordem social.

Questões como o desemprego, a informalidade, a dificuldade que as leitoras encontram em ascender profissionalmente, chegar a cargos mais altos, remunerações incompatíveis com os cargos, divisão de tarefas domésticas e de cuidados com os filhos, abandonos parentais, violências físicas, morais e sexuais em suas relações conjugais ou até mesmo, fora delas nos mais diversos espaços e ambientes, não se fazem presentes apenas nas histórias dos livros, mas como podemos perceber através dos relatos das leitoras, elas também se fazem presentes nos seus cotidianos. O fato destas situações estarem presentes na realidade de cada uma destas

mulheres, faz com que elas os tornem naturais quando são descritos nos livros, faz com que sejam facilmente aceitos. Independente de existirem críticas a esses livros, eles continuam entre os mais lidos, eles continuam sendo populares e continuam sendo aceitos, o que revela a forma como estes símbolos fazem parte do cotidiano de qualquer pessoa, estando fortemente enraizado nas falas, comportamentos ou atitudes. Além disso, demonstram como estas formas de violência e dominação, quando naturalizadas e aceitas pela maioria, também sustentam a reprodução de uma determinada ordem presente no mundo moderno, que tende a favorecer determinadas classes e manter determinados capitais, seja nas relações de trabalho, pessoais ou familiares.

Ao final desta seção, que compreende a análise dos dados encontrados a partir da literatura erótico-empresarial e da respectiva relação com o processo de produção e consumo desta literatura, podemos concluir que estão presentes o conjunto simbólico que caracteriza o que chamaremos de *habitus* empresarial, que podem ser observados a partir de duas perspectivas: o real, presente no comportamento das autoras e leitoras e o fictício, presente tanto nas histórias como nos personagens. Através do processo de produção deste nicho literário, é perceptível a necessidade de publicação e divulgação em massa, metas de publicação mensal e anual, uma produção pensada e produzida a partir das necessidades dos consumidores, a forte concorrência, a necessidade de diferenciação, tanto de outros nichos como de outras autoras e a busca incessante pelo menor custo de publicação afim de obter maior lucro. Esses traços, parecem ser comuns também a esse novo mercado de publicação, através de plataformas online, que ao mesmo tempo que possuem uma grande facilidade de inserção no mercado e abre espaço para um número maior de autores independentes também possuem uma dinâmica bastante diferente das editoras tradicionais, inclinada às urgências do mundo moderno, à necessidade de inovação e celeridade.

Nas histórias e nos personagens, um conjunto de símbolos também se faz presente, dentre eles a própria criação do CEO como personagem principal, a forte presença da divisão do trabalho, cargos e funções e, sobretudo, a divisão sexual do trabalho, a sucessão e herança familiar, relações econômicas e a importância do dinheiro como modulador de todas as outras relações, exploração e desigualdades trabalhistas. Além disso a preservação e importância da imagem, aparência e estética, a ideia de imortalidade, a necessidade de controle, a competitividade, a concorrência e o individualismo, a moral familiar, relações de dominação, principalmente masculina, fortemente marcadas por traços contratuais desiguais, patriarcais e machistas.

Após caracterizar e apresentar este conjunto de símbolos presentes no processo de produção e consumo da literatura erótico-empresarial, dedicaremos a última seção da análise para uma possível síntese de tudo que encontramos até aqui, assim com as possíveis aproximações com o processo de empresarização.

#### **4.2. A relação do processo de produção e consumo com o fenômeno da empresarização**

Esta última seção da análise dos dados coletados para esta pesquisa, é uma tentativa de síntese e ao mesmo tempo, de ligação entre todo o conjunto simbólico encontrado até aqui, as aproximações e identificações com estes símbolos e a forma como tudo isso se relaciona com o processo de empresarização do mundo. Para isso, será necessário recapitular alguns dos pontos centrais que nos deparamos ao longo da análise.

Na primeira seção, nos propomos a caracterizar e explicar o que é a literatura erótico-empresarial, já que durante todo o trabalho nos referimos a ela como algo diferente das demais literaturas de romance ou eróticas, seja através da concepção do personagem central que é um personagem inspirado em um cargo tipicamente empresarial ou através dos cenários e contextos, que tendem a ter fortes traços de relações de trabalho, divisão de tarefas ou, até mesmo, histórias que se passam em espaços corporativos ou de trabalho. Por diversos momentos da análise, nos deparamos com características e comportamentos, presentes tanto nos livros em questão, como nas falas das autoras quando abordam o seu processo de produção ou, até mesmo, nas falas das consumidoras, que muito remetem aos conceitos iniciais propostos por Solé que diferenciam a empresa das demais organizações. Traços como concorrência, lucro, eficiência, associados a ideia de liberdade, igualdade e progresso reforçam a forma como os pressupostos iniciais da instituição empresa se fazem presentes no nicho da literatura erótico-empresarial.

Por estas razões, para que pudéssemos caracterizar e analisar com maior profundidade cada um destes comportamentos que encontramos ao longo da análise a partir de uma lente do processo de empresarização, que reforça como as diferentes formas de pensar e agir empresariais se disseminam para os mais diversos espaços, partimos dos conceitos iniciais de Abraham (2006) e dos respectivos modos de agir e pensar que norteiam o comportamento empresarial. O individualismo e a invenção da realidade econômica, que tende a transformar o sentido da palavra economia e a basear-se em um único objetivo, o lucro. O mito fundador da escassez que considera que as necessidades dos indivíduos são ilimitadas, o racionalismo e a



dominação que refletem à organização racional da vida, a propriedade privada, apropriação e exploração que tende a se dar de maneira desigual e, por fim, a inovação o desenvolvimento e o mito do progresso. Além disso, precisaremos recapitular as cinco relações sociais que estes modos de agir e pensar desencadeiam, dentre elas: as relações impessoais, as relações concorrenciais, as relações de exploração, as relações de trabalho e as relações de dominação.

Estes cinco modos de agir e pensar, assim como as relações sociais, foram o ponto inicial para pensarmos tanto no processo de empresarização como para pensar e caracterizar o comportamento empresarial e, posteriormente, identificar cada um deles dentro do nicho da literatura erótico-empresarial. Estas relações sociais podem ser observadas em qualquer um dos atores presentes no campo literário, seja quem está produzindo, quem está consumindo ou, até mesmo, na própria concepção dos personagens fictícios.

No entanto, também nos deparamos com aspectos de uma ordem moral e religiosa, que muito pouco se relaciona com aspectos empresariais, tal qual as relações familiares, a crença nos mais diversos meios de salvação, sejam eles a figura de um homem ou de um “Deus” e a forma de se organizar a partir de valores repassados por gerações sempre vindos de uma disciplina familiar. Por essas questões, que também parecem criar uma série de comportamentos e ser uma forma de socialização tão enraizada nos indivíduos no campo, que foi necessário fazer o movimento contrário, e pensar que assim como o *habitus* empresarial parece assumir uma forma de socialização dos indivíduos, a empresa como um produto da história também recebe uma série de influências, logo, se o *habitus* é simultaneamente estruturado, por meios sociais passados e estruturante de ações e representações presentes (WACQUANT, 2007), existem outros fatores que influenciam este processo de socialização, que os cinco modos de agir e pensar e as relações sociais que caracterizam o comportamento empresarial não englobam, mas que foram encontradas no campo de análise desta pesquisa.

O nicho em questão, que se mostrou influenciado pelo comportamento e pelas práticas empresariais durante toda a análise, apresenta um personagem central em todos os livros que encontramos, o CEO, que carrega consigo esse conjunto de valores e regras oriundos do meio empresarial e parece ser orientado por qualquer umas dessas relações sociais. Esse personagem, que mais se parece a forma personificada da empresa, além de um conjunto de traços físicos muito específicos, escolhidos e apreciados pelas leitoras e autoras, também traz consigo um comportamento próprio da figura de líder oriunda das escolas clássicas de Administração: frio, egoísta, movido por incentivos econômicos, solitário, calculista, controlador, que tende manter relações impessoais, a partir do que o outro tem ou pode prover e que a partir da linguagem, se apresenta como um homem da ação e não da reflexão. A própria linguagem utilizada pelo

personagem remete à ideia de algo inovador, reforçando a crença na ideologia do progresso, estimulando a concorrência por posse, por acumulação, tanto de bens mobiliários como imobiliários, posse de bens materiais ou, inclusive, de pessoas a seu dispor, conforme observamos nas seções anteriores.

Esse comportamento egoísta é o resultado dessa busca por satisfação das necessidades individuais, em que a concepção de economia e de riqueza é diretamente associada a noção de riqueza mobiliária, que atinge plena autonomia, fazendo com que a partir do dinheiro tudo pode ser objetificado e a busca por satisfações de necessidades é o que move a ação deste indivíduo. As relações do CEO tendem a ser atravessadas por relações impessoais, desde as escolhas estéticas, forma de se vestir, lugar onde mora, os bens que possui, assim como as próprias relações amorosas. Tudo que este CEO tem ou deseja passa a ser objetificado, podendo ser consumido através do dinheiro. A linguagem “viril”, por vezes até grosseira, os atos heroicos, a forma como se referem as personagens femininas e as mais diversas demonstrações de coragem, conforme demonstramos nas seções anteriores através dos trechos dos livros, demonstram a forma como as mulheres são vistas como objeto de consumo ou, até mesmo, como Bourdieu (2020) diria, “instrumentos simbólicos” de política masculina, já que no terreno das trocas simbólicas e da própria economia simbólica as mulheres tendem a serem reduzidas à condição de objetos, destinadas a circular como como signos fiduciários, através do parentesco ou até mesmo do casamento.

Mesmo que os personagens que retratam o CEO, por ora parecem se confundir um pouco com a concepção inicial do cargo em questão, como vimos anteriormente, se expandido para espaços, lugares e posições que muitas vezes não são empresariais ou fazem uma interpretação um tanto equivocada a respeito do cargo em questão, o que também reforça a própria generalização da ideia de empresa, esse conjunto de comportamentos se reproduz como algo natural e necessário ao cargo, ao comportamento de um líder, ao indivíduo considerado de sucesso, demonstrando a forte presença das relações de trabalho ou relações funcionais. Como já observado por Rosa e Brito (2009) e que também nos deparamos ao longo das histórias, independentemente de ser um homem ou uma mulher, ambos ocupam posições simbólicas que transcendem sua condição de profissional e os colocam em situação de consagração (para o homem) e estigmatização (para a mulher), em que por mais afeminado que um executivo homem seja, ele continua sendo homem, ou por mais masculinizada que seja uma mulher, ela continua sendo mulher, no entanto, os comportamentos que incorporam vão sempre ao encontro dos ritos que são legitimados dentro do campo social.

Ainda na primeira seção, também observamos os traços empresariais presentes no processo de produção da literatura erótico-empresarial, principalmente, a partir do ponto de vista das autoras. Facilmente nos deparamos com os termos “concorrência”, “competitividade”, “marketing”, “divulgação”, “publicação em massa e pensada para quem consome”, “organização” ou “metas”, a necessidade de produzir o que é “vendável”, de diferenciação e inovação, o que antes era um *hobby* para as autoras, agora passa a ter características empresariais, com o objetivo de gerar “lucro” tornando esse um modo de sobrevivência, além de ter baixos custos de publicação e assim, gerar maiores receitas, conforme o conceito de eficiência. Qualquer um desses comportamentos também se fazem presentes na concepção de cada um dos personagens fictícios das histórias, principalmente considerando que eles recebem constante influência tanto das autoras como das leitoras

As relações concorrenciais presentes no nicho literário parecem se dar devido à quantidade de autoras que publicam nesse mesmo nicho, sendo um mercado que tem crescido muito nos últimos anos, só na lista dos 100 mais vendidos na loja Kindle, nos deparamos com mais de 40 autoras diferentes. Apenas entre as cinco autoras mais populares do nicho literário, encontramos facilmente uma média de 200 a 300 livros publicados em menos de cinco anos. Já nas histórias, estas relações concorrenciais aparecem através da busca por sucesso, por cargos mais altos e posições de prestígio, passando a ser vista como algo bom e necessário para ascender profissionalmente.

Um outro aspecto importante, que observamos na fala das autoras e que também remete a uma das formas de agir e pensar da empresa é a necessidade de inovação e diferenciação, devido à quantidade de publicações que precisam fazer durante o mês. Além disso, as autoras precisam ter sempre novas histórias que sejam diferentes das que já existem no nicho literário, superar a concorrência no mercado, transformando o significado básico de cada produto em um significado único para quem consome. Porém, essas questões se desencontram com conteúdo dos contos, já que este tende a se repetir. Dificilmente nos deparamos com outras configurações de relacionamentos, como por exemplo, relações homossexuais, personagens com outros gêneros que não heterossexuais, mulheres que não tenham filhos, diferentes configurações familiares ou mulheres em posições de prestígio e que não dependam financeiramente ou emocionalmente de outros personagens masculinos.

As questões morais e os bons costumes, oriundos de uma herança da família patriarcal e, principalmente, ligadas a uma moral pública influenciada pela Igreja, permanecem consolidadas nas histórias e na criação dos personagens, assim como também se reforçam na fala das próprias leitoras, quando percebemos, que os livros que incorporam a lógica e o

comportamento empresarial, possuem traços moralizadores de indivíduos, assim como já fora observado também por Leite (2011). Através de uma lógica familista, como é intitulado pela autora, é nítida a convergência entre pensamentos progressistas, de igualdade e que estimulam a liberdade de pensamento e de escolhas das mulheres no momento em que influenciam e estimulam o nicho literário, incorporando pressupostos liberais e repassando para o seu núcleo familiar, através do ensino e criação dos filhos, símbolos e comportamentos que remetem ao sucesso profissional, econômico e social e, ao mesmo tempo de pensamentos e valores conservadores presentes tanto nas falas das leitoras quanto nas histórias de cada livro, quando posicionam-se contra o aborto, a indissolubilidade do casamento, a figura masculina vista como salvação, a preservação da imagem de outros homens e, conseqüentemente, a impunidade dos mesmos ou o uso de preservativos, que raramente é um assunto abordado nos livros.

Assim como já observado por Solé (2008) e Abraham (2006), as histórias também possuem uma clara divisão do trabalho, herança de um modelo de organização racional do trabalho e, conseqüentemente, dos cargos, remetendo a uma relação de trabalho e dominação. O poder e as próprias relações de dominação parecem sempre oriundas de um cargo específico, independente de quem o ocupa, baseados na hierarquia, na disciplina, na separação entre quem detêm o poder de fala. No entanto, para além dessa clara divisão racional do trabalho, nos deparamos também com uma divisão sexual do trabalho, não prevista ou pensada nos demais estudos sobre empresarização, provavelmente influenciadas por uma herança familiar, onde a organização se dá através de uma hierarquia baseada na maior figura de poder no meio familiar, normalmente representada pela figura paterna e onde a primeira divisão sexual do trabalho tende a acontecer.

Essa clara divisão do trabalho e, sobretudo, divisão sexual do trabalho, nos faz chegar a um conjunto de relações de exploração e dominação, resultado de um processo histórico de apropriação, associado à ideia de liberdade, igualdade e democracia. Através de uma constante acumulação e preservação tanto do capital econômico, como mencionado na seção anterior, como através da manutenção da imagem de poder de quem detêm os meios de produção, motivadas por um processo de sucessão familiar e transmissão dos poderes e dos privilégios herdados. Por esta razão, o sentido do jogo tende a assumir uma maneira de reprodução dos bens simbólicos acumulados, pelas quais os homens, detentores do monopólio dos instrumentos de produção e reprodução do capital simbólico, visam assegurar a conservação ou o aumento deste capital, seja através de estratégias de fecundidade, estratégias econômicas, estratégias matrimoniais ou estratégias de sucessão, conforme explica Bourdieu (2020).

Essas formas de dominação e exploração se fazem presentes nos livros das mais diversas formas, principalmente com as personagens femininas que estão sempre em posição de submissas, cargos mais baixos, empregos não tão valorizados, com remunerações menores, além da clara divisão dos cuidados com os filhos, enquanto os personagens masculinos passam a ser os provedores de benefícios financeiros. Para além disso, elas também se fazem presentes através das mais diversas formas de violências presentes tanto nos livros quanto no cotidiano de quem produz ou consome essas obras, sejam elas violências físicas, morais ou sexuais, aparentemente, sempre legitimadas por um conjunto de estruturas e agentes preocupados em proteger e preservar a imagem dos que estão em posições de poder.

Também foi possível perceber, que essa dominação, principalmente masculina, é um fator que sustenta e reproduz uma forte desigualdade de gênero e de raça, que se fez presente durante toda as histórias que analisamos, assim como na maioria massiva dos livros do gênero. Essa desigualdade se faz presente tanto no meio profissional, quanto no trabalho doméstico, maternidade ou nas relações matrimoniais e parece ser um ponto central e de grande importância para pensar nas demais relações sociais que encontramos durante a análise. Uma vez, que elas aparecem em todas as histórias assim como no cotidiano de quem consome e produz a literatura, nos leva a pensar que ela se faz presente em qualquer uma das relações sociais aqui citadas, ou seja, cada vez que pensamos nas relações de trabalho, de exploração, de dominação, de impessoalidade ou de concorrência, cabe também pensar que elas são constantemente atravessadas por um processo violento de desigualdade de gênero e de raça.

Ao final da análise, percebemos que qualquer um dos comportamentos e preceitos empresariais, como a concorrência, o lucro, a eficiência, a gestão, a hierarquia ou a disciplina, que se apresentam como soluções aos dilemas do mundo moderno, quando associados a aspectos morais, familiares e religiosos, parecem ultrapassar um tom racional e passam a assumir um caráter transcendental. O processo de empresarização, quando observado como um conjunto de símbolos, de comportamentos, de valores, de regras, que constituem o que estamos chamando de *habitus* empresarial, passa a se fazer presente na socialização de qualquer indivíduo na sociedade moderna, de qualquer instituição e vem ditando as regras do jogo de qualquer campo, não apenas o campo empresarial.

O *habitus* empresarial, parece ser uma união entre o clássico e o moderno, entre aspectos morais que ditam uma ordem social oriunda das instâncias tradicionais, a Família, a Igreja e a Escola, associados à ideia de igualdade, liberdade e progresso, principalmente econômico, capaz de mascarar o processo violento e desigual que permeia o conjunto de relações sociais que moldam a empresa e, conseqüentemente, se fazem presentes em espaços fora dela. Um

norteador de comportamentos e ações, presente tanto na subjetividade de cada indivíduo como na forma de constituição das mais diversas estruturas e que se reproduz como uma forma de manutenção de uma determinada ordem social.

Um processo de socialização que atua tanto nos indivíduos como nas estruturas, que se constitui através dos valores, gostos e comportamentos individuais, influenciados por um cenário neoliberal em que a empresa, como instituição central do mundo moderno, promotora de saberes e valores e ao mesmo tempo, como um fenômeno total capaz de atingir agentes e estruturas, passando a ser norteadores da ação dos indivíduos. Conforme já fora apontado em diversos momentos do trabalho e nas mais variadas pesquisas já feitas sobre o processo de empresarização do mundo, percebemos a forma como os princípios e valores da instituição empresa estão presentes na vida de cada indivíduo desde o nascimento até a morte, tornando este, um modelo de organização racional para qualquer aspecto da vida.

Conseqüentemente, percebemos durante a análise, o reflexo dessa influência a partir dos personagens centrais dos livros assim como no próprio processo de produção e consumo deles. O CEO, personagem central, possui características que o diferenciam de qualquer outro personagem, sendo retratado ora como “Príncipe”, ora como um “Deus”, mas sempre como alguém muito mais poderoso e importante que qualquer outro personagem. O indivíduo que mais assume os preceitos da empresa para si e, conseqüentemente, mantém relações sociais que remetem ao comportamento da empresa, possui características de diferenciação dos demais indivíduos e, por isso, possui destaque em qualquer campo, seja ele o da literatura erótica ou o próprio campo organizacional. Percebemos aqui, a forma como estas premissas têm o poder mobilizar a ação, influenciar os gostos e as decisões dos indivíduos através da orquestração do desejo.

Como já mencionado no referencial teórico do trabalho, se o Estado, os clubes de futebol, organizações sem fins lucrativos, organizações culturais e, principalmente, as instituições tradicionais de socialização como a Família, a Escola e a Igreja, passam cada vez mais a se ver e se organizar como empresas, estar sujeito à um processo de socialização, sustentado por um *habitus* empresarial, significa ser constantemente incentivado e ensinado à assumir os preceitos empresariais para qualquer esfera da vida, mesmo que de maneira inconsciente. Durante a análise, esse *habitus* se fez presente em vários momentos, demonstrando abranger não apenas os preceitos empresariais, puramente mercadológicos, financeiros, econômicos e mercantis, voltados para aspectos utilitários e para uma organização racional do trabalho, mas também, aspectos subjetivos, divinos, morais, éticos e religiosos, oriundos de instancias e instituições, que nada tem de empresariais, sendo capaz de nortear até

mesmo o universo fictício. Com a intenção de tornar a compreensão do *habitus* empresarial um tanto mais didático e objetiva, apresentaremos a seguir um quadro atualizado com os referidos elementos que o integram e os respectivos detalhamentos, conforme encontramos ao decorrer da análise.

Quadro 5. Definição do *habitus* empresarial após a análise

<b>HABITUS EMPRESARIAL</b>	
<b>ELEMENTOS</b>	<b>SÍMBOLOS ECONTRADOS</b>
Relações impessoais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetificação do outro;</li> <li>- Relações baseadas no individualismo, comportamento egoísta, linguagem informal;</li> <li>- Relações de consumo;</li> <li>- Corpos como mercadorias;</li> <li>- Dinheiro como poder social;</li> </ul>
Relações de exploração ou assalariamento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Disparidades salariais;</li> <li>- Divisão desigual de trabalho e de bens de produção;</li> <li>- Desemprego, subemprego e informalidade.</li> </ul>
Relações de trabalho ou funcionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Divisões de trabalho, cargos, funções e papéis;</li> <li>- Divisão sexual do trabalho;</li> <li>- Poder oriundo de um cargo;</li> <li>- Separação entre o operacional e o intelectual.</li> </ul>
Relações de dominação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hierarquia, obediência e disciplina;</li> <li>- Controle e poder sobre as coisas e as pessoas;</li> <li>- Homens da ação e não da reflexão;</li> </ul>
Relações concorrenciais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produção massiva, atendimento à demanda;</li> <li>- Rivalidades, individualidades, busca por sucesso e poder;</li> <li>- Discurso de inovação (limitado às tradições familiares)</li> </ul>
Dominação masculina	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mulheres como submissas, homens em posições de prestígio;</li> <li>- Desigualdade de gênero;</li> <li>- Violências morais, físicas, sexuais e simbólicas;</li> <li>- Expressões de um sistema paternalista, formado e controlado por homens;</li> <li>- Divisão sexual do trabalho.</li> <li>- Mulheres como signos fiduciários;</li> </ul>
Heranças familiares	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Hierarquia familiar, baseada na figura de poder (o pai; o marido);</li> <li>- Moral familiar;</li> <li>- Importância da manutenção do matrimônio, como meio de preservar e adquirir capitais;</li> <li>- Sucessão familiar para acumulação e manutenção de capital material e simbólico;</li> </ul>

Heranças Religiosas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Necessidade um líder (Messias), para conduzir a vida (representado aqui através do CEO);</li> <li>- Busca constante por salvação e por significado religioso para os dilemas da vida real;</li> <li>- Ordem moral, baseada nos bons costumes que ordena e limita o comportamento e as ações;</li> <li>- Reprodução de falas negativas sobre as mulheres e a sua feminilidade.</li> </ul>
Heranças escolares	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferença de classes (quem já detém capital acumulado tende a ter mais sucesso escolar);</li> <li>- Contribuição para traçar destinos sociais e a intimidade das imagens de si mesmo.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Encerramos aqui, a análise do material que encontramos durante esta pesquisa com o objetivo de responder às perguntas centrais do trabalho. Para isso, desenvolvemos um capítulo dividido em três grandes seções que estão alinhadas aos objetivos específicos do trabalho. A primeira seção nos propomos a caracterizar a literatura erótico-empresarial e identificar quais os aspectos simbólicos presentes no processo de produção da literatura erótico-empresarial, nosso primeiro objetivo específico. Para isso observamos, como essa literatura se originou, o que a diferencia das demais e por que merece este olhar minucioso que nos levou a escrever essa dissertação. Por isso, analisamos quem produz este nicho literário, quem são as autoras, como chegaram a este mercado e, mais ainda, a tamanha popularidade que a literatura atingiu nos dias de hoje.

A segunda seção, foi dedicada à análise de duas obras, consideradas de maior relevância e popularidade, para que pudéssemos observar o teor das histórias, o que é falado nos livros, quem são os personagens principais, quais são os cenários ou seja, o que, efetivamente, as leitoras estão consumindo. Esta etapa da análise foi crucial para esta pesquisa, considerando que foi aqui que encontramos um conjunto simbólico que remete ao assunto central do trabalho: o *habitus* empresarial.

Na segunda seção, observar como se dá o processo de consumo dessa literatura teve grande importância para entender a aproximação das leitoras com tais aspectos simbólicos, além de contribuir para entendermos o que as leitoras apreciam, porque consomem e algumas críticas que fazem. Nesta seção tivemos uma grande aproximação com as leitoras através dos grupos de *Whatsapp*, instrumento que serviu para que tivéssemos uma imersão no mundo da literatura erótico-empresarial e para que as leitoras revelassem dados muito mais reais e espontâneos do que imaginávamos.



A última seção, como já citado, foi uma tentativa de síntese ou, até mesmo, de dar sentido aos dados que encontramos nas duas seções anteriores. Com o objetivo de discutir como os processos de produção e de consumo da referida literatura se relacionam com o processo de empresarização, buscamos os autores centrais deste trabalho para responder e explicar o conjunto de símbolos que encontramos e como eles tendem a estar diretamente ligados com o comportamento e a lógica empresarial.

Além disso, como já imaginávamos, nos deparamos ao longo da pesquisa com informações que o processo de empresarização não prevê. Este processo está preocupado com a forma como a ideia de empresa passou a ser cada vez mais generalizada para outros espaços. Essa ideia de empresa, consiste no conjunto de características que a instituição carrega consigo, que tendem a contemplar, na sua grande maioria, aspectos econômicos, mercadológicos, utilitários, que orientam a manutenção e a razão de existir de uma empresa. No entanto, ao longo da coleta de dados, encontramos um conjunto de símbolos, que apesar de não possuírem estes aspectos, se fazem presentes tanto no meio empresarial como fora dele, a saber: a desigualdade de gênero, as violências morais, físicas e sexuais e os valores familiares e religiosos.

Por esta razão fizemos o movimento contrário, ao assumirmos que este fenômeno também recebe influências externas de outras instâncias socializadoras, incorporando valores e comportamentos já consolidados e reproduzindo-os como forma de manutenção de uma determinada ordem social. Por fim, concluímos que todo este conjunto de comportamentos revelam muito mais do que mera subjetividade dos indivíduos, mas sim, a nossa forma de socialização atual. As regras do jogo da sociedade contemporânea.

No capítulo a seguir, nos propomos a realizar as considerações finais deste trabalho, fazendo um breve resumo do que foi apresentado até aqui, as limitações e dificuldades que encontramos no decorrer da pesquisa, sugestões para estudos futuros e a conclusão da análise.

### Considerações finais

Diante da análise dos dados encontrados, descritos e discutidos nas seções anteriores, faz-se necessário traçar algumas amarrações e considerações finais com o intuito de propor algumas reflexões sobre o que foi questionado no começo dessa dissertação e o que foi encontrado ao longo dela. Muito longe de esgotar ou encerrar essa discussão, também gostaríamos de demonstrar aqui algumas limitações, lacunas e possibilidades de estudos futuros que ainda possam ser feitos.

Ressaltamos novamente, que o esforço que realizamos até aqui, foi a tentativa de trazer um novo olhar teórico para pensar o processo de empresarização do mundo, a partir de combinações teóricas que ainda não haviam sido trabalhadas dentro da Sociologia. Por essas razões, ainda é possível que com o tempo, as conclusões feitas aqui sejam passíveis de mudanças e atualizações à medida em que sejam incluídos outros objetos de estudos e novas reflexões tanto teóricas como empíricas.

O presente estudo teve como objetivo principal analisar como o conjunto de símbolos presentes no subcampo da literatura erótico-empresarial contribui para consolidar o *habitus* empresarial e, conseqüentemente, intensificar a ideia de empresa em nosso mundo. Para responder a esse questionamento inicial, optamos por um objeto de estudo ainda não observado dentro da Sociologia, a literatura erótico-empresarial. Os estudos existentes acerca do tema, se restringem à análise da literatura erótica em um contexto amplo, observando aspectos temporais, classificações e mudanças no nicho literário, sem fazer qualquer relação da literatura em questão com aspectos empresariais. Encontramos aqui um nicho literário, nitidamente influenciado pela trilogia de 50 Tons de Cinza, assim como por outras literaturas de cunho erótico, com um diferencial que nos fez optar pelas obras em questão, que foi a presença expressiva da figura central de poder dentro das empresas, o CEO, representado aqui como objeto de fetiche sexual, diferente de qualquer outra literatura em que esse personagem apareça.

A presença tanto desse personagem como dos cenários empresariais, presentes em qualquer um dos livros apresentados até aqui, reforçam a forma como o comportamento empresarial se faz presente nos mais variados espaços e por essa razão, nos propomos a compreender e analisar esses livros, a partir do processo de empresarização. Para isso, definimos os seguintes objetivos específicos da pesquisa: analisar os aspectos simbólicos presentes no processo de produção da literatura erótico-empresarial, através da percepção das autoras, do processo de escrita e das próprias histórias, cenários e personagens em cada livro;

analisar como o processo de consumo da literatura erótico-empresarial e a aproximação que possuem com tais aspectos simbólicos, a partir do ponto de vista de quem consome, para tentar compreender porque consome, o que percebe e se há alguma identificação com os cenários e situações presentes nos livros e; discutir como os processos de produção e de consumo da referida literatura se relacionam com o processo de empresarização, ou seja, a ligação entre o processo de empresarização e o conjunto simbólico encontrado em ambas as etapas, assim como no comportamento dos agentes presentes no campo.

Em um primeiro momento, foi necessário caracterizar e explicar o que é esse comportamento empresarial e qual a concepção de empresa no mundo moderno e para isso, os estudos iniciais de Solé (2008), Abraham (2006), Rodrigues e Silva (2019) e Rodrigues (2021) serviram de arcabouço para pensar nessas questões. Ainda sobre o processo de empresarização, os estudos já existentes sobre esse fenômeno, nos ajudaram a compreender a forma como ele pode se expressar em espaços que não são empresariais, seja através de discursos, comportamentos, formas de constituição das organizações e as próprias relações sociais presente no comportamento dos indivíduos.

Inicialmente, caracterizamos a empresa a partir dos pressupostos iniciais de Abraham (2006), como uma instituição e as respectivas formas de agir e pensar que norteiam o comportamento empresarial: o individualismo e a invenção da realidade econômica; o mito fundador da escassez; a noção de propriedade privada, apropriação e exploração pelo racionalismo, racionalidade e burocracia e; a inovação, o desenvolvimento e a ideologia do progresso. Qualquer uma destas formas de agir e pensar, assim como as relações impessoais, relações de trabalho, relações de dominação, relações de exploração e relações concorrenciais, foram facilmente identificadas tanto no processo produtivo de qualquer uma das obras em questão, como no processo de consumo ou no próprio comportamento das autoras, consumidoras e personagens das histórias.

Quando começamos a trabalhar com essa pesquisa e, especificamente, com o nicho literário que escolhemos, não tínhamos ideia da proporção e com o que realmente estávamos trabalhando. Apesar de termos um olhar bastante crítico sobre eles, em um primeiro momento, tratando-os como uma “literatura barata” ou “literatura de menor qualidade”, esse universo literário nos revelou muito mais do que esperávamos. A análise dos dados dessa pesquisa, revela um universo tão diferente se compararmos com o universo das obras acadêmicas ou obras clássicas e, ao mesmo tempo, tão próximo do cotidiano de qualquer indivíduo. As histórias que estão aqui e as tantas outras que existem, apesar de meros contos de ficção, na verdade, são a

mais pura realidade, o puro reflexo do contexto social e, principalmente, organizacional que vivemos.

Talvez a principal proposta dessa pesquisa foi retratar uma realidade social, o contexto que estamos vivendo, o cenário político, econômico e social do Brasil de 2023. O ponto crucial se deu quando percebemos, que as características encontradas nos livros de ficção, por mais absurdas que sejam, principalmente quando retratam as mais diversas formas de violências, desigualdades, injustiças e dominações, também são o reflexo do cenário que vivemos, principalmente dentro de contextos empresariais.

Apesar da maioria dos dados encontrados na pesquisa, irem ao encontro com o *modus operandi* das organizações empresarias, fazendo referência aos cinco modos de agir e pensar e sendo representados através das relações sociais entre quem consome e quem produz ou, até mesmo, nas relações estabelecidas entre os personagens dos livros, em alguns momentos, nos deparamos com situações e comportamentos que estes cinco modos de agir e pensar assim como as relações sociais não eram capazes de explicar, mas que estavam fortemente presentes tanto no comportamento dos agentes, quanto em qualquer instituição ou organização moderna. Eis aqui, a necessidade de associar um novo conjunto teórico ao processo de empresarização que poderia compreender todo esse amplo conjunto de valores, crenças, escolhas, opiniões e comportamentos, que não apenas remetem aos valores da instituição empresa, mas que também moldam os comportamentos e movem a ação dos indivíduos na sociedade moderna.

Passamos então a pensar, que se a empresa, como instituição, também é um produto da história, que surge e recebe constantes influências políticas, econômicas, sociais, portanto, ela também tende a incorporar valores e saberes das instâncias tradicionais de socialização, conforme proposto por Bourdieu (1989). Os valores familiares, escolares e religiosos, ainda se fazem presentes nos dias de hoje, inclusive na forma de constituição de organizações empresariais, no entanto, talvez não sejam capazes de responder às mudanças e pressões do mundo moderno, em que as preocupações são muito mais voltadas aos bens de consumo, trabalho, valores econômicos, ascensão profissional, manutenção e valorização de capital humano como já proposto por Foucault (2008) e da valorização do homem da competição e do desempenho, como já diria Laval e Dardot (2009), o Deus moderno feito para vencer e que incorpora os pressupostos da empresa para si.

Se inicialmente, Solé (2008), Abraham (2006), Rodrigues e Silva (2019) ou até mesmo, antes de qualquer um desses autores, Weber (2004b) e Durkheim (1999) já falavam sobre a divisão racional do trabalho, a divisão de tarefas, a hierarquia, a disciplina e o poder disseminado através da figura de um líder, passamos a pensar aqui, na divisão sexual do

trabalho, que se reforça e se sustenta principalmente através da instituição familiar. Como já explicado por Bourdieu (2020), é nesta instância que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão.

A divisão do trabalho, quando associada a uma instância tradicional como a família e a escola que persiste em transmitir os pressupostos da representação patriarcal, contribui para traçar tanto os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo. Da mesma forma, a Igreja, marcada pelo antifeminismo, e pela imposição de uma moral familiarista dominada pelos valores patriarcais e pelo dogma da inferioridade das mulheres, fortalece e sustenta a divisão sexual do trabalho não apenas no âmbito familiar, mas em qualquer espaço de trabalho, em qualquer organização que incorpore as formas de organizar baseadas na hierarquia e divisão de cargos ou tarefas.

Se pensarmos nos pressupostos iniciais que sustentam a ideia de empresa e, principalmente, nas relações concorrenciais propostas por Abraham (2006) e observadas por Rodrigues e Silva (2019), assim como para a maioria dos autores que estudam a temática, o termo concorrência é compreendido como um conceito puramente mercadológico e utilitarista. No entanto, quando associado à uma noção religiosa, ou quando perpassa por um discurso religioso, ele incorpora tons, não mais racionais, mas de divindade, desaparecendo cada vez mais a lógica racional do processo de empresarização e passando a ser incorporado para qualquer situação ou espaço, inclusive na própria esfera individual.

Outro ponto central, é a questão da dominação, que quando observada pelos autores se entende por uma dominação burocrática dentro do contexto organizacional, no entanto, a partir dos livros e dos relatos das autoras, passamos a observar essas formas de dominação influenciadas também por relações tradicionais. A aproximação das mais diversas formas de dominação associadas, mais uma vez, com a instância familiar além de receber maior legitimidade em um sentido “moral” ou “ético”, tende a reforçar especialmente a dominação masculina, ligada às figuras de poder dentro do âmbito familiar: o pai e o marido.

As instâncias tradicionais de socialização parecem fornecer elementos que sustentam ainda mais o processo de empresarização e as próprias relações sociais. Como podemos perceber na fala das leitoras, no modelo de escrita, nos contos presentes nos livros, existe uma fé nos preceitos empresariais, uma fé numa maneira de organizar empresarial ainda que inconsciente, que ultrapassa os aspectos racionais e chega a um patamar transcendental. A crença, consciente ou não, na empresa como instituição central no mundo e nos indivíduos que detêm poder dentro dela, que nada mais são que a forma personificada dessa instituição, transforma o comportamento e, conseqüentemente, todo o conjunto simbólico que remete à essa

instituição, chamado aqui de *habitus* empresarial, em uma questão moral, de comportamento adequado, ético e correto.

A sucessão familiar, o poder exercido pelo dinheiro, as formas de dominação, controle, poder, as expressões de um sistema paternalista, machista, formado e controlado por figuras masculinas, as divisões de trabalho, cargos e de posições, a divisão sexual do trabalho a linguagem informal, homens da ação e não da reflexão, as relações de impessoais e os indivíduos como objetos, os corpos como mercadoria, a disputas de posições, as rivalidades, as individualidades, as escolhas estéticas, as diferenças de classe, as violências simbólicas, violências morais, sexuais e físicas, a manutenção e acumulação de um capital simbólico e o discurso de inovação limitado às tradições familiares, são o que formam e sustentam um *habitus* empresarial socializador e mobilizador da ação de qualquer agente dentro de qualquer campo. São as regras que regem não apenas os indivíduos, mas também as estruturas, que moldam o desejo, que legitimam comportamentos, criam leis, regulam a economia, elegem candidatos políticos e decidem os postos de poder e quem os ocupa.

O título dessa dissertação “De terno, gravata e algemas” remete não apenas ao conteúdo que encontramos em qualquer um dos livros aqui analisados, considerando a forma de se vestir dos personagens masculinos e a própria temática erótica das histórias que tendem a envolver temas como sadomasoquismo, bondage, disciplina e submissão, principalmente, representados durante os contos através de instrumentos como algemas, cordas ou outros objetos sexuais, mas também remete à forma como o próprio *habitus* empresarial aparece no mundo contemporâneo. De terno e gravata, oriundo e fortemente disseminado através do olhar e da percepção do “mundo dos homens”, com diálogos, estética e formas consideradas modernas, sustentadas através de pressupostos liberais, contudo, algemado, preso, acorrentado à instrumentos de socialização históricos, amarrado a uma ordem social e moral composta por comportamentos e valores que consolidam e sustentam um conjunto de posições sociais e as mais diversas formas de dominação presentes no mundo desde a antiguidade até os dias de hoje.

A existência desse nicho literário, que trata com tanta naturalidade assuntos que são tão polêmicos, inclusive de uma forma romântica, talvez seja o resultado e a expressão de um ponto de vista, uma *doxa*, e de um modo de vida que nos é imposto, que é enraizado. Quem produz e quem consome esta literatura, tende a estar tão imerso neste conjunto de comportamentos, neste *habitus* empresarial, a ponto de torná-lo imperceptível, natural e, inclusive, inconsciente, como única opção, como um reflexo do seu cotidiano.

A visão inicial que tínhamos sobre esse nicho literário e, inclusive, a visão que as leitoras e autoras disseminam e compreendem, é que eles são uma forma de resistência, um

movimento contrário ao mercado editorial erótico que por tanto tempo foi majoritariamente pensado e publicado para o público masculino. O que encontramos até aqui, foi um mercado feito por e para mulheres, no entanto, mesmo quando tentam revolucionar esse nicho literário acabam retornando a mantendo determinados padrões de cenários, histórias, personagens e contextos que são socialmente aceitos ou apenas, socialmente comuns.

De modo geral, podemos concluir que os resultados encontrados e analisados assim como os livros e o material coletado através de meios digitais proporcionaram um conteúdo interessante e amplo para ser discutido ao longo da dissertação, revelando informações e reflexões que não havíamos previsto. A disponibilidade e interesse das leitoras em contribuir com informações um pouco mais profundas sobre a percepção delas a respeito dessas obras foi crucial para que pudéssemos compreender principalmente a forma como elas se identificavam com os livros e, ao contrário do que pensávamos inicialmente, a maioria delas também têm um olhar bastante crítico sobre as obras, no entanto, tem a plena consciência de que são livros de ficção e continuam consumindo as leituras por puro entretenimento e distração.

A forma como todos esses dados foram coletados facilitou muito o andamento da pesquisa, considerando que ela foi desenvolvida em meio à pandemia do COVID-19, logo, provavelmente não seria possível realizar entrevistas e conversas com as leitoras de maneira física. No entanto, acreditamos que seria uma ótima experiência participar dos encontros com as leitoras e autoras em Bienais e Feiras do Livro, além de ser uma maneira de conhecer ainda mais sobre esse nicho literário tão popular atualmente. Participar dos grupos de *Whatsapp* com as leitoras e autoras permitiu que coletássemos dados de forma espontânea, em que ambas compartilhavam relatos e situações de maneira aberta.

Quanto aos percursos teóricos escolhidos ao longo da dissertação, podemos concluir que foi um processo satisfatório e audacioso ao mesmo tempo. Desde o começo da dissertação pensamos em desenvolver esse novo caminho teórico, por ser uma oportunidade de produzir algo novo, combinando dois caminhos teóricos fascinantes e que aparentemente se complementam. Foi uma tarefa ampla e que exigiu um aprofundamento de ambas as teorias, acreditamos que ainda existam pontos que possam suprimir algumas lacunas e que necessitam ser mais explorados como por exemplo, os conceitos de campo e capital de Bourdieu. No entanto, deixaremos essas sugestões para estudos futuros, devido ao limite de tempo para desenvolver esse trabalho.

Outro ponto importante, é a abrangência do estudo quanto à coleta de dados e objetos de análise. Pode ser importante e interessante observar a atuação do *habitus* empresarial em outros campos e espaços. Além disso, pode-se pensar também em outros nichos de literatura,

filmes, ou até mesmo, através de conteúdos produzidos e reproduzidos através da internet.

Uma outra maneira de compreender e principalmente de analisar esse conjunto simbólico que constituem o *habitus* empresarial nos mais variados espaços, pode ser feito através da combinação do conjunto teórico utilizado aqui com outras metodologias de pesquisa, como por exemplo a Análise do Discurso. Esse método de pesquisa tem como um dos principais objetivos explorar, através da relação entre texto, discurso e contexto a forma como eles contribuem para criar uma realidade social.

Também acreditamos, que ao aprofundar e avançar no entendimento e nos estudos sobre o tema, o conjunto de características que constituem o *habitus* empresarial possa ser complementado, visto que essa é uma discussão longe de ser encerrada. As mudanças sociais, políticas e econômicas também tendem a atualizar e trazer novas contribuições importantes para essa categoria que futuramente pode ser novamente observada e repensada.



## Referências

- ABRAHAM, Yves-Marie. **L'entreprise est-elle nécessaire?** In: DUPUIS, Jean-Pierre (org.). **Sociologie de l'entreprise**. Montréal: Gaëtan Morin Editeur, 2006
- ALEXANDRIAN, S. **História da Literatura Erótica**. Tradução: Ana Maria Scherer e José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 439 p.
- ARAUJO, Ayana Zanuncio. **Impacto a política pública de agricultura familiar nas relações dos agricultores: uma análise fundamentada na teoria da empresarização**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- ARAUJO, Ayana Zanúncio; SILVA, Rosimeri Carvalho da. A Agricultura Familiar e a expansão das Relações Sociais inerentes à Empresa. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 5, p.85-112, 2016.
- ARNONI, Vitor Abreu. **Vender a si mesmo e a sua verdade: o processo de empresarização do eu dos músicos produtores de conteúdo digital**. Orientador: Marcio Silva Rodrigues. 2022. 154f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.
- AZEVEDO, N. D. Pelo buraco da fechadura: autores e obras da literatura erótica lusobrasileiros (1890-1912). **SOLETRAS Revista**. Rio de Janeiro, n. 34, p. 354-377, jul-dez., 2017
- BADIA, Octavio de Castilhos. **O posicionamento das empresas de educação na construção do Plano Nacional de Educação 2014-2024: uma análise a partir da teoria da empresarização**. 2017. 125 f. Dissertação (Mestrado e, Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BARCELOS, Marcio.; RODRIGUES, Marcio Silva . Concepções de Política Pública e Práticas Discursivas: Uma Análise sobre as Políticas para a Educação Superior nos Governos Lula (2003-2010). **ARCHIVOS ANALÍTICOS DE POLÍTICAS EDUCATIVAS / EDUCATION POLICY ANALYSIS ARCHIVES**, v. 25, p. 123, 2017.
- BAUER, M. W.; AARTS, B. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 39-63.
- BORGES, J. C. P.; BARCELOS, M.; RODRIGUES, M. S. Empresarização da saúde pública: o caso da EBSEH. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 4, p. 75-90, out./dez. 2018.
- BORGES, J. C. P.; RODRIGUES, M. O Estado e a generalização da forma empresa: uma análise da percepção de agentes públicos acerca do papel da Secult em Pelotas/RS. **Revista Sinergia**, v. 21, n. 2, p. 81-94, jul./dez. 2017.
- BOSCO, A. M. **Sucessos que não ocorrem por acaso. Literaturas de Auto-Ajuda**. Campinas, Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Campinas, 2001

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 18ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020

BOURDIEU, P. A economia dos bens simbólicos. In: : Actes de la recherche en sciences sociales. **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação**. Campinas, Ed. Papyrus, 9ª. Edição, 2008, pp. 157-195.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando de Tomaz. Memória e Sociedade, Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1989

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP, Papyrus, 1996

BOURDIEU, P. [1970] O mercado de bens simbólicos. In: MICELI, S. (Org.) Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2007

BREI, Vinicius Andrade. **Da Necessidade ao Desejo de Consumo: uma análise da ação do marketing sobre a água potável**. Porto Alegre, UFRGS, 2007. Tese (Doutorado em Administração), Curso de PósGraduação em Administração – PPGA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

BRULON, Vanessa. Transpondo Bourdieu para as Organizações: um Convite à Sociologia Reflexiva em Estudos Organizacionais. **XXXVII Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro, 2013.

CALVO, P. V. Reproducción de discursos dominantes en la tecnología: Análisis crítico del discurso aplicado a los asistentes de voz virtuales. **Discurso & Sociedad**, Vol.15(3), 2021, 680-700. Disponível em: < <http://www.dissoc.org/ediciones/v15n03/DS15%283%29Vila.html> > acessado em: 07 de fevereiro de 2022

CASANOVA, J. L. Uma avaliação conceptual do "habitus". **Revista Sociologia – Problemas e Práticas**. Nº 18, 1995, p. 45-68

CHALITA, Marie Anne Najm. PRODUÇÃO DO HABITUS EMPRESARIAL NA CITRICULTURA PAULISTA. **Rev. de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 41-61, jan./jun. 2008

CHIARAMONTE, Aline Rodrigues. **Lutas simbólicas e doxa: jornalistas e acadêmicos no caso da 'lista dos improdutivos' da USP**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-16032016-153615. Acesso em: 2022-05-04.

CONSIDINE, Mark. **Enterprising States: The Public Management of Welfare-to-Work**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COSTA, Cristiane Simões Neto. **A Empresarização do Espaço em Cidades Locais: um estudo no município de São José do Norte**. 2017. 100f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COSTA, C. E. S. da. **Processo de Empresarização nos clubes de futebol e as conseqüências sobre o controle organizacional**. Orientadora: Rosimeri Carvalho da Silva. 2005. 208 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração,

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 164 Revista Grifos REVISTA GRIFOS - N. 47 – 2019

COSTA, Carlos Everaldo Silva da; SILVA, Rosimeri Carvalho da. Empresarização e controle organizacional: um estudo nos clubes de futebol em Santa Catarina. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p.1-16, 2006

CUADRA PALMA, L. N. .; RESTREPO QUINTERO, K. La mutación del habitus empresarial chileno a partir de dos metáforas sobre el liderazgo femenino. **Revista Científica General José María Córdova**, [S. l.], v. 18, n. 30, p. 461–476, 2020. DOI: 10.21830/19006586.592. Disponível em: <https://revistacientificaesmic.com/index.php/esmic/article/view/592>. Acesso em: 30 nov. 2022.

De Clercq, D. and Voronov, M. Toward a Practice Perspective of Entrepreneurship. **International small business journal**, 27(4), pp. 395–419. 2009.

DOBBIN, F. **The poverty of organizational theory**: comment on: “Bourdieu and organizational analysis”. *Theory and Society*, v. 37, p. 53-63, 2008.

DURIEUX, A. **O processo de empresarização do voleibol catarinense**. Orientadora: Eloise Helena Livramento Dellagnelo. 2005. 146 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Duquia, AA, Franz, AH, Barcelos, M., & Rodrigues, MS (2022). Políticas públicas e estudos organizacionais: uma articulação teórica para analisar as formas de organização dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (Brasil). *Education Policy Analysis Archives* , 30 , (142). <https://doi.org/10.14507/epaa.30.6776>

EMIRBAYER, Mustafa; JOHNSON, Victoria. **Bourdieu and Organizational Analysis**. *Theory and Society*, v.31, n.1, 2008

EROTISMO. In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/erotismo/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

EXAME (org.). **50 tons de Cinza arrecada mais de R\$1,5 bilhão em bilheteria**. 2015. Disponível em: <https://exame.com/casual/50-tons-de-cinza-arrecada-mais-de-r-1-5-bilhao-em-bilheteria/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FAGUNDES, G. A. Algumas reflexões em torno dos conceitos de habitus, campo e capital cultural. **Revista Café com Sociologia**. v. 6 n. 2 (2017): MAI./JUL. 2017

FRANCKLIN, Paula Fernandes Drummond. **O protagonismo da mulher na literatura erótica contemporânea**. 2015. 91. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FRANZ, A. H.; RODRIGUES, M. S. . Da Universidade operacional à Universidade empreendedora: reflexões sobre o avanço do neoliberalismo na educação superior brasileira. **SIMBIÓTICA**, v. 8, p. 53-85, 2021.



NASCIMENTO, Luciana Silva do; SILVA, Márcia Gomes dos Santos. Agência de Inovação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a construção do habitus empreendedor a partir da formação docente. **Educação Contemporânea** - Volume 25 - Ensino, Pesquisa e Extensão Belo Horizonte– MG: Poisson, 2021 DOI: 10.36229/978-65-5866-077-4

NEVES, Maria Wanderley. Rumos Históricos da Organização Privatista. In: **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990**. São Paulo: Xamã, 2002.

Shiraishi Neto, J. (2007). O campo Jurídico em Pierre Bourdieu: a produção de uma verdade a partir da noção de propriedade privada nos manuais de Direito. *Confluências | Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito*, 9(2), 125-142.

ONOFRE, Isabel Sarkis, et. al. DO HIPPIE AO CHIQUE: OS SIGNOS PRESENTES NO CONSUMO DE CESTAS DE ALIMENTOS ORGÂNICOS. **Acta Ambiental Catarinense**. Vol. 20 n.1. 2022

ORTIZ, Renato. “**A procura de uma sociologia da prática**”. In: BOURDIEU, Pierre, *Sociologia*, São Paulo: Ática, 1983.

PICANÇO, M. **O poder da solução**: a construção do mercado de literatura de autoajuda (voltada a negócios). 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PARETO, V. **Manual de economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996

PECI, Alketa. ESTRUTURA E AÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES: ALGUMAS PERSPECTIVAS SOCIOLOGICAS. **RAE**, vol. 43 n° 1, p. 24-35, 2003

PORNOGRAFIA. In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pornografia/> Acesso em: 24 jan. 2022.

RODRIGUES, M. S. **Mercadores de emoção**: um estudo sobre a empresarização dos clubes de futebol brasileiros. Orientadora: Rosimeri Carvalho da Silva. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RODRIGUES, Marcio Silva. O Novo Ministério da Verdade: o discurso de Veja sobre o ensino superior e a consolidação da ideia de empresa no Brasil (1968-2020). **DISCURSO & SOCIEDAD**, v. 15, p. 464-497, 2021.

RODRIGUES, M. S. **O novo ministério da verdade**: o discurso de VEJA sobre o campo do Ensino Superior e a consolidação da empresa no Brasil. 2013. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da. Empresarização no Figueirense Futebol Club e no Sport Club Internacional. **Gestão. Org**, Recife, v. 4, n. 3, p. 38-54, 2006a.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da. Clientes ou torcedores: a empresarização do futebol no Brasil. **Revista Alcance**, Biguaçu, v. 13, n. 2, p. 167-184, 2006b.

RODRIGUES, M. S.; DA SILVA, R. Empresarização e Modernidade: A ideia de Empresa no Centro do Mundo. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*. v. 6, n. 1, p. 40- 76, abr. 2019a.

RODRIGUES, M. S.; DA SILVA, R. Nova república, novas práticas: uma análise do processo de empresarização do ensino superior no Brasil (1990-2010). *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 176-218, 2019b.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da. Nova república, novas práticas: uma análise do processo de empresarização do ensino superior no Brasil (1990 - 2010). **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade (Farol)**, v. 6, n. 15, p. 176-218, 2019b. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4855>. Acesso em: 09 out. 2021.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C. da.; DELLAGNELO, E. H. L. O Processo de Empresarização em Organizações Culturais Brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 66-85, jan./mar. 2014.

ROSA, A. R.; BRITO, M. J. Ensaio sobre violência simbólica nas organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 51, art. 2, p. 629-646, 2009.

ROSA, A. R.; BRITO, M. J. de. “Corpo e Alma” nas Organizações: um Estudo Sobre Dominação e Construção Social dos Corpos na Organização Militar. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 2, art. 1, pp.194-211, Mar./Abr. 2010

SAHLINS, Marshal. **A primeira sociedade da afluência**. In: CARVALHO, E. A. *Antropologia Econômica*. São Paulo: Humanas, 1978

SALLES, H. K. de.; DELLAGNELO, E. H. L. A Análise Crítica do Discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. **Revista Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 90, p. 414-434, jul./set. 2019 DOI 10.1590/1984-9260902

SCHUMPETER, Joseph. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961

SCKELL, Soraya Nour. Os juristas e o direito em Bourdieu: a conflituosa construção histórica da racionalidade jurídica. **Tempo Social [online]**. 2016, v. 28, n. 1 [Acessado 7 abril 2022] , pp. 157-178. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.107933>>. ISSN 1809-4554. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.107933>.

SERRA, A.R. C. **A empresarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros**. Orientadora: Rosimeri Carvalho da Silva. 2005. 195f. Dissertação (Mestrado em Administração) Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005

SETTON, M. da G. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.20, p.60-70, maio/ago. 2002.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996

SOLÉ, Andreu. L'entreprisisation du monde. In: CHAIZE, Jaques; TORRES, Félix. **Repenser l'entreprise: Saisir ce qui commence, vingt regards sur une idée neuve**. Paris: Le Cherche Midi, 2008.

SOLÉ, Andreu; PHAM, Dang. Esta imagem da qual somos tão prisioneiros. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**. Vol. 1 Número 1. Janeiro/Junho 2003

SOUSA, Luiz Pereira de. Literatura erótica e seus processos de classificação . Monografia. Universidade Federal do Ceará. p. 1 -85. 2009. Disponível em : [/https://www.repositoriobib.ufc.br/00000A/00000A9A.pdf](https://www.repositoriobib.ufc.br/00000A/00000A9A.pdf) . Acesso em: 07 de fevereiro de 2022

SWARTZ, David L.. **Bringing Bourdieu's Master Concepts into Organizational Analysis**. *Theory and Society*, v.37, n.1, 2008.

TAVARES, L. F. Empresa, Mercado e Cultura: o processo de empresarização no Grupo Tholl. Orientador: Marcio Silva Rodrigues. 2011. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011

TOMETICH, P. **O empreendedorismo como uma relação assalariada: um estudo sobre um traço da empresarização**. Orientadora: Rosimeri de Fátima Carvalho da Silva. 2019. 196 f. Tese. (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

TOMETICH, P.; SILVA, R. C. da. O processo de empresarização e as mudanças nas relações de assalariamento e exploração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 2, p. 71-87, abr./jun. 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria - Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. **Mundo Urbano** - Publicación digital especializada en investigación urbana, v. 14, 2001.

VARGAS, L. M.; RODRIGUES, M. S. A EMPRESARIZAÇÃO DOS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE CONCORRÊNCIA E DE CONSUMO. *Revista Gestão Organizacional*. v. 12 n. 4. Set/Dez, 2019

VERGARA, Silvia Constant. **Métodos de coleta de Dados no Campo**. 5. ed. Santa Catarina: Atlas, 2000

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Introdução à pesquisa qualitativa em administração: questões teóricas e epistemológicas. In: **Pesquisa Qualitativa em Administração**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brazil: EDITORA FGV, 2004. cap. 1, p. 14-28.

WACQUANT, Loïc J. D. Notas para esclarecer a noção de habitus. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 6, n. 16, pp.5-11, 2007, ISSN 1676-8965.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo: texto integral**. São Paulo: Martin Claret, 2004b.

WEEGE, M. de L. **O consumo da literatura erótica: Um estudo sobre o perfil do leitor durante a pandemia da COVID-19.** Monografia de Graduação. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22969> acessado em: 07 de fevereiro de 2022

WOOD JR., T. **Organizações de simbolismo intensivo.** In: CALDAS, M. e WOOD JR., T. Transformação e realidade organizacional. São Paulo: Editora Atlas: 1999.

WOOD Jr., T. PAULA, A. O culto da performance e o indivíduo S/A. In: EHRENBERG, A. O culto da performance. Da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, Ed. Ideias e Letras, 2010.

WOOD Jr, T. PAULA, A. (2002a) T. Pop-management: a literatura popular de gestão no brasil. Relatório de pesquisa n°3. Núcleo de pesquisas e publicações. São Paulo, EAESP/FGV, 2002b.

WOOD JUNIOR, Thomaz; PAULA, Ana Paula Paes de. Pop-management: contos de paixão, lucro e poder. **Organizações & Sociedade**, [S.L.], v. 9, n. 24, p. 39-51, ago. 2002a. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-92302002000200003>